CIDADE RETOMA O TRABALHO TEMENDO NOVOS ATENTADOS

TRIBUNA da imprensa — SEM CENSURA

ANO XXX — N.º 9.458 — RIO DE JANEIRO — RJ
Segunda-feira, 1 de setembro de 1980

Khair espera que Figueiredo passe das promessas à ação efetiva

A cidade retoma hoje seu ritmo normal de trabalho sob o temor de que novos atentados ou ameaças terroristas, porque transcorridos cinco dias do atentado à OAB e à Câmara de Vereadores nenhum sinal de que as investigações estejam sendo conduzidas no rumo certo foi dado até agora. Ontem o deputado Edson Khair, do PMDB, declarava à TRIBUNA que a morosidade na apuração dos atos terroristas começava a preocupar setores representativos da sociedade, por não ver nenhum resultado nas promessas feitas pelo general Figueiredo. O Legislativo se mobiliza para investigar as causas e efeitos do terrorismo, com a CPI sobre violência urbana apurando o terrorismo, enquanto o senador Franco Montoro pedirá a constituição de uma CPI com este fim. — **(Página 2)**

FIGUEIREDO: APOIO CONTRA O TERROR, SÓ CONTRA TERROR

De HELIO FERNANDES

HOJE às duas horas da tarde a escalada do terror estará completando 5 dias dessa nova fase. Já não é mais a intimidação do terror, agora é a morte pelo terror, é o assassinato pelo terror, é a destruição indiscriminada pelo terror. E nesses 5 dias decorridos o que foi feito contra esse terrorismo encapuzado mas com o rabo de fora? Nada vezes nada. Essa é que é a verdade melancólica. O País inteiro se colocou ao lado do general Figueiredo, apoiou-o, deu-lhe solidariedade, não faltou a ele no momento de maior gravidade quando o País inteiro ameaçava naufragar diante do terrorismo de certa forma desconhecido e de certa forma mais do que conhecido. Desse atentado contra a OAB, como da análise de qualquer episódio (só que esse trágico, levando a vida de um inocente e ameaçando outros em qualquer ponto do País e da cidade), podemos tirar um número colossal de conclusões. Vejamos a análise desse novo ato de terror, o primeiro com morte, aonde nos leva em matéria de constatação, não uma mas várias.

1 — TODO o País reconheceu imediatamente, e o general Figueiredo foi um dos primeiros a proclamar o fato publicamente, que **"os atentados visavam e visam o meu governo, e êsses facínoras poderiam abandonar os inocentes se dirigindo diretamente contra mim"**. Essa é a primeira e a mais importante constatação, feita curiosamente pela mais importante autoridade brasileira: os atentados têm como alvo não o general Figueiredo pessoalmente, mas o seu governo, as suas diretrizes políticas, o seu programa de redemocratização e de implantação no País de um verdadeiro Estado de Direito e de liberdade coletiva. 2 — A partir dessa constatação, ficou evidente que os atentados vinham das sombras da direita, tinham sido cometidos pelos **"radicais com a obsessão da violência"**. 3 — A partir dessa constatação, tendo obtido o apoio de todo o País para a cruzada contra o terror e os terroristas, e apenas contra isso nada mais do que isso, o governo estranhamente se encolheu, passou a se manifestar por palavras e não mais por ações. 4 — O general Figueiredo fez dois discursos que se merecem total solidariedade na parte em que **"prometem extirpar esse terror dos radicais com obsessão da violência"**, inclui outros itens que não estavam no cheque em branco que o País deu ao general Figueiredo, como por exemplo a defesa do seu Ministério.

5 — NOS dois discursos que pronunciou contra o terrorismo, flamejante, sincero, deixando ver a todo momento a sua face da revolta, o general João Figueiredo saiu a campo também em defesa do seu Ministério, defesa que não estava em pauta. Ministério que não está sendo atingido nem serve como alvo dos terroristas, pois já está mais do que provado que os atos de terrorismo têm base política. O terror é político, não está preocupado com o Ministério do general Figueiredo, pois a condução do processo político cabe ao general João Figueiredo, só a ele e a mais ninguém. Portanto, o general João Figueiredo visivelmente perdeu terreno quando fez a defesa apaixonada do seu Ministério, dizendo **"que eu os nomeio e os demitirei na hora que achar que isso é necessário"**. Ora, o Ministério não estava em causa, e foi a própria Secom, intrometida, incapaz e incompetente, que revelou à Nação numa pesquisa que ninguém pediu, que **"o Ministério Figueiredo era altamente impopular"**. Se de dentro do Planalto é feita uma pesquisa e dessa pesquisa se constata o que a Nação já havia constatado com grande antecedência, a incompetência desse Ministério, por que o general João Figueiredo tinha que vir publicamente em defesa desse Ministério? Foi um erro de tática e de estratégia, e principalmente de oportunidade.

6 — ALÉM do mais, englobando terror e Ministério, o general João Figueiredo exorbitou da solidariedade que havia recebido do País, usou indevidamente o cheque em branco contra o terror para defender o Ministério (que é indefensável), e corre o risco de estar sacando sem fundos, pois isto tem que ser repetido exaustivamente: o País está solidário com o general João Figueiredo **unicamente** na luta contra o terror, **apenas** contra o terror, **exclusivamente** contra o terror. O resto é o resto e não está incluído no voto de solidariedade que o general Figueiredo recebeu. Ou em outras palavras: a luta contra a política econômica e financeira errada, a campanha contra a dívida externa, a guerra para expulsar as multinacionais do País, a batalha para economizar 10 bilhões de dólares que as multinacionais nos tomam em troca de nada para que possamos gastar esse dinheiro com petróleo enquanto não vem a auto-suficiência, a luta contra as usinas nucleares, contra a corrupção, contra as mordomias, contra os gastos perdulários, contra os fantásticos déficits no balanço de pagamentos, déficits que poderiam ser atenuados ou até eliminados, tudo isso continua e não tem nada a ver com o terrorismo.

7 — INFELIZMENTE no terreno prático nada foi feito. Avocou-se a questão do terrorismo para o plano federal, mas ainda aí o que se fez "foi chover no molhado", pois é a própria Constituição que diz que nos casos de Segurança Nacional a ação será federal e não estadual. Mas fora desse decreto, além desse decreto, não houve ação nenhuma, nada foi feito nem tentado. O perito que a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro mandou para a OAB era **"um especialista em engenharia"**, e provou nos 10 minutos que ficou na OAB que não só estava desinteressado, pois quem fica 10 minutos num local não pode pretender muito, como também não conhece nem conhecia nada de bombas. 8 — Precisou a própria OAB contratar um perito por sua conta e risco para que alguma coisa pudesse ser vislumbrada. E a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro? E o Ministério da Justiça que garantiu no primeiro momento que a Nação conheceria todas as investigações, e que no dia seguinte já dizia o contrário e conduzia em sigilo as investigações? Aliás, que investigações, pois até agora não se conhece nenhuma providência nem do Ministério da Justiça nem da Secretaria de Segurança. E se há alguma medida que pode tranqüilizar e repercutir junto à opinião pública, essa seria a demissão imediata desse Secretário de Segurança que não sabe nada de coisa alguma, e que não está e nem se mostra à altura dos acontecimentos, mandando um especialista em engenharia para investigar uma explosão a bomba. Mandaram um ciclista participar de uma corrida de Fórmula-1, e o que queriam que ele fizesse ou faça? Por outro lado, esse Secretário incompetente não pode ser demitido, pois é apaniguado do general Golbery que é quem controla a República e todas as decisões, além e acima de todos os outros personagens, sejam quais forem.

9 — Em menos de 24 horas de trabalho, o perito contratado pela OAB fez uma porção de descobertas interessantes, sendo a mais importante delas, a de que o tipo de explosivo usado não existe no Brasil. Também constatou ele, sem sombra de dúvida, que o explosivo chegou pelo correio (uma bomba postal), quando o especialista da Secretaria de Segurança constatou **"que a bomba foi colocada embaixo da mesa onde trabalhava D. Lyda, na OAB"**. O que fazer com um especialista como esse senão demiti-lo imediatamente? Depois dos dois discursos candentes e contundentes do general João Figueiredo nada mais foi feito. Como também antes nada havia sido feito, a conclusão é que o governo em matéria de terror está sem luz, sem balizamento e sem o menor esclarecimento, podendo ser superado facilmente pelos acontecimentos. Inesperadamente, quando menos esperava, o general João Figueiredo ganha o apoio de todo o País, apoio expresso e público surgido de todos os lados. 10 — Mas que se acautele e compreenda o general Figueiredo. Esse apoio que **É ÚNICO E EXCLUSIVAMENTE CONTRA O TERRORISMO**, tem que ter conseqüências. De outra maneira o País ficará mais exausto e desesperado com a incompetência em localizar os autores dos crimes. E com a impunidade, o terrorismo ressurgirá mais forte e mais perigoso. E aí o general Figueiredo correrá perigo muito maior.

Greve acaba na Polônia e acordo não agrada a URSS

O vice-primeiro-ministro polonês, Mieczyslaw Jagielski e o líder dos grevistas, Lech Walesa, anunciaram ontem, pela televisão, o fim da greve que durou 18 dias na Polônia. Cara a cara, o ministro e o líder cantaram o hino nacional polonês e toda a população acompanhou pela televisão, emocionada, a cerimônia que simbolizou o acordo. Walesa afirmou que os grevistas não obtiveram tudo que desejavam, mas o que era possível nas circunstâncias. "O resto conseguiremos mais tarde". Por outro lado, a União Soviética acolheu com grande reserva o acordo firmado na Polônia, considerado um "mau exemplo" para os países socialistas — (Página 8)

Transamazônica em 10 anos é a imagem do caos

(Página 7)

Petrobrás (ainda) luta pelo monopólio estatal

(Página 7)

Fluminense goleia (4x0) e Borer sai escoltado

Cláudio Adão fez dois e neste lance passou pelo goleiro antes de marcar.

Uma goleada que não estava nos planos do Fluminense e muito menos do Botafogo. O Fluminense faturou 4 x 0 sobre o seu mais antigo adversário e na verdade poderia dobrar o placar, não fosse a boa atuação do goleiro Paulo Sérgio, o único que se salvou no time do Botafogo. Era tal a facilidade para o Fluminense jogar, que virou a primeira fase vencendo por 3 x 0. Na fase final, fez mais um. A torcida alvinegra descarregou sobre o presidente Charles Borer toda a sua raiva pela péssima atuação do time. A torcida xingou, vaiou e prometeu muito mais ao presidente do Botafogo, que teve que sair do estádio Maracanã sob a proteção de um batalhão de policiais. Em Bangu, o América venceu o Bangu por 2 x 1; Americano e Serrano empataram em 0 x 0 e Campo Grande derrotou por 2 x 0 ao Bonsucesso. Na Espanha, o Flamengo faturou mais um título. Nélson Piquet deu um banho na direção de seu Brabham e venceu o Grande Prêmio da Holanda de Fórmula-1, ontem. Agora, tem dois pontos atrás do líder do Mundial, Alan Jones e nas três últimas corridas decidirão o título de 80. — ESPORTES (Páginas 11 e 12)

EM CONFIDÊNCIA

PAULO BRANCO

Não há, como noticiam os jornais, uma corrida das oposições em direção ao Palácio do Planalto. Até mesmo o senador Tancredo Neves que é apontado como o político que mais se insinua ao poder, não está aí para aderir de graça. O senador mineiro está realmente conversando com o Planalto até há muito mais tempo do que se imagina, mas a sua intenção não é ganhar um ministério pelo ministério. Tancredo Neves tem um plano objetivo e só aceitará integrar o governo Figueiredo dentro de um projeto global que o assegure, em absoluta igualdade de condições, o direito de disputar a sucessão do general atual.

Conversa

Interessada em servir ao poder que lhes é generoso, a grande imprensa colocou hipoteticamente todas as oposições à porta do Planalto.

O ex-governador *Aluízio Alves*, mencionado como o político que conversa com o poder via *Abi-Ackel* é, na verdade, um assíduo frequentador do Palácio do Planalto e suas conversações são antigas e nada têm a ver com a aproximação que se tenta forçar agora.

O PP na realidade, une-se ao governo neste momento grave mas para apoiá-lo na apuração dos atentados e "não para ajudar o grupo palaciano, desde já a fazer o sucessor de *Figueiredo*".

O presidente do PMDB *Ulysses Guimarães*, continua resistindo ao assédio de correligionários e só admite ir ao Planalto em circunstâncias especialíssimas.

Já o ex-governador *Leonel Brizola* só irá ao encontro se todos os partidos de oposição forem.

O PTB de *Ivete Vargas* apóia todos os atos do governo contra o terrorismo. E só, segundo o ex-senador *Aragão Steinbruck*.

O quadro portanto, não é tão auspicioso para o governo, como pretende a imprensa chapa branca.

Critério

O governador de Minas *Francelino Pereira* adquiriu o hábito, quando vai a Brasília, de chegar de surpresa para visitar os amigos.

Tem criado muito mal-estar.

Há dias, por exemplo, *Francelino* apareceu inesperadamente no Ministério da Indústria e Comércio, no exato momento em que o ministro *João Camilo Penna* recebia uma missão diplomática.

O ministro teve de antecipar o fim da audiência para receber o governador que, ainda assim, esperou uns bons 20 minutos para ser entronizado no gabinete de sua excelência.

Conclusão:

Por falta de critério do governador de Minas o ministro *Camilo Pena* foi descortês com uma missão estrangeira e não conseguiu agradar o próprio *Francelino Pereira*.

Não é a primeira vez que isto acontece.

Aliança

O Palácio do Planalto já deu mostras de que não gostou da aproximação do ex-governador *Leonel Brizola* com a ex-deputada *Sandra Cavalcanti*.

É possível que o governo venha amargar, em futuro bem próximo, novas alianças aparentemente incompatíveis.

Comunismo

O general *Antônio Bandeira*, comandante do III Exército, impressiona a seus interlocutores com a sua preocupação sempre reiterada para com os "avanços dos comunistas no Brasil".

Quando alguém mais íntimo sugere ao general que possa haver algum exagero nos seus temores, ele reage:

— Vocês não sabem de nada, estão completamente por fora.

Feijão

O comunismo será ameaça — para o Brasil e para qualquer outra parte do mundo — enquanto os interesses nacionais forem geridos por mãos incompetentes e desautorizadas.

Ontem o operário *José Mário de Souza* viajava em direção à Baixada Fluminense em ônibus da empresa Evanil quando assaltantes invadiram o coletivo e, entre outras coisas, lhe levaram dois quilos de feijão preto, comprados no câmbio negro.

Em um país com as dimensões do Brasil onde o feijão é roubado como preciosidade, os comandantes militares deveriam se preocupar mais com os *Delfins Nettos* e *Amauris Stábiles* que se sucedem, que propriamente com o comunismo.

Que é conseqüência.

Mordomia

Não é boa a cotação do comandante do Corpo de Bombeiros do Rio junto ao Palácio Guanabara.

O coronel *Abreu* é acusado de se exceder nas mordomias.

O carro oficial, entre outras coisas é usado mais para atender à família que propriamente ao militar em serviço.

JK

O filme Os Anos de JK, de *Sílvio Tendler*, é documentário importante que merece ser visto pela reconstituição histórica imparcial e pela reminiscência de uma época em que os problemas nacionais eram resolvidos dentro do entendimento e do compromisso com a nação.

Uma época em que o presidente, *Juscelino* no caso, era obrigado a envolver líderes estudantis com conversa ao ponto de colocá-los sentados em sua própria cadeira de trabalho em Palácio.

Um estilo evidentemente bem juscelinista.

Nem por todo o conteúdo favorável a JK que é exibido, *Sílvio* e *Cláudio Bojunga* deixam de questionar a indústria "nacional" implantada pelo presidente, assim como as razões políticas que motivaram a construção de Brasília.

Com humor, o autor do texto *(Bojunga)* lembra também que o porta-aviões Minas Gerais, um ferro-velho, foi comprado juntamente com helicópteros obsoletos para aplacar a ira da Marinha e da Aeronáutica.

Na sucessão de personalidades que são apresentadas nas mais variadas épocas, algumas arrancaram vaias da platéia na sessão de sábado, das 9.45hs, no cinema Caruso:

Delfim Netto, Armando Falcão, Lira Tavares e *Francelino Pereira*.

A platéia certamente não identificou o general *Geisel*, muito jovem.

PAUTA

Com medo das bombas (e do povo) ninguém ingressará mais no Congresso Nacional sem se identificar. Decisão da mesa. ♦ As tarifas de energia elétrica subirão este ano bem mais que os índices de inflação mas segundo o ministro *Delfim Netto* os salários é que provocam a escalada inflacionária. ♦ O ex-governador *Aluízio Alves* chega hoje ao Rio procedente de Natal onde passou o fim-de-semana. Política dá trabalho ♦ *Franco Montoro* conseguiu a adesão de um terço dos membros do Senado para constituir a CPI para investigar a escalada do terror. ♦ Começa hoje a venda do milho importado pela Comissão de Financiamento da Produção. E o Brasil importa milho. Poderia importar vergonha ♦ O general *Walter Pires* aceitou o convite e estará em Santiago ao lado do general *Augusto Pinochet*, assistindo as festividades comemorativas da Independência do Chile. ♦ A Secretaria de Modernização Administrativa da Seplan firmou convênio com o Dasp para a formação e melhoria dos recursos humanos do Serviço Público. Dia 23 em Brasília *José Carlos Freire*, diretor do Dasp, lançará o programa ♦ A LBA coordenará todos os programas de desenvolvimento social dos órgãos governamentais. ♦ Melhorou a cotação do ministro *Eduardo Portella*. A extrema-direita não se conforma.

Já são 70 os atentados sem solução. Dá para desconfiar

MARIA CAROLINA FALCONI

A morosidade nas apurações dos atos terroristas acontecidos nos últimos dias no Rio começa a preocupar setores representativos da sociedade brasileira. O receio maior é que os atentados que atingiram a OAB e a Câmara dos Vereadores do Rio continuem impunes, como os que se dirigiram ao advogado Dalmo Dallari, às bancas de jornais e tantos outros.

O deputado federal Edson Khair (PMDB) justifica este receio, afirmando que cerca de 70 atentados terroristas, até hoje cometidos, tendo o último dele acarretado na morte de D. Lyda Monteiro da Silva, na OAB, evidenciam que, até agora, o sistema, na realidade, tem sido cumplice pela omissão diante de tais atos de delinqüência terrorista.

— O governo do General Figueiredo — acrescentou o deputado Khair — através dele próprio, prometeu providências imediatas, chegando a oferecer sua vida aos bandos fascistas. Contudo, embora seja um passo importante o General-Presidente reconhecer que a escalada é de direita e admitir que estes atos venham da face oculta do próprio sistema, isto não é suficiente.

Afirmou o deputado Edson Khair que a decisão de apurar estes atos criminosos é eminentemente política, "o que vale dizer que o General Figueiredo deve optar entre ficar ao lado de toda a sociedade brasileira ou ao lado da extrema direita terrorista.

— O PMDB — disse o deputado — e os demais partidos da oposição, devem juntar-se a OAB e à Igreja, no sentido de juntos elaborarem uma agenda comum, composta de pontos mínimos, quais sejam: a luta contra o terror, a substituição do modelo econômico, a garantia das eleições diretas e, até onde for permitido, sem quebra das unidades deste conjunto de forças, a luta pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte.

Salientou o deputado Edson Khair que a sociedade brasileira, representada pelos trabalhadores, a classe média, os intelectuais, enfim todo o corpo da Nação, só encontrará o caminho adequado para sair do pântano terrorista, através de sua unidade mínima, que uma vez conseguida possibilitará um diálogo com o governo.

Sobre este diálogo, disse Khair que o PMDB isoladamente não pode e não deve conversar com o General Figueiredo, pois cometeria o risco de, isolando-se, não trazer os demais setores atingidos pela violência do terrorismo e do sistema, o que seria evidentemente desastroso para todos.

Comentando os atos terroristas que vêm preocupando a sociedade brasileira, o deputado José Frejat (PDT) afirmou que "estes atentados fazem parte de um esquema dos setores radicais que, objetivando o fechamento do regime, pretendem a volta do predomínio dos aparelhos repressivos que ensanguentaram o país a partir de 1964.

Segundo o deputado Frejat estas forças direitistas atingem pessoas inocentes e violentam a tradição de luta pacífica do povo brasileiro.

— É uma tentativa de desestabilização do governo Figueiredo, visando recuperarem os setores repressivos, a força que manifestaram nos anos anteriores do regime discricionário.

Sobre a declaração do presidente Figueiredo diante dos atentados, disse que "é uma manifestação da ira sagrada contra estes terroristas, que ensanguentaram as mãos, matando pessoas para alcançarem seus designios fascistas."

♦ Por mais que se acredite na boa fé do presidente Figueiredo — e não há razão para pensar o contrário — a verdade é que até hoje não se soube de uma só vitória das forças de segurança nas investigações sobre o terror de direita. Daí porque a sociedade civil desconfia do que possa resultar dos apelos dramáticos do presidente.

Oposições divergem na frente contra o terror

BRASÍLIA — Enquanto o senador Orestes Quércia (PMDB-SP) e o deputado Hélio Duque (PMDB-PR) reclamavam a união de todos os brasileiros na luta contra o terrorismo, os deputados Alvaro Dias (PMDB PR) e Audálio Dantas (MDB-SP) cobravam do governo medidas efetivas contra os autores dos atentados.

Quércia anunciou que a CPI da violência fará pausa em suas atividades normais para se ocupar exclusivamente, "por quanto tempo for necessário", do problema do terrorismo. Disse que acertou com o relator do orgão, senador biônico Murilo Badaró, a realização, terça-feira, de reunião extraordinária para tratar dessa nova fase de trabalho.

"Foi corretíssima a atitude do presidente Figueiredo, ao anunciar que nem mil bombas impedem a abertura. Intimidar-se com os atentados, a ponto de prejudicar o processo político-institucional, é fazer o jogo dos que querem desestabilizar o País", disse Quércia.

Já na perspectiva de Hélio Duque "o combate sem trégua ao terrorismo é um tipo de ação que deve unir todos os brasileiros. A partir daí, pode-se e deve-se buscar diálogos permanentes entre os segmentos mais ativos da sociedade brasileira. O momento de transição em que vivemos é demarcador do que será a realidade dos anos próximos nesse País".

Ainda segundo Duque "a continuidade da política de abertura democrática, preconizada pelo presidente, e peça-chave no presente para se garantir um futuro sem traumas e radicalismos para a sociedade brasileira. Daí a própria estratégia das oposições dever se caracterizar pelo justo entendimento desse fato, sem que isto signifique abrir mão dos postulados básicos da luta oposicionista. A Assembléia Constituinte, por exemplo, livremente eleita com tal finalidade, é ponto inegociável. É dever das oposições abrir, sem concessões nem capitulações, o diálogo que é hoje um dos condutos fundamentais para se impedir à argentinização do processo político brasileiro, como parecem desejar setores do próprio sistema de poder localizados mais à sua direita".

Alvaro Dias com ca indagando: "Por que não se chega aos responsáveis? Até bem pouco, o Governo demonstrava impressionante eficiência no combate ao que denominava "subversão de esquerda". Os orgãos de repressão desbaratavam "gráficas clandestinas", apreendiam jornais, prendiam, torturavam e até matavam. Essa "eficiência repressiva" era alardeada até no exterior. Por que, então, a omissão de hoje, a inoperância, a impotência diante dos atentados? Certamente porque os agentes do terrorismo atual são parte integrante da estrutura de segurança do Governo. Cabe ao presidente, se estiver realmente empenhado na destruição dos focos de terrorismo, comandar a localização dos golpistas da direita, infiltrados no organismo governamental. Estes devem ser legalmente retirados do caminho para que se chegue à verdadeira redemocratização do País, pois visam a interromper o processo normal de uma abertura de lentidão rotineira. Há no País, uma tentativa conspiratória, intervencionista, ativista, intrometendo-se no processo para deturpá-lo ou desviá-lo do curso adverso às forças de direita, que são minoritárias, mas firmemente resistentes à mudança".

♦ É muito natural que haja interpretações diferentes dos acontecimentos e diferentes posicionamentos, mesmo porque a oposição vive de improviso não tem estratégia e dificilmente se coloca à frente dos fatos. O comum é ser surpreendido por eles.

Simon acha que o João é entendido em bombas

PORTO ALEGRE — Ao responder ao apelo do líder do governo, Nelson Marchezan, para que o PDS e as oposições se aproximem para o combate ao terror no País, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) disse, ontem, que, neste momento, ninguém melhor do que o presidente Figueiredo para esclarecer os atentados. Afinal, lembrou, ele passou anos chefiando o Serviço Nacional de Informações, onde adquiriu a experiência necessária para combater as áreas responsaveis pelos últimos acontecimentos.

A nação está se surpreendendo com a incapacidade que os órgãos de repressão vêm demonstrando no combate aos últimos atentados terrorisórgãos criados nos últimos anos, os órgãos criados nos últimos anos, os homens, equipamentos e todas as verbas deslocadas para esse setor. "A segurança e o desenvolvimento foram o lema dos vários governos da revolução de 64. Em termos de desenvolvimento, já temos aí o resultado: uma dívida externa tremenda, uma inflação crucial e uma miséria imensa em todo o País. Mas imaginávamos que em termos de segurança o governo ao menos tivesse capacidade, pois usando até do arbítrio e violência em anos anteriores, ele acabou com a subversão de esquerda, mas agora está fracassando nesses epsódios de subversão de direita".

Nessa área de segurança, diz ainda Simon, Figueiredo nem mesmo precisa aconselhar-se com Delfim Netto: "Se na hora da dívida ou da inflação o presidente pode não ser o melhor homem, neste momento ele é, sem dúvida, o mais capaz, pois esta é a sua especialidade". O senador, no entanto, observa que respeita o Serviço Nacional de Informações, mas não concorda que esse seja o melhor lugar para credenciar alguém para presidente da República, referindo-se especificamente à preparação que pode estar sendo feita de um novo presidente no SNI.

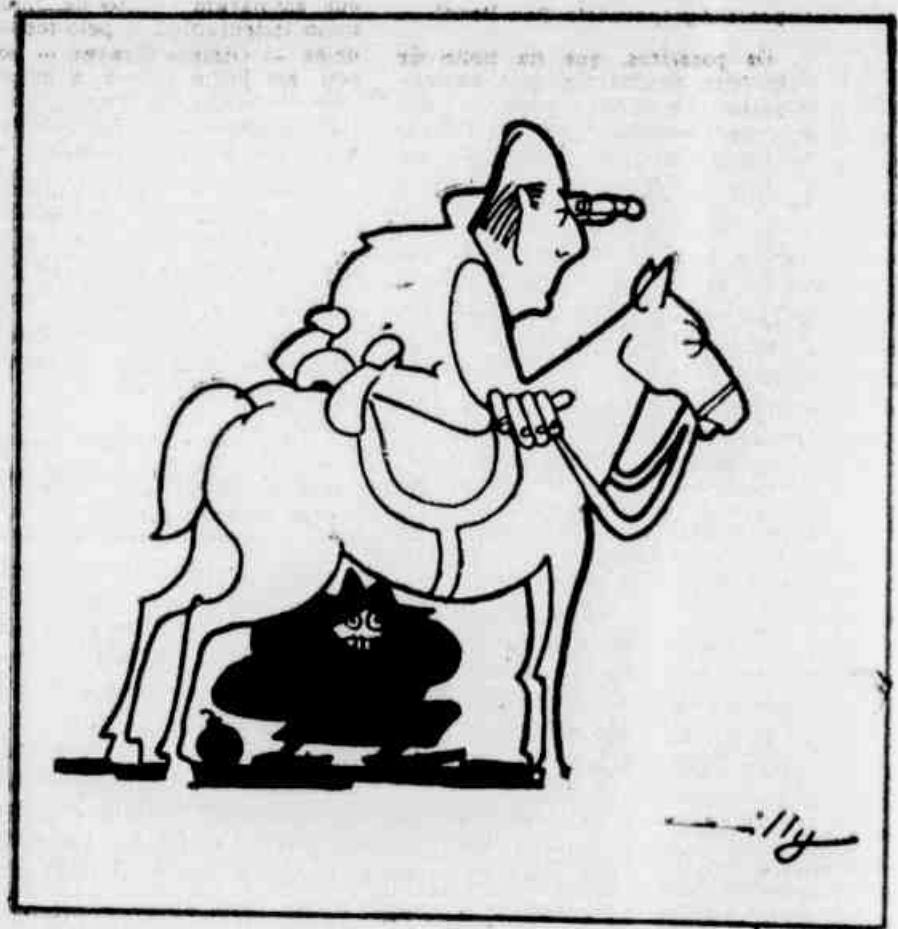
♦ Seria uma grande pretensão querer ensinar padre-nosso a vigário, mas nunca é demais lembrar que o momento não é para ironias.

Cardeal da Bahia teme que trunquem abertura

SALVADOR — Em sua "oração dominical" desta semana, em que abordou os recentes atentados terroristas, o cardeal Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, afirmou que nesta fase de reabertura política "sente-se que a marcha não pode ser tão rápida que se chegue a perder o controle dos movimentos coordenados para o fim que se deseja chegar". Acrescentou, porém, que não se pode "truncar o processo de abertura política, depois que foram dados tantos passos nesta direção".

Dom Avelar fez um apelo para que todas as correntes de opinião colaborem para o êxito da abertura, "de tal modo que possamos ter uma Carta Magna mais atualizada e mais perto das necessidades básicas de nossas populações da cidade e do campo". Explicou que "este programa de interesse nacional não pode ficar nos pontos de vista de grupos radicais e intolerantes que, neste momento, são chamados a sair dos esconderijos de seu desespero ativista para um clima de maior confiança nos destinos da sociedade brasileira".

Afirma o arcebispo que "se não ouver honestidade de propósitos, de lado a lado, na execução deste projeto de reconciliação nacional, com certeza levaremos o Brasil a um impaasse de proporções imprevisíveis".

"Não se deve tumultuar a caminhada. O povo brasileiro deseja readquiri o direito de eleger seus governantes, dentro de um cronograma claro que a todos deixe tranqüilos e conscientes de sua missão" — disse dom Avelar, que vê no terrorismo a expressão "mais dura e selvagem da brutalidade intolerante e cega. Nasce das idéias pessimistas, instigadas pelo medo ou pela convocção de que as esperanças fugiram e o desespero chegou".

Pelo sim, pelo não, a Câmara arma segurança

WALCY JOANOU

A Câmara Municipal do Rio de Janeiro inicia a semana ainda sob um rigoroso esquema de segurança, depois que seus vereadores decidiram, sábado último, suspender a sessão permanente que fora iniciada na quinta-feira para melhor acompanhar os trabalhos e providências das autoridades policiais quanto ao atentado à bomba no gabinete do vereador Antonio Carlos de Carvalho.

O esclarecimento do atentado continua sendo encarado pelos vereadores como um ponto de honra e por isso eles continuarão cobrando dos orgãos federais, estaduais e municipais as medidas que venham a apontar os autores do crime, "antes que mais inocentes venham a ser vitimados pela sanha daqueles que só desejam atrapalhar o processo de reabertura democrática no país".

A entrada no Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia, sede da Câmara Muncipal do Rio, continua sendo rigorosamente vigiada pelo serviço de segurança da Casa. Toda a correspondência endereçada aos vereadores é totalmente submetida por uma inspeção na portaria, na tentativa de evitar que uma outra carta-bomba ou embrulho com explosivos coloque em perigo a integridade dos que trabalham no prédio, como é o caso dos próprios vereadores.

Segundo entendimentos mantidos entre as lideranças partidárias, a partir da sessão plenária de amanhã as mesmas cobrarão diariamente as providências quanto à elucidação do atentado ao gabinete do vereador oposicionista. Tal procedimento faz parte da vigília a que se propuseram os vereadores, numa tentativa de provocar um rápido andamento no inquérito policial instaurado para apurar o ocorrido e que quase provocou a morte de um funcionário e ferimentos em outros.

♦ De qualquer forma, é preciso ficar de olho antes que a Polícia Federal repita a sua façanha da semana passada, quando iniciou suas investigações sobre os atentados exatamente pelas casas das vítimas.

PP vai ajudar o governo a conversar com as oposições

SÃO PAULO — O Partido Popular está disposto, neste momento, a entender-se com os demais partidos de oposição e com o governo, para enfrentar a situação de crise política que o País atravessa. A posição foi manifestada, em Santa Bárbara D'Oeste, pelo presidente estadual do PP, Olavo Setúbal.

Ontem, em Belo Horizonte, o presidente nacional do PP, Tancredo Neves, e o presidente de honra do partido, Magalhães Pinto, expressaram o mesmo ponto de vista.

A tese do entendimento "para conjurar graves crises institucional, social e econômica em que se debate o país" vai depender muito, na opinião de Tancredo Neves, "do próprio governo e de seu partido, porque só do governo pode partir tal iniciativa". O senador mineiro acredita que ainda há muitas divergências entre a oposição e o governo, e cabe ao PDS, portanto, "fazer as concessões para se estabelecer o diálogo".

Já Magalhães Pinto esclareceu que, embora seja favorável ao entendimento, considera "inadequado falar em apoio da oposição ao presidente Figueiredo". Ele explicou: "Todo o mundo é contra o terror, e então a oposição pode apoiar. Mas o apoio deve permanecer restrito a isso, ao combate ao terror, pois a escalada terrorista precisa ser detida"

Não existe, nessa proposta de entendimento qualquer propósito de coligação partidária, "nada que signifique participar do governo", de acordo com Olavo Setúbal "A intenção é oferecer o respaldo que o governo precisa para combater àqueles que, pela via da violência, tentar interromper o processo político."

Para isso, porém o Partido Popular não quer "participação em Ministério dispensa qualquer tipo de barganha ou composição. O importante — disse Setúbal — é salvaguardar o caminho da democracia, e todos os entendimentos devem estar circunscritos a esse campo restrito e muito preciso."

Cláudio Lembo, que também integra o diretório estadual do PP, chamou a atenção para a importância de existir, hoje, "um partido político com a linha do PP, capaz de situar-se numa linha de centro e propor soluções que fujam ao radicalismo, em instantes graves de crise, que põem em risco o próprio futuro do país."

A união dos partidos de oposição, ao lado do governo e contra o terrorismo é "apenas incidental", na opinião do deputado federal Caio Pompeu de Toledo, também do PP, e "já está ocorrendo na prática, contra fatores que possam agredir mais do que o governo mas ao objetivo de abertura democrática".

"O que é preciso deixar bem claro, para evitar especulações equivocas — comentou Caio Pompeu de Toledo —, é que isso não significa, absolutamente, qualquer distanciamento dos princípios oposicionistas e da visão partidária. Esta permanece e deve ser conservada. A união está acontecendo exclusivamente face aos fatos".

"As coisas se complicam muito quando se começa a defender uma proposta de união de partidos incluindo o próprio governo. É mais ou menos uma nova tese de conciliação nacional, que não atende aos interesses dos trabalhadores." O comentário é do líder do PT na Assembléia Legislativa, deputado Marcos Aurélio Ribeiro.

◆ **A esta altura, sob os mais variados pretextos, os políticos conversam, ainda que não formalmente. Não se pode tapar o sol com a peneira.**

PDS dá uma de partido e vê nova lei eleitoral

BRASÍLIA — O presidente do PDS, senador José Sarney, decidiu designar comissão partidária, com o objetivo de elaborar projeto de reforma do Código Eleitoral e da Lei das Inelegibilidades. A iniciativa foi tomada depois da reunião da cúpula partidária com os dirigentes regionais do PDS, quando estes expuseram os problemas gerados pela desinformação dos políticos e da maioria dos juízes do interior quanto à Lei Eleitoral, tumultuada pelas várias mudanças nela efetuadas, durante o longo período de exceção.

A falta de informação legal estaria, inclusive, dificultando o esforço do PDS de acelerar sua organização em todos os municípios do País. A nova legislação eleitoral, a ser proposta pelo PDS ao Governo, visará, assim, a sua adequação à reconstitucionalização do País, à anistia e à Lei da Reforma Partidária, que viabilizou o multipartidarismo.

Observadores políticos prevêem — e a cúpula do PDS não confirma — que Sarney, veterano defensor do voto distrital, colocará na comissão, a ser por ele designada, senadores e deputados que defendem a inovação a ser proposta pelo partido ao Presidente João Figueiredo. Lembram que a extinta Arena chegou a compor órgão com a mesma finalidade, já na gestão Sarney, integrado de defensores do sistema distrital de eleição, que não chegou a funcionar face à extinção do partido.

A implantação da eleição distrital, da sublegenda para o pleito de senador e governador e da vinculação de todos os votos visam o segundo semestre de 1981, quando o PDS começará a se preparar, através da legislação, para reduzir as propaladas chances eleitorais da oposição e o desgaste da legenda oficial.

◆ **Antes o PDS mandou uma comissão estudar a reforma da Constituição. Até parece que o aglomerado reunido em torno — e sob — o poder tem condições de dar palpites.**

Lavradores acompanham "habeas" concentrados

SALVADOR — Cerca de 100 famílias de posseiros da Fazenda Pau-Brasil, no município de Barra do Choca, realizarão, hoje, em frente ao Forum de Vitória da Conquista, no Sudoeste Baiano, uma concentração para aguardar a decisão da juíza Lealdina Maria de Araújo, sobre o pedido de **habeas-corpus** impetrado em nome dos nove trabalhadores rurais que foram presos na última quinta-feira por terem se envolvido num tiroteio com o grileiro Germano Santos, proprietário da Empresa Agropecuária Pau-Brasil.

Os posseiros, que na noite de sexta-feira realizaram uma passeata pelas ruas de Vitória da Conquista e um ato público na Praça Nove de Novembro, pedindo a libertação imediata dos presos, voltaram ontem às suas roças — a 40 quilômetros da cidade — prometendo retornar, hoje, para aguardar, em frente ao Forum, a decisão da juíza. Aproximadamente duas mil pessoas participaram da passeata, que foi acompanhada, discretamente, por três carros policiais.

O advogado Rui Medeiros, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória da Conquista, que visitou os presos na cadeia pública da cidade, informou que dois deles — Joaquim Evangelista e João Pereira Santos, ambos com mais de 50 anos — estão doentes e em estado febril. Todos os presos, disse ele, estão sendo alimentados por representantes das comunidades de base da Igreja local.

Rui Medeiros voltou a refutar as acusações de tentativa de homicídio e de crime de danos, com as quais a Polícia justificou a prisão em flagrante dos posseiros. Explicou o advogado que os policiais que efetuaram as prisões foram os mesmos que assinaram o auto de flagrante como testemunhas, e pelo menos um deles — Otelino Chaves — participou, em julho último, a mando do grileiro Germando Santos, da destruição das roças e da casa do posseiro João Procópio Lima.

Alega, ainda, o advogado que nenhum dos posseiros recebeu a nota de culpa que deveria ser entregue pelo delegado antes do interrogatório, informando os posseiros do que eram acusados. Além disso o interrogatório não foi acompanhado por nenhum advogado e foi feito na presença de Germano Santos.

◆ **Para esses casos, a polícia é de uma eficiência incrível. Prende e arrebenta sem maiores mistérios ou delongas.**

Família Maluf ataca os posseiros com jagunços

SÃO PAULO — **Aproximadamente 800 posseiros da Fazenda Santa Madalena, em Wenceslau Brás, no norte do Paraná, reunidos neste fim de semana, decidiram não abandonar as terras e resistir às ameaças de morte, incêndios de ranchos e destruição de lavouras, feitas pela família Maluf, que se diz proprietária da fazenda (com quase mil alqueires). Os posseiros, que pedem a intervenção do governo para desapropriar a fazenda em conflito, cultivam a área há 40 anos, e agora, a família Maluf (Nélson Maluf e Maria Irma Maluf) querem expulsá-los, com a ação de jagunços armados.**

Na reunião, sábado, os posseiros denunciaram aos advogados da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná — FETAEP — as pressões que vêm sofrendo para deixarem a área. Os jagunços da família Maluf, cortaram os arames das cercas de lavoura de milho, feijão e arroz de Alcides Camargo, que mora na fazenda, há 45 anos, e colocaram 80 cabeças de gado sobre a lavoura. Ao tentar tirar os animais, os jagunços o ameaçaram de morte. A "roça" de 3 alqueires de milho, de Rufino Cândido Alvim, foi incendiada antes de ser colhido. Há dias, os jagunços incendiaram um galpão dos posseiros, cheios de tomates que eles produziram.

Bispos já têm a pauta da reunião

BRASÍLIA — A presidência da CNBB já aprovou a pauta para a Assembléia Nacional dos Bispos do Brasil, marcada para fevereiro próximo, em Itaici, destacando como temas a questão das vocações sacerdotais no Brasil, a questão do uso do solo urbano, os problemas missionários no País e as perspectivas para o Movimento de Educação de Base — MEB.

A inclusão do tema sobre a utilização do solo urbano, segundo o presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, tem como objetivo dar continuidade ao tema "A Igreja e o problema da Terra", discutido pelo Episcopado na reunião deste ano, em Itaici. Os bispos pretendem apresentar um amplo documento abordando a situação dos favelados, que já está sendo objeto de estudo pela CNBB. Quanto ao MEB, os bispos discutirão as alternativas para o prosseguimento do programa, que sofreu grande redução na verba que recebia do MEC. Existe a possibilidade de entidades internacionais, ligadas à Igreja, passarem a complementar os resursos necessários, já que, estas entidades anteriormente não colaboravam pelo fato do MEB manter com convênio oficial com o MEC. Ainda na assembléia, os bispos deverão analisar os resultados do sínodo sobre a família, que terá início no próximo dia 26, em Roma, reunindo bispos de todos os países.

A união contra o terrorismo

JOSÉ COSTA

A união nacional contra o terrorismo está feita. Em todos os partidos, em todas as casas legislativas, onde quer que haja uma voz capaz de compreender o perigo que isto representa para os caminhos democráticos, ninguém pode fazer a mais leve restrição ou deixar de apoiar os atos destinados a apuração dos atentados, bem como a punição dos culpados.

Ainda que não se queira admitir, o que ocorre hoje é uma onda de insegurança. Criminosos, terroristas e assaltantes, apertando cada vez mais o cerco ao cidadão comum, ao que não sabe se o simples fato de abrir uma carta ou uma porta não está correndo perigo, sujeito a investidas que hoje se tornam cada vez mais comuns. Ninguém está seguro. Ninguém pode ter certeza de que o amanhã vai ser como foi o dia de ontem, sem incidentes, sem mortes, sem assassinatos, sem atos de terror.

Mas, com isto, aumentam as preocupações. O cuidado de olhar se a porta foi bem trancada, se o trinco de segurança foi colocado no lugar, se não há enguiço nos interfones (hoje em modo, mas que oferecem apenas segurança relativa) que de nada adiantam enquanto providências reais, de caráter efetivo, não forem tomadas para que todos possam respirar aliviados.

Embora tenha em mim que ninguém morre de véspera, que ninguém é assaltado se não chegar o seu momento, principalmente se tomar cuidados especiais, não sei até onde outras pessoas poderão pensar assim para que recobrem a tranqüilidade. Porque hoje, são tantos os fatos, tão próximos os exemplos, que há em todas as pessoas uma espécie de pânico, principalmente depois dos covardes acontecimentos dos últimos dias.

Assim, o que a população quer, não é apenas o falatório dos políticos, sejam do Governo ou da Oposição, mas conhecer os resultados de uma investigação, que realmente esclareça de onde partem os atos que visam provocar o retrocesso, procurando impedir o aperfeiçoamento do sistema democrático.

É necessário, portanto, identificar e prender os terroristas, puni-los de acordo com a Lei, como sempre se fez nos últimos anos, quando realmente o Governo tomou a si acabar com os atos praticados contra o sistema que foram contidos, reduzidos a simples casos de Polícia, sem as conotações que marcaram alguns acontecimentos ocorridos de 64 para cá.

Porque o que se diz por aí, entre os boatos — que só interessam aos que querem provocar essa onda de intranqüilidade — aumentando a insegurança dos dias de hoje, é que os terroristas terminarão por ficar impunes, dadas as dificuldades da própria Polícia para descobri-los, ainda mais quando se sabe que hoje estes atos de covardia seguem a técnicas superavançadas, como se também não fosse avançados os métodos que os órgãos de segurança têm para descobrir o fio da meada.

O que não se pode por em dúvida é o objetivo destes atos, condenáveis sob todos os sentidos, ainda mais quando, na sua crueldade vão atingindo pessoas inocentes, gente que nada tem a ver com os problemas políticos do país.

Para punir o terror a Polícia tem que andar rápido, acabando de uma vez por todas com os que querem incendiar o país — uma espécie de quinta coluna que age permanetemente contra os interesses nacionais.

A união contra o terrorismo já está feita. Resta agora ao Governo apoiado por todos os setores da nação, acabar de uma vez por todas com os que comandam o terrorismo, pois o país precisa sair da crise em que se encontra, ampliando cada vez mais as liberdades democráticas, no direito de ir e vir, pensar livremente, sem medo de que possa acontecer alguma coisa.

LADO DE LÁ

A questão das liberdades

A polícia polonesa não ocupou, com cães pastores, equipamento de choque e retaguarda coberta por tanques de guerra, a cidade de Gdansk, onde há uma greve geral que já dura há quase tanto tempo quanto a dos metalúrgicos de São Bernardo, e agora se espalha pelo resto do país. Nenhum dos líderes grevistas foi preso ou enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Os chefes militares do Exército da Polônia abstiveram-se de comentar os acontecimentos. O primeiro-ministro foi demitido, bem como seis outros ministros, inclusive o encarregado de assuntos trabalhistas. O governo dispôs-se a assegurar aos operários o direito de greve, a pagar os salários que deveriam ter sido percebidos durante a paralisação, a aumentar o salário mínimo e a tomar medidas para conter a alta do custo de vida, especialmente a dos alimentos. As negociações estão sendo conduzidas, em nome dos trabalhadores por um líder sindical que passou quatro anos desempregado por motivos políticos. Em resumo: o comportamento do regime chefiado pelo sr. Edward Gierek tem sido muito mais democrático que o do regime chefiado pelo general João Baptista Figueiredo, quando confrontado por situação semelhante. No entanto, isso não basta. E não basta, porque o padrão de liberdade da humanidade não pode ser o das ditaduras militares do Terceiro Mundo. É esse padrão de liberdade que os operários poloneses procuram estabelecer. A luta que travam pode ter uma influência decisiva sobre o futuro.

LIBERDADES BURGUESAS?

Durante muitos anos fomos achacados por um cretinismo de esquerda que qualificava de "liberdades burguesas" as conquistas dos povos da Europa e dos Estados Unidos, obtidas com o sangue derramado nas revoluções antifeudais. Por serem "burguesas", deveriam ser rejeitadas pelos operários, camponeses e assalariados em geral. Como se os que deram as suas vidas para consolidá-las não fossem a gente humilde das cidades e dos campos e sim os membros da burguesia. A estupidez ideológica teve como conseqüência passar a bandeira da defesa das liberdades para as mãos dos donos das fábricas, das terras, dos bancos e do aparelho de repressão do Estado, gente que jamais hesitou, no Brasil ou em qualquer outro lugar, a apoiar ditaduras. Essas camadas sociais, que sabem se aproveitar da censura e da repressão, é que seriam os defensores da liberdade de expressão e de organização política, da eleição dos dirigentes, da liberdade sindical, da liberdade de imprensa. O povo, cujos interesses essas liberdades protegem e que por isso conquistou-as nas barricadas de 1830, nos levantes de 1848, nos combates da Comuna de Paris, em 1870, e em tantas outras lutas, ficou como tendo intenções antidemocráticas.

A verdade é que as liberdades não têm qualificativos. Não são burguesas ou populares. São, apenas, liberdades — necessárias como o ar que se respira. É essa a demonstração que hoje se faz na Polônia.

PROBLEMA A RESOLVER

Os grevistas de Gdansk e Stettin não querem a volta da propriedade privada dos meios de produção ou a ressurreição dos latifundiários e financistas que, ao longo dos séculos, tantas vezes venderam a sua pátria. Em outras palavras: o que reclamam não é a restauração do modo de produção capitalista. São, nisso, conseqüentes com a evolução da História. No mundo capitalista devem ser raríssimos os defensores do modo de produção feudal, porque quem experimenta relações de trabalho mais avançadas não quer voltar atrás no tempo. O que os grevistas poloneses rejeitam é um determinado modelo de organização política, desenvolvido em razão das circunstâncias históricas da revolução soviética e, posteriormente, proposto como sendo o único possível para outros povos. Esse modelo, nascido da guerra civil, das fomes da década dos vinte, da invasão nazista, evoluiu deformado: o Partido Bolshevique substitui-se à classe operária; o Comitê Central substituiu-se ao partido; o Burô Político substituiu-se ao Comitê Central e, finalmente, o Secretário Geral substituiu-se ao Burô Político. Deu em Stalin e no assassinato de todos os sobreviventes do Comitê Central dos tempos de Lenine. As modificações introduzidas depois da morte de Stalin, embora reais, não voltaram à teoria democrática proposta pelos fundadores do Partido Social Democrata da Alemanha e inicialmente aplicada por Lenine.

MODELO NOVO

Acontece que o modelo soviético não é o único modelo de socialismo, como não se cansam de afirmar tanto os membros dos partidos comunistas europeus como os dos partidos socialistas e até essa estranha gente que dirige a China. É soviético, ponto. E não resolveu o problema das liberdades democráticas. Mesmo em Cuba, onde as leis são discutidas nos centros de trabalho e há eleições competitivas para o poder local e as assembléias parlamentares, a questão fica em suspenso. Enquanto Fidel e os seus companheiros da Serra Maestra viverem, é provável que continue a existir uma considerável liberdade de crítica. Mas e depois? E quando as resoluções da Assembléia ou da Central dos Trabalhadores conflitarem com as decisões do Partido?

O resultado da experiência de luta polonesa poderá dar uma resposta para a necessidade de institucionalização das liberdades no processo de construção do socialismo. Na realidade, o que eles estão fazendo é retomar uma velha palavra de ordem: "Não há liberdade sem socialismo. Não há socialismo sem liberdade".

MÁRCIO MOREIRA ALVES

Cartas e Opiniões

Apelo aos generais

Sr. Redator:

Arautos da filosofia monetarista internacionalizante, sem o menor senso do ridículo, culpam a elevação do preço do petróleo como o responsável pelo descalabro econômico-financeiro, a que essa filosofia levou o País. É, como se só para o Brasil o petróleo tivesse aumentado o seu preço. A exceção da Inglaterra, todos os países da Europa e o Japão, superaram os mesmos preços, e, continuam com suas vidas normais, produzindo e sobre tudo, com moedas estáveis, e ainda, não foram brindados pelos órgãos mais responsáveis da imprensa ocidental, como *Time* de Nova York e *Financial Times* de Londres, com noticiário realista sobre a degringolada econômica do Brasil, chegando mesmo a prever que em breve estaremos em um "beco sem saída"... (breve?).

Não tendo mais onde se agarrar confessam a leviandade no trato da coisa pública. Inventaram agora, também como desculpa, as caríssimas obras que no Brasil se realizam Itaipu, Ferrovia do Aço, Metrôs do Rio e S. Paulo.

A verdade é que ninguém quer admitir que a imprevidência é a forma mais vulgar da incompetência, e, essa incompetência, levou o País ao atual estado falimentar, e, vítima de chacotas da imprensa internacional. De 1964 para cá, os projetos são realizados nos compartimentos fechados do "sistema" que não deram a menor oportunidade à sociedade de opinar e apresentar alternativas. — Aí estão as usinas nucleares, que o bom senso indicaria o seu adiamento, não só por falta de recursos, mas, também, por sua tecnologia não estar ainda totalmente dominada.

A imprevidência é a pior das incompetências. Mas para a manutenção do poder sem eleições, era indispensável, além de novelas, carnaval e futebol, projetos ilusionistas mirabolantes de obras dispendiosíssimas, muito acima de nossas possibilidades. Tal como Tzar da Rússia, que com a unha sobre o mapa, traçou o projeto *Trans-Siberiana* e determinou: *Faça-se.*

Novelas, carnaval, futebol, projetos mirabolantes e a certeza de que os generais são os fiadores do sistema, eles dizem e a Nação não nega. Não tem como negar.

Os brasileiros nunca puseram em dúvida que os generais são os endossantes do sistema, e é nessa condição que todos rogamos que não permitam mais projetos mirabolantes que nos estão miserabilizando, e, antes que termine, aos endossantes pedimos, paguem a dívida externa. A interna a gente vai se virando, e espera mais um pouco...

Rubens G. Pareicello

Povo só quer saber para que as bombas

Sr. Redator:

Soaram inócuas as palavras do presidente João Baptista de Figueiredo, bem como as de seu ministro da Justiça a respeito dos atentados terroristas praticados no Rio. O primeiro ao determinar à Polícia Federal a responsabilidade pela apuração do atentado, nada mais fez que consolidar o óbvio, enquanto seu ministro deitou falação, numa tentativa de justificar o resultado de tal apuração, que se sabe, será negativo. Negativo por que não é difícil, por ilação, chegar-se aos mentores intelectuais desses atentados. São eles os eternos reacionários, não importa se de direita ou de esquerda, embora os atuais atos de vandalismo interessem mais à segunda do que à primeira. São eles os que não querem abertura, mesmo que essa pequena fenda concedida pelo presidente Figueiredo. Não querem eleições livres e diretas, não aceitam abrir mão do arbítrio.

A quem pode interessar o estado de inércia político-econômico social a que o País mergulhou nos últimos anos? Quais foram os grandes beneficiários da política de arrocho salarial; do aumento desordenado da taxa de inflação; do cabresto imposto às classes trabalhadoras em geral; no tocante às reivindicações de seus direitos? Respondа-se a estas perguntas e chegaremos facilmente aos verdadeiros responsáveis pela onda terrorista. As mãos, criminosas, sim mas nem tão culpadas como as mentes que perpetam os atentados, talvez não saibam avaliar a extensão do mal que estão praticando, ao montar, escolher e colocar em locais previamente determinados os petardos mortais.

O governo, seja lá por quê organismo for, o poder público, federal, estadual, municipal tem a obrigação de identificar, revelar à opinião pública, os mentores, autores, idealizadores, executores dos atentados. Esta é a condição *sine qua non* para se conduzir o País ao caminho da redemocratização. O governo, neste caso, o federal, e todo seu esquema tático-político de inteligência, tem que estar atento para não fazer o jogo dos recalcitrantes. A nós, contribuintes, não nos interessa os outros exemplos. Queremos paz e tranqüilidade para poder produzir melhor em busca de um futuro promissor e realmente desenvolvimentista do País em que nascemos e que desejamos legar às gerações futuras, livre e democrático.

Mariano de Assis Cardoso
Urca — Rio de Janeiro

TRIBUNA DA IMPRENSA

Diretor Redator-chefe: **Helio Fernandes**
Redação — Editor Responsável: **Helio Fernandes Filho**
Chefe de Redação: **Paulo Branco**
Diretora Administrativa: **Nice Garcia Brant**
Redação, Administração e Oficina: Rua do Lavradio, 98 — Telefone: 252-6040 — Telex n.º (021) 22752 — TIM BR

VENDA AVULSA

RJ	Cr$	15,00
ES MG e SP	Cr$	17,00
AC, BA, DF, GO, MA, MS, PE, PI, PR, SC, SE, RN e RS	Cr$	20,00

ASSINATURAS
Via Terrestre:
Semestral:

RJ	Cr$ 2 600,00
Demais Estados	Cr$ 3 000,00

Via Aérea:

Semestral	Cr$ 4.430,00

Departamento de Circulação

Exemplares Atrasados	Cr$	20,00

Das 9 às 16 horas

Sucursal de Brasília: Super Center Venâncio 2.000 — Bloco B N.º 60 — Loja 102 — SS — Brasília, DF — Tels.: 235-5268 e 224-3876

Sucursal de Belo Horizonte: Av. Afonso Pena, 774 — Sala 610 Tel.: 226-1732 — MG

O censor e os sentidos

FRANCISCO PEDRO DO COUTTO

Há certas decisões que chocam pelo seu absurdo. A proibição do filme **Império dos Sentidos**, do diretor Oshima, cuja obra hoje já se destaca no cenário internacional, é uma delas. Afinal por que isso? Todos não de considerar que o tema é da maior ousadia, algo jamais filmado com tanto realismo, enfim uma obra que ficará marcada na história do cinema, como ficará **O Último Tango em Paris**, de Bertolucci. Mas é sobretudo uma obra de arte e como tal deve ser apreciada em julgada. Não se deve proibi-la a pretexto de defender a moral e os bons costumes, porque simplesmente **O Império dos Sentidos** não se propõe a agredir nem uma coisa nem outra. Baseia-se, inclusive, em fato real, no qual Oshima, que já havia dirigido **O Império da Paixão**, destinou tratamento bem feito — dizem os críticos que o assistiram — e uma atmosfera dramática como nao muitas vezes se conseguiu na cinematografia.

Além do mais, embora focalize um relacionamento sensual e erótico ao contrário, na medida em que se prolonga, tais características vão sendo substituídas até o desfecho dramático que apresenta. Não se trata, de nenhuma forma, de realização de intuito pornográfico. E por isso não se pode confundi-la como tal. Mas infelizmente, numa demonstração de aversão à cultura e à liberdade de criação artística, proibiu-se a obra. O censor, no caso o ministro da Justiça, certamente foi mal assessorado. Pois se bem assessorado tivesse sido no caso, não se colocaria na posição em que se colocou. Além do mais, dos dez integrantes do Conselho Superior de Censura, apenas a sra. Arabela Chiareli, manifestou-se contra a liberação do filme. Incrível minoria, portanto, terminou causando o efeito oposto. Um absurdo.

É necessário, através da evolução do processo educacional e cultural, terminar-se com a tendência que alguns possuem de acharem que o que está sendo exposto é para ser seguido ou imitado. Não. Não é nada disso. Veja-se, por exemplo, entre nós, a obra de Nélson Rodrigues. Depois de chocar tanta gente em décadas passadas, as peças do genial autor acabaram, principalmente depois da análise que sobre elas fizeram diversos críticos respeitáveis, revelando ao grande público um conteúdo acentuadamente moralista em tudo o que era apresentado. Para simplificar: personagens envolviam-se em tramas chocantes, mas acabavam todos, sem exceção, condenados pelo autor à morte ou à execração. Está aí. É necessário observar o conteúdo das obras de arte para se ver se elas incitam a isso ou aquilo. Mesmo porque uma obra de arte não se apresenta com tal direção, com tal compromisso, e muito menos com o objetivo de provocar emulações.

Além de tudo isso, os que se investem na posição de guardiães da moral deveriam se lembrar — mas não sabem — que existem o teatro grego e Shakespeare, apresentando situações acentuadamente fortes e que hoje, depois de séculos, são assistidos por todos sem qualquer problema de causarem subversão da moral ou dos costumes. Bertolucci inclusive tem toda a razão quando diz que **O Tango**, daqui a alguns anos, passará nas telas do Mundo com censura livre ou restrita à pouca idade. É o que acontece. Lembro-me da **Mulher do Padeiro**, filme exibido em 1941, e que despertou reações em cadeia e sessões só para homens, como se pudesse chocar às mulheres. O que apresenta o filme? Apenas um simples caso de adultério, que, por magoar o padeiro, o levou a não fazer o pão para a aldeia ou vila em que morava. Hoje, quarenta anos depois, **A Mulher do Padeiro** passa com censura livre.

O processo cultural é assim e quem não puder entendê-lo não deve se investir na função de censor muito menos na de agente impedidor da exibição da obra de arte. Mas que fazer? O obscurantismo cultural que deixou **O Último Tango** tanto tempo interditado no Brasil, superado numa escala, ainda existe em outra. E contribui para expor o País ao ridículo. É só ver em que países **O Império dos Sentidos** foi proibido, para termos a certeza que estamos em má companhia em matéria de concepção de cultura.

A conspiração no Atlântico Sul

GENIVAL RABELO

Pioneiro dos estudos da problemática do Terceiro Mundo, Amilcar Alencastre acaba de lançar no mercado editorial "América Latina, África e Atlântico Sul", que aparece onze anos depois de seu último livro de sucesso "Brasil, África e o Futuro", na época (1969), como costumava acontecer, terminantemente proibido em Portugal.

A obra de Amilcar Alencastre, que já soma 14 títulos é grito anti-colonialista e antiracista. Na sua bagagem, encontram-se trabalhos de pesquisa e com profundas reflexões sobre a independência da Índia, da Indonésia, dos Países Árabes, bem como sobre a libertação da Argélia, Angola, Guiné e Moçambique. É um defensor da política do não-alinhamento, de cujas reuniões sempre participou, na qualidade de convidado especial, tendo tido oportunidade, em conseqüência, de estreitar laços de amizade pessoal com personalidades de projeção internacional, como Nehru, Sukarno e Nasser. De todos eles recebeu consultas seguidas sobre o Brasil e sobre a América Latina, cujas respostas se constituíram através dos tempos, em verdadeiras cartilhas sobre o desenvolvimento econômico e particularmente os obstáculos geopolíticos que o imperialismo criou para refrear esse desenvolvimento.

Linearmente, "América Latina, África e Atlântico Sul" se divide em quatro capítulos, desde o ponto de partida — a conspiração no Atlântico Sul, passando pelas sucessivas tentativas de envolvimento da América Latina e sobre a guerra como objetivo permanente da África do Sul, até os exames dos sustentáculos do apartheid.

De zona de paz que tem sido até agora, diferentemente do Atlântico Norte, do Oceano Pacífico e do Oceano Índico, pontilhados que são de bases militares, potencialmente mais geradores de atritos que de segurança, além de servirem de campo de provas de armas nucleares e de outros engenhos de guerra sofisticados, a África do Sul, com o objetivo de manter sua política interna baseada no apartheid (subjugação da raça negra por minorias brancas), vem pretendendo transformar o Atlântico Sul em área de confronto armado e poluição atômica.

Alencastre esmiuça os interesses da direita radical em apoiar a África do Sul, recordando os objetivos de Portugal salazarista de prolongar sua política colonialista, sobretudo a partir dos anos 60, face ao processo de descolonização das nações africanas. Revela como Salazar tentou atrair o Brasil, falando-se, na época, com insistência, de uma nova ideologia para uma nova Otan e do princípio das "fronteiras ideológicas". Essas idéias encontraram fácil aceitação da direita radical latino-americana, mas a voz da África se fez ouvir e predominou o bom-senso. O embaixador do Senegal — Henri Arphang Senghor — protestou contra a tese de que o "vazio" deixado pelas antigas potências coloniais, com a independência das nações africanas, poderia atrair bases soviéticas. Observou ele, com propriedade:

"A África Negra não considera conveniente a seus interesses vitais qualquer opção política, ideológica e racial entre as atuais superpotências — os Estados Unidos e a União Soviética, pois a verdadeira divisão do mundo é cada vez mais entre as **nações subdesenvolvidas** e as plenamente industrializadas. A África Negra não ignora também como é relativa, no mundo atual, a soberania das nações mais fracas economicamente, e tampouco ignora que o poder militar está condicionado por um alto nível de industrialização. Por isso, esforça-se para ultrapassar o subdesenvolvimento que herdou do regime colonial, e para isso é imprescindível a sua eqüidistância de compromissos político-militares com este ou aquele bloco de potências, sob a égide desta ou daquela superpotência. Por isso, um eventual pacto naval de qualquer grupo de nações com a República Sul-Africana longe de conter uma eventual expansão soviética no Atlântico Sul poderia levar, como reação motivada por um desejo de equilíbrio, a África Negra a buscar uma ocasional vinculação com a União Soviética."

Conclui Alencastre, em coroamento à argumentação de Henri Senghor e com igual propriedade:

"Para os países africanos, a existência da OTAS — Organização do Tratado do Atlântico Sul — apresenta-se como portadora de uma outra preocupação, além daquela provocada pela presença da África do Sul. Importantes chancelarias africanas veem nessa organização o punhal do neo-colonialismo apontado para suas costas, possivelmente como uma tenaz do imperialismo que não deseja perder sua influência nessa área."

Para a África Negra, ontem, hoje e até a vitória final sobre o apartheid, o pensamento dominante é este: o único perigo é a política racista da África do Sul e, em conseqüência, qualquer organização militar, no Atlântico Sul, que incorpore a África do Sul ou qualquer país simpático ao apartheid, inclusive na América Latina, se constituirá em ameaça intolerável.

Em "América Latina, África e Atlântico Sul", Amilcar Alencastre mais uma vez põe a nu todo um plano de política neo-colonialista, que se exacerba com as agressões sul-africanas a Angola. Seu livro é uma janela aberta sobre o Terceiro Mundo, focalizando tramas de grande oportunidade para todos os povos do Atlântico Sul, inclusive para nós, brasileiros.

A difícil decisão de cortar a importação de petróleo

JOÃO PINHEIRO NETO

A queda dos preços do petróleo no mercado "spot", além de representar um certo prejuízo para o Brasil, pois é exatamente no mercado livre de Roterdã que os nossos excedentes de gasolina são vendidos (enquanto o petróleo propriamente dito é adquirido por contrato com os países produtores), está começando a criar um espinhoso dilema para as autoridades econômicas.

O que ocorre é que o esforço de contenção do consumo de derivados de petróleo teve um sucesso acima das expectativas; e a tendência prossegue, acrescida de fatores como o próximo corte de fornecimento do óleo combustível para a secagem de grãos, naturalmente, os primeiros resultados do Proalcool. Em termos normais, o procedimento natural seria manter os preciosos contratos de petróleo e revender o excedente, após a devida estocagem, no mercado "spot". A diferença de preços representaria um apreciável lucro para o Brasil, habitualmente, mas agora a situação é exatamente o inverso, como podem atestar os especuladores que não encontraram comprador em Roterdã para os preços que pretendem. Portanto, parece mais lógico deixar de cumprir os contratos e não adquirir mais petróleo do que o estritamente necessário. Esta é a atitude habitual e óbvia em qualquer área. Mas os preços no "spot" podem voltar a subir, e neste caso, teríamos perdido uma excelente fonte de divisas.

Pior estaríamos sem a possibilidade de renovar contratos com os países fornecedores, após o descumprimento de acordos anteriores. Não é absolutamente seguro que o consumo continuará decrescendo; mais cedo ou mais tarde, uma recuperação do nível de crescimento da economia geraria um aumento na demanda, e seria bastante difícil renovar contratos. A crise de petróleo que até o presente é puramente cambial, tornar-se-ia realmente energética mormente se a economia norte-americana superar a atual recessão, impulsionando os demais países industrializados do mundo ocidental. Em tal caso, não haveria outra saída senão recorrer ao mesmo "spot", mas desta feita com os preços inflacionados pelo aumento do consumo.

A situação é portanto delicada e a decisão a ser tomada, qualquer que seja, implica numa certa dose de risco. O que há de auspicioso, apenas, é que pela primeira vez em muitos anos a decisão sobre o futuro da economia nacional está em mãos do Brasil e não da OPEP.

Exportação de países desenvolvidos para o Terceiro Mundo

Os países ocidentais industrializados devem se voltar para os países em desenvolvimento, com o objetivo de impedir uma séria recessão na expansão do comércio mundial, de acordo com declarações do Oliver Long, diretor geral do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio).

Dirigindo-se a um grupo de economistas e empresários, Long previu que a recessão econômica forçaria os países industrializados ocidentais a reduzir o ritmo de comércio entre si mesmos. No entanto, o crescimento moderado poderia ser alcançado no comércio mundial, caso os exportadores do Ocidente participassem mais nos mercados do Terceiro Mundo, ao invés de concentrar suas atenções para os países exportadores de petróleo, União Soviética e seus parceiros orientais.

A União Soviética e Europa Oriental irão importar menos do que nos anteriores, especialmente dos países desenvolvidos, devido às reduções impostas pelos planos econômicos de emergência. Além disso, os países exportadores de petróleo estão em uma fase de consolidação, depois de "boom" na demanda mundial de imporatção de seus produtos, nos últimos anos.

A redução nas exportações do Ocidente — isto é, da Europa, Estados Unidos e Canadá — para o Oriente começou no ano passado, revertendo a tendência de 1978, quando as importações dos países da Europa Oriental aumentaram bastante em um ritmo mais rápido do que as suas exportações. O valor das exportações da Europa Oriental, incluindo-se a União Soviética, para o Ocidente foi duas vezes maior do que as importações, no ano passado, de acordo com os números publicados pela Comissão Econômica para a Europa das Nações Unidas.

Coréia e a nova medida de expansão econômica

As novas medidas econômicas expansionistas da Coréia têm por objetivo estimular e reduzir o desemprego. Segundo a junta de Planificação Econômica, as novas medidas devem resultar em uma taxa de crescimento real de 3 ou 4 por cento, em 1980, apesar do aumento previsto para a inflação.

Entre as novas medidas econômicas, estão em subsídios públicos destinados a reduzir o custo do transporte e de outras necessidades básicas dos grupos de baixo lucro, a criação de 75 mil empregos, através de apoio do governo e vários setores da economia privada e novas obras de projetos públicos.

Médicos residentes vão parar para exigir uma lei decente

BELO HORIZONTE — Nos dias 23 e 24 deste mês, médicos-residentes de todo o País farão uma greve de advertência, dando "um ultimato" ao Governo Federal para que aceite e transforme em Lei a regulamentação didática e profissional da categoria proposta pelo substitutivo do deputado federal Mário Hato do PMDB de São Paulo.

Essa paralisação por dois dias foi decidida este fim-de-semana, em Belo Horizonte, pelo Conselho de Representantes da Associação Nacional de Médicos-Residentes, reunindo entidades filiadas de 13 Estados. No dia 27, ainda em Belo Horizonte, o Conselho voltará reunir-se para dar um balanço da greve de advertência e, possivelmente, marcará a data da greve por tempo indeterminado, aprovada pelo Congresso dos Médicos-Residentes e mantida hoje.

Segundo dirigentes da ANMER, a greve de dois dias pretende abranger os 8 mil residentes do País e somente vai poupar os plantões de emergência. Ela servirá para pressionar o Governo, o Congresso Nacional, além de funcionar como meio de mobilizar ainda mais os médicos residentes, garantir apoio dos Sindicatos dos Médicos e Estudantes de Medicina, e acelerar a divulgação do movimento ante a opinião pública mediante a distribuição de cartazes e boletins.

Disseram que a decisão de paralisar suas atividades nos próximos dias 23 e 24 "significa trazer de volta o movimento para o meio da categoria, uma vez que o substitutivo Mário Hato está parado no Congresso Nacional, porque o PDS não dá **quorum** para a sua segunda votação".

Contaram ainda que essa resolução foi tomada no Congresso dos Médicos-Residentes, realizado em Belo Horizonte, em julho, o qual também optou pela greve por tempo indeterminado. Esta, afirmam, os dirigentes da ANMER, deverá ser deflagrada ainda este ano ou no começo do ano que vem, dependendo dos resultados da paralisação dos dias 23 e 24, e se o Governo não aceitar a proposta de regulamentação constante do substitutivo. Por isso, os residentes começam hoje a vender bônus para o fundo de greve.

> ♦ **Os médicos residentes já deram mostras de sua disposição de luta. Trata-se de um dos setores mais proletarizados da classe médica.**

Estudantes revoltados com taxas 106% maiores

O deputado Edson Khair denunciou ontem que o Conselho Federal de Educação, através do Sr. Geraldo Machado Carneiro, representante da SUNAB no Conselho, autorizou o aumento das anuidades das faculdades particulares a partir de julho, da ordem de 80,82%. Acrescenta-se a esse percentual o aumento, já aprovado pelo ministro Eduardo Portella, de 25,7%, a ser cobrado a partir de outubro desse ano, e tem-se o absurdo aumento de 103,52%.

O escândalo se constitui no fato do Sr. Geraldo Machado Carneiro, relator do processo 1.059/80, na condição de representante do órgão controlador e fiscalizador dos preços, não ter exigido em seu voto — que liberou o aumento das anuidades em 80, 82% — uma perícia contábil ou uma auditoria independente, ou, ainda, uma Comissão de Sindicância para conferir a honestidade contábil do balancete apresentado pela Sociedade Mantenedora Helio Alonso, que pleiteou o aumento.

O representante da SUNAB não exerceu sua missão de zelar pela contenção dos aumentos absurdos das anuidades, prejudicando os estudantes, em sua maioria assalariados de baixo poder aquisitivo.

O deputado Edson Khair, autor do requerimento da CPI no Congresso Nacional para apurar a exploração e as distorções do ensino pago no país, disse que este tipo de ensino transformou-se numa espécie de "supermercado da educação", onde os preços são remarcados diariamente. Afirmou ainda que é de se declarar a suspeição do relator, Sr. Geraldo Machado Carneiro, diante de sua atitude totalmente parcial em favor dos proprietários do ensino pago.

O parlamentar afirmou ainda que tal abuso pode motivar mandado de segurança baseado no Artigo 153, Parágrafo 21, dos escombros da Constituição emendada.

> ♦ **Os alunos da Santa Ursula já entraram com ação na Justiça contra os aumentos excorchantes. Nas faculdades particulares há um clima de justa revolta. E depois não venham dizer que ela é obra de grupos subversivos.**

Carestia leva 500 ao comício de Madureira

O Dia Nacional de Luta contra a Carestia foi comemorado ontem, no centro de Madureira, com um Ato Público que teve início às três horas. Estiveram presentes cerca de 500 pessoas, entre estudantes, trabalhadores, donas de casa e interessados nesta luta, que terá prosseguimento no próximo dia 6 na sede velha do Sindicato dos Bancários, na Rua Presidente Vargas, 502.

O imediato congelamento de preço dos alimentos, aluguéis, transportes e remédios, aumentos salariais acima do custo de vida e reforma agrária, foram as reinvindicações feitas pelas diversas associações presentes, como a FAMERJ, FAFERJ, Unidade Sindical-RJ, UEE e MAB.

O ator Mário Lago foi um dos apresentadores, junto com o vice-presidente da FAMERJ, Jô Resende, e iniciou sua falação explicando sua presença no local da seguinte maneira :"Alguns estranham minha presença aqui, mas a distância de Copacabana para o centro da terra é a mesma de Madureira ao centro da terra, que, por sua vez, é a mesma do centro da terra à estratosfera. Pena que os salários estejam ao nível da terra e o custo de vida na estratosfera...".

Os parlamentares que estiveram presentes como os deputado Heloneida Studart, Alves de Brito, Marcelo Cerqueira, Raimundo de Oliveira e o ex-senador Aarão Steinbruck, manifestaram seu apoio, intercalados por dois violeiros que animavam o público.

Professores se dividem aos gritos de unidade

HÉRIS TELLES FERREIRA

Encerrou-se, ontem, no Colégio Bennett, o II Encontro Estadual de Professores. Depois de três dias em que os grupos de trabalho se reuniram para estudar questões referentes ao salário, política educacional e participação nas decisões de ensino, além da organização do professorado, o encerramento foi tumultuado evidenciando a divisão da classe.

A discussão chegou ao impasse no momento de decidir se o CEP deveria se filiar à Confederação dos Professores do Brasil — CPB — ou partir para a construção de uma nova entidade nacional. O plenário estava inteiramente dividido. Os membros das comissões zonais, ligados às bases, estavam a favor da criação de uma nova entidade, pois acusam a CPB de encaminhar mal as questões salariais, fazendo parte de uma comissão partidária entre MEC-CPB e de ter sido contra os movimentos de greve que mobilizaram o professorado em todo o Brasil.

Percebendo que a tendência seria a não filiação ao CPB, foi apresentada uma moção que pedia o adiamento da decisão para que a questão fosse melhor estudada, o que causou revolta no plenário. A moção foi votada a favor do adiamento por 148 votos contra 137. Muitos professores se omitiram pois ficaram confusos, não sabendo mais como decidir. Assim, a questão sobre a filiação ou não ao CPB ficou sem solução. O plenário explodiu em protesto e aplausos e gritos de "unidade, unidade". Grande parte dos professores se retirou, dizendo que tinha havido manipulação por parte da mesa, no sentido de que a decisão fosse tomada mais tarde, numa assembléia com "meia-dúzia de gatos pingados" e a favor do CPB. Na verdade, o centro da discussão foi sobre o controle das bases. A direção do CEP teme ser atropelada pelas comissões que, organizadas e em contato com as bases, põem em risco o centralismo do organismo.

> ♦ **Enquanto prevalecerem certos referenciais, certas visões sectárias de cada um dos vários lados, as organizações populares, sejam elas quais forem, não fugirão ao prazer da divisão.**

Oposição conclui a sua lei para estrangeiros

BRASÍLIA — A comissão especial dos partidos oposicionistas terminou a tarefa atribuída pelas lideranças do PMDB, PP ,PDT e PT, de consolidação de novo anteprojeto do Estatuto dos Estrangeiros. O texto foi entregue às lideranças e, uma vez aprovado, será submetido aos órgãos da sociedade civil, especialmente CNBB, OAB e ABI para exame

O grupo de trabalho oposicionista encaminhará cópia do anteprojeto ao presidente da Câmara, deputado Flávio Marcilio, e aos demais parlamentares solicitando críticas e sugestões. Os deputados Marcelo Cerqueira (RJ) e Roberto Freire (PE), que coordenaram os estudos, disseram que o trabalho "é antiautoritário no seu conteúdo e na sua forma".

Integram, ainda, o grupo os deputados Jorge Uequed e Mário Hato (PMDB), Sérgio Murilo e Murilo Mendes (PDT), Airton Soares (PT) e João Linhares (PP).

A redação da minuta cuidou apenas de inovar no imprescindível, resgatando as tradições liberais do nosso Direito sobre a matéria. Foi mantida a proteção ao trabalhador nacional e ao interesse cultural. O grupo de trabalho incluiu na minuta o direito à reunificação familia, desprezando "as formas totalitárias de segurança nacional, interesse nacional, conveniência ou a critério do ministro da Justiça."

No título "da admissão, entrada de impedimento" dos estrangeiros, a Oposição teve a preocupação de consolidar leis anteriores, inovando na garantia do visto ao missionário e a comunidade acadêmica, no que se refere ao visto temporário. Na questão da permanência, assegura-se a reunificação familiar.

No "impedimento", inclue-se um dispositivo severo quanto ao tráfico de entorpecentes, em todas as suas formas e, ao lenocínio em qualquer de suas modalidades. Nos dispositivos, foram incluídas novas normas, para conter o refugiado e o apátrida, além do asilado. Explicita-se a garantia constitucional do asilado, inscrevendo-se as diferentes convenções internacionais sobre refugiados e apátridas, fixando-se, ainda, normas e procedimentos para o exercício das funções do Alto Comissariado para Refugiados, da ONU, nos termos da Convenção de Genebra.

> ♦ **A questão dos estrangeiros é mais urgente do que parece, mesmo porque enquanto não sair uma nova lei a que está em vigor é a coleção de hostilidades e ódio emanada do Palácio.**

PTB abre mão de pleito direto para presidente

BRASILIA — O único deputado do PTB na Câmara, deputado Jorge Cury (RJ), anunciou que seu partido votará a favor da emenda que estabeleça eleições diretas para governador e a totalidade do Senado, ao tempo em que se empenhará para evitar a ampliação dessa proposição. Ele justificou a necessidade de impedir que sobre a iniciativa recaiam outras postulações constitucionais, afirmando que isso poderia provocar a rejeição da emenda, quando as oposições seriam responsabilizadas por esse fato.

O deputado Jorge Cury disse, também, que seu partido votará contra a emenda que prorroga os atuais mandatos municipais, a ser votada pelo Congresso até a próxima quinta-feira. Segundo o parlamentar fluminense o PTB é contra a prorrogação dos mandatos por entender que após o dia 31 de janeiro próximo, os mandatos dos prefeitos e vereadores estarão extintos, "porque eles foram eleitos para cumprirem um mandato de quatro Anos". Um minuto após esse marco constitucional, comentou Cury, e passaremos a ter no Brasil, além de senadores indiretos, prefeitos e vereadores biônicos".

Por essa razão, acrescentou o deputado fluminense, o PTB é favorável à convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, que, no seu entender, servirá para legitimar as reformas que visam a abertura democrática.

> ♦ **A posição do PTB não tem a menor importância. Não se trata apenas de considerar que o sr. Cury, advogado chaguista, é o único PTB na Câmara. O problema é que não há quem leve a sério esse partido.**

Viana garante ao STF do Anísio segue a lei

BRASILIA — O senador Luis Vianna Filho informou ao Supremo Tribunal Federal que a comissão mista do Congresso tem competência legal para examinar a constitucionalidade das propostas de emenda à Constituição em tramitação naquela casa. A informação havia sido pedida pelo ministro Décio Miranda, para instruir o processo de mandado de segurança requerido pelo senador Itamar Franco, contra a Emenda Anisio de Souza, que prorroga o mandato dos prefeitos e vereadores.

O presidente do Senado limitou-se a descrever a tramitação da emenda no Congresso e apenas explicou que ela restabelece o antigo artigo 219 da Constituição, que dispunha que o mandato dos eleitos no município terminava em 31 de janeiro de 1983. Hoje, os autos irão para o procurador-geral da República dar parecer sobre o pedido. Só depois disso entrará em pauta para julgamento no plenário.

Não bata a porta. É o censo que chega

SÃO PAULO — Terá início, hoje, em todo o País, o Censo Demográfico do Brasil, que durante os próximos dois meses deverá coletar dados e informações sobre o número atual de habitantes, classificados por Estado, Municípios e sexo. O IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — selecionou 110 mil recenseadores para entrevistar 28 milhões de famílias, que na pesquisa gastarão 400 toneladas de papel, incluindo 130 milhões de questionários.

Para que o trabalho dos pesquisadores tenha êxito, o presidente do IBGE, Jessé Montello, fez um apelo para a população abra as portas de suas residências e colabore com os recenseadores. Ele acredita que a intensa campanha promovida através dos jornais, rádios, revistas, televisões e *outdoors* deverá dar os resultados esperados no sentido de que a população facilite o trabalho dos pesquisadores. Explicou que foram tomadas todas as precauções para que as famílias possam identificar os recenseadores sem erro. Ao apresentar-se para a pesquisa, o recenseador deverá mostrar um cartão de identificação do IBGE.

CONVITE

O Vereador Helio Fernandes Filho, convida os jornaleiros e o público em geral para a solenidade que se realizará amanhã, terça-feira, dia dois de setembro, às 16 horas, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em solidariedade à categoria prejudicada em suas atividades profissionais em virtude dos atentados perpetrados contra bancas por grupos terroristas.

CARLOS CHAGAS

Calendário de Pé

BRASÍLIA — Insiste o governo em acentuar que os acontecimentos desta semana em nada irão obstar a abertura democrática, e até de propósito, o presidente João Figueiredo repassou com o ministro Ibrahim Abi Ackel, da Justiça, durante o vôo que sexta-feira os levou a Minas e São Paulo, trazendo-os depois para a capital federal, as linhas gerais do cronograma de aprimoramento político já em marcha. Examinaram, primeiro, os eventos previstos para este ano, a começar pelo adiamento das eleições municipais, cuja emenda será votada nos próximos dias. Ibrahim detalhou os esforços que vem sendo desenvolvidos junto às bancadas do PDS e manifestou ao presidente a certeza de que o partido oficial não falhará, comparecendo com pelo menos 211 votos positivos. Terá, também, dado conta de certas gestões desenvolvidas muito em sigilo junto a setores da oposição, para que possam vir a colaborar.

Falaram de mais duas emendas em discussão no corrente semestre: da volta às eleições diretas e do fim dos senadores biônicos, quando mais uma vez o chefe do governo exprimiu a determinação não apenas de vê-la transformada em lei, mas enfatizou que o povo votará diretamente nos proximos governadores, custe o que custar. Analisaram, no particular a situação em Estados onde as oposições parecem imbatíveis sustentando o ministro que até 1982 haverá tempo para o Palácio do Planalto manobrar certas alianças e, em paralelo para que o governo realize determinadas iniciativas no campo social, especialmente nos grandes centros. de modo a conquistar parcelas do eleitorado e surpreender alguns candidatos julgados vitoriosos, do PMDB e do PP. Detiveram-se na sucessão gaúcha, paulista, mineira e pernambucana. Para eles, não serão favas assim tão contadas as vitórias de Pedro Simon, Franco Montoro, Tancredo Neves ou Marco Freire presumindo-se que, nos Estados referidos, deva se concentrar a atenção maior do oficialismo.

A emenda que restabelece as prerrogativas do Congresso mereceu destaque ulterior, ficando reafirmada a posição do presidente: não será admitido o restabelecimento puro e simples da inviolabilidade parlamentar, pois deputados e senadores que investirem contra a honra de pessoas ou instituições, das respectivas tribunas, bem como atentarem contra a segurança nacional, não poderão permanecer à margem da lei. Apenas, continua em aberto a idéia do ministro da Justiça, de que se o Congresso apresentar evidências seguras de promover punições interna corporais, mas para valer mesmo, poderá a proposta ser examinada pelo governo. No que respeita ao decurso de prazo, que o texto Flávio Marcílio extingue, também não mudou a posição oficial: trata-se de mecanismo necessário à eficácia da máquina administrativa do Executivo e ao próprio país, podendo no entanto, ser alterada a sua forma atual. Os 45 dias de hoje passariam a 70 ou 80, bem como, no caso de não ter sido examinado um projeto preferencial do governo, nesse tempo, ele não seria imediatamente tornado lei. Durante seis sessões consecutivas do Congresso, com duas chamadas em cada uma, ele permaneceria na ordem do dia.

A conversa, bastante prolongada seguiu adiante, nos demais capítulos previstos do projeto maior de abertura política Para o ano que vem, deverão ser analisadas certas reformas especiais na lei eleitoral, visando aprimorar o processo de escolha e indicação dos diversos representantes do povo. Não se cogita do voto do analfabeto, mas a chamada Lei Falcão será alterada, permitindo aos partidos políticos e aos candidatos o acesso à televisão, rádio e demais meios de comunicação, de forma livre, gratuita e responsável.

Ignora-se se abordaram o voto distrital, a sublegenda ou a vinculação de votos, pois esses temas dependerão do evoluir de todo o quadro. O ministro da Justiça não demonstra simpatia pelo voto distrital, sequer no sistema misto, mas reconhece a sublegenda municipal como imperiosa.

Para 1982, ainda conforme o calendário examinado, prevê-se eleições livres e desimpedidas, onde os candidatos possam, ao máximo, buscar e sensibilizar as bases. Será ponto de honra para o governo a realização de um pleito desempacotado mesmo como o risco de os partidos de oposição, somados, formarem maioria no futuro Congresso. Nem o presidente nem o ministro acreditam nisso, mas, se porventura ocorrer o caminho natural será a busca de alianças, antes ou depois, com forças mais afins com o PDS. Por enquanto, não haverá que tratar desse entendimento alternativo, muito menos da participação do PP no Ministério, mas no devido tempo, quem sabe...

Está definido, da mesma forma que após o pleito de 82, possivelmente no primeiro semestre semestre de 1983, venha o Palácio do Planalto a estimular e até a patrocinar uma reforma constitucional ampla. Renovado em sua representatividade e em sua legitimidade, o futuro Congresso desempenhará o seu poder constituinte derivado, chegando a um novo texto constitucional que, por motivos psicológicos, poderá se constituir numa nova Constituição Quanto ao mérito, registra-se apenas uma tendência: o presidente com partilha da opinião do jurista Afonso Arinos, sobre dever a nova Carta Magna ser mais Normativa e menos detalhada, passando muita coisa hoje preceituada na Constituição para a lei complementar ou, mesmo, para a lei ordinária.

O ano de 1983 seguirá, assim, sob a égide dessa grande reforma, mas o seguinte, 1984, será tipicamente sucessório, isto é, os partidos deverão começar a cuidar do problema, realizando suas convenções, apresentando seus candidatos e exercendo ao máximo o poder político. Por certo que o general Figueiredo participará do processo, no âmbito de seu partido, como presidente de honra do PDS e governante atual, mas sairá candidato quem maior apoio político demonstrar, civil, militar ou anfíbio. Estaria, ainda segundo a conversa de dois dias atrás, no Boeing presidencial, encerrado o ciclo dos generais feitos presidentes por força das chamadas necessidades revolucionárias O movimento de 64 continuará como inspiração maior e certamente, não se cogita da possibilidade de anti-revolucionários assumirem o poder, mas tomará posse quem for indicado pelo respectivo partido e, depois, sufragado no colégio eleitoral.

A revelação desses pormenores, de resto definidos há mais de um ano pelo então ministro Petrônio Portella, denota a preocupação do governo mas em demonstrar que apesar das bombas, dos atentados e da intranqüilidade generalizada no país, permanecem inalterados os planos de democratização Resta saber se a essas intenções generiais e louváveis corresponderão os fatos, pois o passado não se deu ao trabalho de passar para que o ignoremos. Desde Castello Branco que tal processo vem sendo idealizado mas, até agora, jamais realizado...

Sindicalismo divide o ABC

SANTO ANDRÉ — Com o objetivo de se articularem de forma mais concreta diante dos problemas do sindicalismo atual, cerca de 800 representantes de diversas categorias profissionais reuniram-se durante todo o dia de ontem nas dependências do Clube Bochofilo, em São Bernardo do Campo, para realizar o Encontro Nacional dos Trabalhadores em oposição à Estruturação Sindical — ENTOES. Até o final da tarde, porém, os participantes não haviam chegado a qualquer acordo sobre as propostas que deverão ser levadas ao congresso anual dos sindicalistas a realizar-se no próximo mês, no Rio de Janeiro.

O encontro teve início às 11 horas, com acirrados debates sobre a proposta que versava sobre o regimento interno. Alguns participantes não concordavam com o item V dessa proposta, que trata da escolha dos delegados para representação no Encontro Nacional. No documento, se sugeria que delegados eleitos pelos grupos de trabalho fossem para o Rio de Janeiro, proposta não aceita pela maioria, que optou pela escolha de um delegado para cada categoria profissional.

Até o final da tarde, os representantes da mesa, entre eles membros da APOESP e diretores afastados do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, não haviam conseguido ler propostas cujas cópias circulavam pelo plenário, uma delas apresentada pela oposição sindical metalúrgica e dos bancários da capital, e outra de membros da APEOESP e Sindicato dos Artistas.

Na primeira proposta, a oposição sindical metalúrgica de São Paulo e os bancários, conclamavam pela "não existência de qualquer legislação sobre a estrutura sindical, seu funcionamento e formas de organização, que devem ser decididos pelos próprios trabalhadores". Ainda nessa proposta, os autores optam pela "não cobrança do imposto sindicila, entendendo que os sindicatos devem fazer amplas campanhas de finanças para sua própria manutenção".

Na outra proposta, assinada por representantes da APEOESP, Sindicato dos Bancários de São Paulo, dos Artistas, oposição sindical dos jornalistas e comando de mobilização dos metalúrioos de Santo André, além de outros representantes, o enfoque dado refere-se à mobilização de todas as categorias por ocasião dos movimentos de paralisação por melhores condições de vida. "Não seria justo manter unidos os trabalhadores do interior ao ABC? A greve dos motoristas não teria sido um grande apoio? Uma greve geral não seria capaz de obrigar patrões e o governo a atender às reivindicações, cessar a repressão e reintegrar os dirigentes cassados? Por que não foi nessa linha que a unidade sindical agiu? São essas as indagações contidas na proposta.

Cr$ 32 bilhões para Itaipu

Um consorcio de 13 bancos estaduais de desenvolvimento, liberado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do extremo Sul — BRDE, vai assinar com furnas contratos no valor de Cr$ 36 bilhões, composto do repasse de Cr$ 32 bilhões — a maior operação que o FINAME já realizou para o setor elétrico —, e de um financiamento com recursos do consórcio, no valor de Cr$ 4 bilhões.

Os contratos serão assinados hoje, na sede de Furnas, com a presença dos presidentes do BNDE, Luiz Sande; dos Finame, Arimá da Silveira; da Eletrobrás, Maurício Schulman; da Itaipu-Binacional, Costa Cavalcanti; e de Furnas, engenheiro Licínio Marcelo Seabra.

O financiamente destina-se à aquisição de equipamentotos nacionais para as estações conversoras de corrente continua do sistema de transmissão de Itaipu cujas obras estão em ritmo acelerado neste momento, ambas as subestações conversoras de Foz do Iguaçu (Retificadora) e de São Roque (Inversora) já se encontram com sua terrplenagem muito adiantada. Tudo indica a ssim que em 1.º de abril de 1983, forunas completará o primeiro estágio desse sistema, que transmitirá para o sudeste a energia elétrica gerada pela usina de Itaipu.

Em abril último, furnas assinou contratos com a Eletrobrás, o SEB e a ASEA-PROMON. O contrato com a Eletrobrás correspondeu a um financiamento parcial no valor de Cr$ 4 bilhões e 901 milhões, destinado à aplicação em custos locais, durante o ano de1980.

O segundo contrato de financiamento, com o Skandinaviska Enskilda Banken, no valor global de 358 milhões de dólares, será para aplicação na compra de equipamento aquisição de serciços, em moeda estarangeira.

O contrato com o consórcio ASEA-PROMON, no valor total de 840 milhões de dólares, inclui as obras de construção das estações conversoras de corrente continua, em Foz do Iguaçu e São Roque, equipamentos, sistema de onda portadora, eletrodos de terra e instalações complementares.

Energia: aumento não resolve

O presidente da Eletrobrás, Maurício Schulman, afirmou que o aumento de 20 por cento nas tarifas de energia elétrica não resolverá os problemas do setor energético, mas significará um alívio passageiro. Esclareceu que a previsão de investimentos para o setor, em 1980, era de Cr$ 233,5 bilhões, mas que despesas imprevistas — como a acarretada pela política de reajuste salarial semestral e o fim do subsídio ao carvão — farão com que os recursos para ampliação do setor caiam para apenas Cr$ 200 bilhões.

É que, além dos Cr$ 8 bilhões de gastos extras com a nova política salarial e os Cr$ 9 bilhões com a retirada do subsídio ao carvão vegetal e a elevação do óleo combustível, o serviço da dívida externa do setor foi agravada pela maxidesvalorização do cruzeiro e passou a ser de cerca de Cr$ 17 bilhões no ano corrente. Daí o inesperado "rombo" de cerca de Cr$ 34 bilhões que pasarão nos investimentos no setor energético.

Apesar desse "rombo", Schulman repetiu que as obras prioritárias não sofrerão com a falta de recursos. Assim, estão garantidos os prosseguimentos, em ritmo normal, das obras das hidrelétricas de Itaipu e Tucuruí, das usinas I, II e III de Angra dos Reis, da linha de transmissão Norte-Nordeste e da corrente contínua de Itaipu.

ECONOMIA MARÍTIMA

Editor: SÉRGIO COSTA E SILVA

Consolidada e em condições de competir vantajosamente no mercado mundial, a indústria naval brasileira constrói navios de grande porte e alta sofisticação.

Indústria Naval Brasileira mantém posição de liderança

A indústria naval brasileira, de acordo com dados relativos ao mês de junho e segundo informações divulgadas pelo Lloy'd Register of Shipping, mantém a sua posição de segunda do mundo, ultrapassada apenas pelo Japão, que vem assegurando incontestável liderança no setor, com 12 milhões de toneladas em carteira, equivalente a 36,6% das 32,50 milhõesc de toneladas de pedidos, contra 2,2 milheos de toneladas de registro bruto, volume em carteira regisrada no Brasil. O país que desponta em terceiro lugar é a Coréia do Sul, com 2,1 milhões de toneladas e aumento de 670 mil toneladas em relação ao 1,50 milhão que registrara em março deste ano. Segue-se a Espanha, com 1,9 milhão.

Os resultados do primeiro semestre de 1980 assinalaram, também que o Japão completou 3.038 navios, contra 2.292 do ano passado; O Brasil atingiu 256, com redução de 83 em relação a igual período de 79; a Inglaterra chegou a 249, a Alemanha foi a 240; e os Estados Unidos entraram com 178.

Concorrência e lucratividade

Existe ainda a evidência de que a construção naval em todo o mundo, se forem considerados os resultados dos exames dos pedidos em carteira do primeiro trimestre de 1970, apresenta uma produção inferior à de outros períodos.

Verifica-se, igualmente, que o peso da concorrência dos países emergentes aumentou consideravelmente em face dos fabricantes mais tradicionais. O mercado, além de diminuir, tem, agora, que acomodar as nações do terceiro mundo. O Japão, em 1970, já detinha a liderança, mas era seguido pela Suécia, que, garantindo 9% do mercado, hoje só tem 2,8% do total. O terceiro, a Grã-Bretanha, que tinha 4,05 milhões e 7,8%, caiu para 700 mil toneladas, ou 2,3%, levando-a ao 12º lugar entre os maiores construtores de navios. O quarto país, em 1970, era a França, com 4,9 milhões de toneladas e 7,6%, passando, em dez anos, a 980 mil toneladas, e 3,2%. Redução substancial também ocorreu em relação à Alemanha Federal, que passou de 4,30 milhões e 6,7% para 900 mil toneladas e 2,9%.

Países como a Noruega, Dinamarca, Itália e Holanda, que durante muitos anos figuraram entre os principais construtores, saíram da lista dos 12 maiores, sendo substituídos pelo Brasil, Coréia do Sul, Formosa e Polônia.

A Shippin Statistics and Economics adverte, porém, que, embora os países do terceiro mundo tenham conquistado posições rapidamente entre os maiores construtores, isso não significa que eles estejam ganhando dinheiro. Considera duvidoso que, no mercado de hoje, algum construtor de navios comerciais, em qualquer lugar do mundo, esteja obtendo lucros apreciáveis observando, ainda, que os estaleiros só se mantêm abertos graças à diversificação que lhes permite outras atividades.

Países tradicionais perdem posição no novo mercado

O fenômeno da entrada de países novos no setor da indústria de construção naval foi destacado, em 1977, pelo presidente da Associação Japonesa de Construtores Navais, durante a Conferência Seatrade/Riomar, quando afirmou não acreditar que haja uma linha divisória claramente definida entre países tradicionais e não tradicionais na construção naval. Admitiu que o "mundo está mudando continuamente, de modo que os países que hoje não são tradicionais na construção naval, poderão, muito bem, tornar-se amanhã em países tradicionais", podendo ocorrer o inverso, com países hoje tradicionais desviando-se da rota.

Aspectos da transição

O presidete da Associação Japonesa, Hisashi Shinto, fez uma apreciação sobre o comportamento da indústria de construção naval no mundo, durante os últimos cinqüenta anos, mostrando, como mudaram os países tradicionais e não tradicionais. O Japão por exemplo, somente em 1980 construiu o seu primeiro navio de aço, e no entanto, já há cinqüenta anos surgia como a oitava nação do mundo no setor, com uma participação de 3,1% sobre o total do mercado. Há quarenta anos, o Japão ascendeu para uma participação de 13,9%, já em terceiro lugar, superado, apenas, pelo Reino Unido e pela Alemanha. Vinte anos depois, atingiu a posição de principal construtor naval do mundo.

A análise das mudanças verificadas na indústria de construção naval mostra — segundo ele — a inexorabilidade do que aconteceu na indústria, o que equivale dizer que as condições que fazem uma indústria de determinado país mais competitiva do ponto-de-vista internacional, mudam na medida em que a economia desse país crescer e desenvolve-se.

— Não é um caso de escolha — afirmava — mas a contingência de aceitar-se o fato como inevitável historicamente, pois se trata de um processo que determina se a indústria de determinado país vai ascender ou cair com a mudança das condições de cada um.

Competitividade

O grau de competitividade, também, é um dado importante, segundo assinala Hisashi Shinto. Para que a indústria de montagem, possa ser competitiva — se fatores como padrões tecnológicos, níveis salariais, índices de produtividade são constantes — o preço da aquisição e a qualidade dos componentes que irão ser montados deverão ser competitivos.

— Há ainda mais: desde que não exista possibilidade de todas as indústrias associadas à construção naval de um só país atingirem, em determinado momento, a sua máxima competitividade, o caminho mais adequado para manter a indústria em seu estado de máxima competitividade não é necessariamente insistir em componentes de manufatura doméstica, mas sim em empenhar-se na aquisição de componentes e equipamentos que sejam mais competitivos internacionalmente.

Assim, se os navios forem competitivos, seguir-se-á, naturalmente, um maior número de encomendas, aumentando a demanda de componentes e equipamentos, o que por outro lado, influirá na competitividade dos componentes produzidos internamente. A própria indústria naval japonesa ainda compra alguns componentes no Exterior.

Shinto previu, inclusive, que o Brasil e outras nações construtoras poderão liderar, no seu devido tempo, as indústrias navais do mundo, o que será historicamente inevitável desde que haja incentivo à produção interna de equipamentos e componentes navais, de forma cientificamente racional, em correspondências com a industrialização do país dentro de diretrizes que reforcem a competitividade internacional dos próprios navios.

EDITORIAL

Uma indústria consolidada

OS DADOS referentes à posição da indústria naval brasileira no "ranking" mundial, constantes do último relatório divulgado pelo Lloyd's Register of Shipping, comprovam a singular projeção alcançada pela nossa indústria construtora de navios, desde há dois anos, quando começaram a aparecer, em escala consistente, os frutos da política de produção programada, iniciada em 1970 e consagrada no II PCN.

Os anúncios que dão corpo a esse desempenho são bastante eloqüentes, ao ponto de situar o Brasil no segundo posto, em todo o mundo, nas estatísticas referentes ao volume de encomenda nas carteiras dos estaleiros. Projetada em 1958 para uma produção de 160 mil toneladas/ano, a indústria naval, graças aos vultosos investimentos realizados, alcança atualmente uma capacidade de produção de 2 milhões de toneladas anuais. Ao ser reimplantada a indústria, a perspectiva era de que ela poderia se lançar à construção de navios de até 25 mil TPB, quando hoje possuímos estaleiros capazes de fabricar os poderosos VLCC, supernavios de até 400 mil toneladas. Quatro unidades de 277 mil toneladas já foram construídas pelos nossos operários, destinadas ao transporte de petróleo, somando, só esta série, o total da tonelagem entregue num período de cinco anos, entre 1970 e 1974.

NESSE processo de crescimiento, durante o qual os nossos estaleiros incorporaram à indústria brasileira a mais moderna tecnologia da construção naval, é que avançamos até ingressarmos no fechadíssimo grupo de países exportadores de navios, e o fizemos de forma a que as embarcações "made in Brazil" grangearam o respeito e, em muitos casos, a preferência de empresas armadoras da maior projeção no mercado mundial.

Desde que se iniciaram, timidamente, em 1964, até as últimas entregas, previstas para 1983, as exportações de navios construídas em nossos estaleiros já se elevam a mais de US$ 1 bilhão. E já não se trata de unidades pequenas e relativamente pouco sofisticadas, mas de navios de diversos tipos e tamanhos, inclusive os que exigem tecnologia especial, como os porta-containers.

Podemos, muito à vontade, confirmar as palavras recentemente pronunciadas pelo Ministro Eliseu Resende ao referir-se à indústria naval brasileira como "uma indústria consolidada e em condições de competir com a dos países mais desenvolvidos".

AS discussões que foram suscitadas pelo Decreto-Lei n.º 1.801, há duas semanas assinado pelo Presidente da República, reformulando a mecânica financeira do transporte marítimo e, por via de conseqüência, da construção naval, não podem, por tudo isto, afastar-se do fundamental. Temos necessidade inadiável de mais navios para o nosso transporte marítimo internacional, cuja tendência inevitável é o crescimento, e felizmente contamos com uma indústria que já demonstrou amplamente estar em condições de atender perfeitamente à demanda que lhe seja dirigida.

SE há pontos ainda a ajustar, decorrentes da nova legislação, não temos dúvida de que tudo será conduzido de maneira a fazer com que prevaleçam, acima de tudo mais, os interesses do País. E é incontestável que esses interesses coincidem plenamente com a intensificação do trabalho produtivo de nossos estaleiros, pois dele é que depende o crescimento de nossa Marinha Mercante que é, por sua vez, a condição necessária para que o transporte marítimo possa ser realizado como um fator de soberania nacional e de obtenção de divisas, sob a forma de fretes, para o nosso País.

Repetimos, mais uma vez, o que foi dito aqui: temos é de acertar o passo.

SÉRGIO COSTA E SILVA

Petrobrás luta contra extinção do monopólio

BRASÍLIA — A diretoria da Petrobrás decidiu declarar guerra à proposta de emenda da Constituição Federal, de autoria do deputado Feu Rosa (PDS-ES), pretendendo alterar o artigo 169 (que dá à União o monopólio da pesquisa e da lavra do petróleo em todo território nacional), a ser votada amanhã, durante uma reunião da Comissão Mista do Congresso. Para os dirigentes da empresa estatal, que presenciarão a votação, caso a proposta fosse aprovada, "veríamos as companhias petrolíferas estrangeiras internacionais livremente explorando em nosso País, aquele recurso natural".

Este e outros argumentos constam de um documento de onze laudas, elaborado por seu Departamento Jurídico, encaminhado ao ministro das Minas e Energia, César Cals, e que foi precedido de contatos não apenas de seus diretores, mas do próprio presidente Shigeaki Ueki, a autoridades e parlamentares em Brasília, não faltando até mesmo visitas ao Conselho de Segurança Nacional. A emenda do parlamentar governista pretende que tanto a pesquisa quanto a lavra de óleo cru sejam reservadas "a brasileiros" de um modo geral, omitindo-se a lei a expressão monopólio da União.

Contra os argumentos do deputado Feu Rosa, de que as responsabilidades pela pesquisa e lavra deveriam não mais constituir responsabilidade exclusiva da Petrobrás ficando também aos cuidados de firmas de capital nacional, a empresa estatal argumenta que, "como é evidente", estas não possuem "capacidade financeira, equipamentos, nem técnicas para desempenhar tais atividades". E sendo, por força da lei, consideradas pessoas jurídicas brasileiras aquelas "têm aqui sede e administração, veríamos, se aprovado o projeto, as companhia petrolíferas internacionais livremente explorando em nosso País aquele recurso natural".

O documento lembra ainda que os investimentos nas atividades de pesquisa e lavra absorvem "montantes crescentes de recursos".

Agricultura no NE provoca desemprego

SALVADOR — "O número de empregos que a agricultura oferece é bem menor que o da indústria e por isso a pobreza do Nordeste brasileiro em relação às regiões do sul, a imigração em massa de trabalhadores em busca de oportunidades. Estou escrevendo sobre isso e venho ao Nordeste aprender e não pregar".

Com este comentário o economista norte-americano John Kenneth Galbraith desembarcou ontem ao meio-dia em Salvador para uma visita de 30 horas a convite da direção do Centro Industrial de Aratu e do Banco do Estado da Bahia. Demonstrando cansaço, Galbraith atendeu por cinco minutos à imprensa no Aeroporto Dois de Julho — lembrando que está programada para hoje uma entrevista coletiva — e falou um pouco sobre o Nordeste "que gostaria de conhecer melhor". No entanto, não quis comentar o livro que afirma estar escrevendo sobre imigração de mão-de-obra, fenômeno comum à região nordestina.

O economista fará uma conferência hoje no auditório da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, mas adiantou, desde já que evitará falar sobre o Brasil: "Vou falar sobre os Estados Unidos, apesar de saber que muitos norte-americanos ficariam satisfeitos se eu falasse sempre sobre o Brasil".

Galbraith aproveitou a tarde, para fazer um pouco de turismo: conheceu as Igrejas de São Francisco e Catedral Basílica; o Convento do Carmo; o conjunto arquitetônico colonial do Pelourinho e, à noite, jantou no restaurante "Solar do Unhão, onde assistiu exibição de capoeira, maculelê e samba de roda. Às 18 horas ele esteve com o governador Antônio Carlos Magalhães, no Palácio de Ondina.

Reflorestamento: a verba ainda é pouca

CURITIBA — O Ministério da Agricultura liberou menos de seis milhões de cruzeiros para o início da implantação do programa de reflorestamento de pequenos e médios imóveis rurais do Paraná. O valor do recurso permitirá, contudo, apenas a formação de viveiros de mudas, preferencialmente de eucaliptos, porque o custo total do programa, que prevê o plantio de cerca de 14 mil hectares, exigirá, apenas neste ano, a aplicação de 230 milhões de cruzeiros.

O reflorestamento programado destina-se principalmente para a produção de madeira para a substituição do óleo combustível nos secadores de grãos utilizados pelos agricultores. As quotas de "fuel oil", para a agricultura no Paraná, que correspondem hoje a cerca de 7,8 por cento do total do consumo no Estado serão cortadas no final do ano, por decisão do Conselho Nacional de Petróleo. Para a maioria das cooperativas, a substituição dos secadores está criando graves problemas não só porque o financiamento para as adaptações foi liberado somente em julho, retardando as modificações, como também por falta de lenha para alimentar os secadores modificados, sobretudo no Oeste, onde praticamente não existe madeira para servir como combustível.

Mais de 500 secadores no Estado ainda usam diesel ou "fuel oil" e, segundo informações da Secretaria da Agricultura, não será possível efetivar a modificação até o final do ano. O diretor geral da Secretaria de Agricultura, Eugênio Stefanello, prevê grandes prejuízos na agricultura, se o fornecimento de "fuel oil" for realmente cortado a partir de 31 de dezembro. "O que será economizado no combustível será perdido na agricultura, pois a umidade dos grãos vai prejudicar a qualidade da safra." Stefanello defende o adiamento do prazo para o corte do fornecimento de "fuel oil" e a imediata liberação dos recursos necessários para o início da implantação de florestas energéticas, porque, de outro modo, "somente daqui a 6 anos haverá lenha suficiente para alimentar os secadores de que necessita a produção agrícola do Paraná".

Transamazônica: em 10 anos a imagem do caos

SÃO PAULO — Completa hoje 10 anos, desde que foi iniciada, sob o contagiante clima de euforia emanado do Governo federal, a construção da Rodovia Transamazônica. Exatamente no dia primeiro de setembro de 1970, começou o que seria uma das principais obras do Governo do general Garrastazu Médici. Uma obra que de princípio, iria rasgar a floresta amazônica de Leste a Oeste, numa extensão de quase três mil quilômetros, e que tinha pelo menos dois objetivos básicos.

O primeiro, geopolítico, que era o de ocupar, definitivamente aquele imenso espaço brasileiro, indomável mas promissor, antes que outras nações se aventurassem a fazê-lo primeiro; e o segundo, de abrir caminho para que milhares de lavradores famintos e sem terra, especialmente do Nordeste, tivessem finalmente o seu próprio espaço para cultivar, contando com a infra-estrutura das futuras e modernas agrovilas e com a orientação e apoio do Governo federal.

Dos planos, previstos para serem executados em cinco anos, àquilo que efetivamente aconteceu, a distância é muito grande. Dez anos depois, o Governo não terá motivos para comemorações. Hoje, mais uma vez, confirma-se uma constatação que já se podia fazer logo nos primeiros anos após o início das obras: o plano fracassou.

No lugar do que seria a principal obra e o grande sonho do Presidente Médici, desenvolveu-se um cenário bem diferente, onde é difícil descrever o pesadelo que atormenta milhares de pessoas humildes iludidas pelas promessas de terra farta, financiamento, colheitas prósperas, um mundo que jamais se arrebentaria em frangalhos, como aconteceu. Um cenário onde predomina a imagem do abandono, da miséria, da corrupção e da violência.

A Transamazônica é hoje um longo, inútil e perigoso caminho rasgando a selva segundo concluiu os repórteres, Luiz Fernando Emediato e Claudine Petroli, em reportagem ao jornal "*O Estado de São Paulo*, ao longo de seus 2.555,2 quilômetros — a maior parte dos quais transitáveis somente metade do ano — há muitas histórias de medo e de sofrimento, como a de tribos inteiras de índios destruídas por doenças levadas pelos civilizados, de colonos afundados na miséria e no esquecimento, garimpeiros delirando de malária e cobiça, mulheres vendendo o corpo por quase nada, homens escravizados por novos ricos.

Nada disso, no entanto, tinha sido previsto nos eufóricos projetos do Governo. Mas por quê, então, abriram aquela estrada? O que terá pensado o general Emílio Médici, naqueles primeiros dias de junho de 1970, quando foi ao Nordeste ver a maior seca do século e se espantou com aqueles seres débeis e miseráveis à sua frente? Médici teria se emocionado e muitos ainda se lembram do discurso que ele fez, na época, sobre a situação dos flagelados, que ele concluiu desta forma: "vi tudo isso com os meus próprios olhos e conclui o que não cheguei a ver. Nada, em toda a minha vida, me chocou assim e tanto me fez emocionar e desafiar minha vontade. Não, não me conformo. Isso foi então, ali no solo cearense, naqueles alegres anos de euforia, das especulações na bolsa, do *milagre brasileiro*, que nasceu a idéia de abrir logo a Transamazônica.

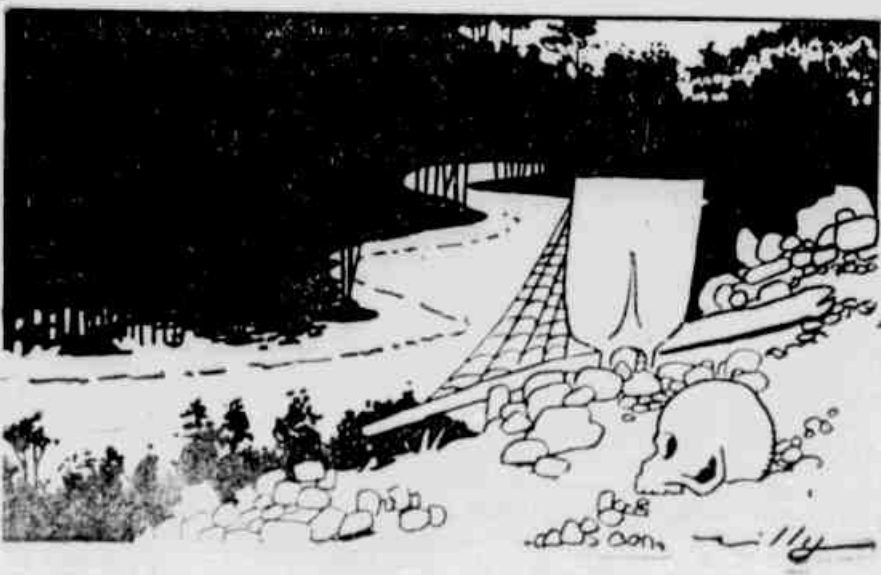
"Terras sem dono para homens sem terra". Era pensando assim que o Governo pretendia ocupar a Amazônia. O então presidente do Incra, Moura Cavalcânti, garantiu que em cinco anos seriam transferidos para as margens da estrada nada menos que 500 mil famílias nordestinas, num total estimado em dois milhões de pessoas. Até hoje, no entanto, foram assentadas pelo Incra cerca de 10 mil famílias.

A verdade é que a colonização na Transamazônica fracassou duas vezes. Primeiro, porque o Governo não conseguiu preencher os "espaços vazios" da região Norte, como previa o Programa de Integração Nacional, o PIN, para o qual destinados, de 71 a 74, um total de Cr$ 2 bilhões de recursos, a preços da época. Depois, porque não soube, não quis ou não pôde atender os colonos assentados ao longo da rodovia, abandonando-os à própria sorte. Sem financiamentos, sem transporte viável, sem mercado para seus produtos, sem assistência técnica para ajudá-los a selecionar culturas viáveis, apavorados com a floresta e à mercê das doenças tropicais, eles acabaram por se tornar uma espécie de favelados na selva.

A maioria dos estudiosos da Transamazônica, vários deles em defesas de teses para universidades norte-americanas, concordam, com raras exceções, num ponto: o Governo federal investiu recursos extremamente valiosos num projeto falido, não conseguiu ocupar "fisicamente" o "vazio amazônico" e, alem disso, provocou danos consideráveis à ecologia regional e às massas humanas, felizmente não muito numerosas, transferidas emocionalmente para a nova fronteira.

Com isso, até agora, lucraram os especuladores com terras e os fazendeiros incentivados pela Sudam, que passaram a contratar os fracassados colonos como mal pagos "peões" para as suas fazendas de gado, afirmam esses estudiosos.

Por outro lado, cidades como Altamira, a capital da Transamazônica, antes caracterizada pela violência da nova fronteira ocupada à força é agora também conhecida como a capital da corrupção e da fraude, através do comércio ilegal de terras, que envolve muitos funcionários da Funai e do próprio Incra. Numa dessas transações irregulares, conforme se comenta em Altamira, até mesmo o Presidente Figueiredo foi enganado. Foram prósperos empresários da região que se apresentaram ao Presidente como "pequenos proprietários de terra" e receberam de suas próprias mãos os títulos definitivos de propriedade, em cerimônia pública. Entre esses falsos colonos, estavam o ex-presidente da Associação Comercial e Industrial de Altamira, Josimar Martins, e o influente empresário José Avelino Neto, dono de uma cadeia de sete lojas.

Parece que desconfiaram de alguma coisa em Brasília e mandaram uma comissão de inquérito do SNI a Altamira, para apurar possíveis irregularidades nos escritórios locais do Incra. Os funcionários acusados de corrupção convidaram os agentes para jantar na pizzaria *La Bambina* e nada se apurou, como afirmou o tenente-coronel comandante do 51.º Batalhão de Infantaria da Selva de Altamira, Paulo Isaías de Macedo Filho. Ele acha que a Transamazônica poderá tornar-se dentro de cinco anos uma área-problema para o Governo, "de conflitos e tensões sociais", se continuarem a corrupção e o desmazelo administrativo".

HELIO FERNANDES

Em Primeira Mão

Márcio Moreira Alves

Esta semana passei 4 dias em Brasília. Aproveitei uma oportunidade e fui visitar o Edifício do Banco Central, aquele que custou quase 3 trilhões de cruzeiros e não pode ser utilizado. Fiquei estarrecido. Nunca tinha visto tão de perto esse elefante branco, em pleno centro de Brasília, e que não pode ser utilizado de maneira alguma. Foi construído todo errado, mas com erros tão primários, que nem os funcionários podem entrar no edifício.

Afinal 3 trilhões de cruzeiros não é brincadeira, estão pensando que o dinheiro do contribuinte "é capim"? E não são 3 trilhões de hoje, e sim 3 trilhões de cruzeiros de 4 ou 5 anos atrás, quando evidentemente o dinheiro valia muito menos, quando ainda não havíamos chegado a essa maldita e incompetente inflação de 100 por cento.

***

Pergunta-se: afinal ninguém será punido? E o dinheiro do contribuinte ficará mesmo perdido? E aquele edifício monstruoso, plantado bem no centro de Brasília, ficará ali para sempre como uma espécie de monumento à incompetência e à corrupção? Isso é o que todo mundo quer saber. Mas a resposta também todo mundo sabe: nada será feito, os 3 trilhões terão sido jogados fora, esse desperdício alimentado e realimentando a inflação. Que loucura, Santo Deus!

***

A propósito do Banco Central: as acusações do Presidente do Sindicato dos Bancários ao City Bank não serão apuradas? O Presidente do Sindicato dos Bancários afirmou publicamente, que **"o balanço do City Bank está completamente irregular, apresentando um lucro de 550 bilhões de cruzeiros, quando na verdade o lucro do City Bank foi de 2 trilhões, 250 bilhões de cruzeiros"**. E o Banco Central, vai ficar como sempre calado, parado, sem fazer coisa alguma, com medo do City Bank e do seu grande poder?

***

O City Bank escondeu os lucros fantásticos "atrás de contas duvidosas". Ora, é evidente que o City Bank não tem nenhuma conta duvidosa. Num absurdo completo, coisa que não acontece em nenhum lugar do mundo, os bancos estrangeiros recolhem dinheiro de brasileiros e só emprestam a estrangeiros. E é claro que só emprestam com todas as garantias, e portanto não há nenhum jeito de haver "contas duvidosas". É fraude, distorsão de lucros, irregularidades e tudo praticado sob as vistas do Banco Central.

***

Em Brasília, entrando tranqüilamente (sem bater) no gabinete do Ministro Delfim Netto e do Ministro Ernane Galvêas, o gangster Samy Kohn (ou será Cohn, nem ele mesmo sabe). Depois almoçava e jantava nos lugares em voga na capital, sempre levando a tiracolo personalidades importantes da República. Realmente a capital é uma cidade completamente despolitizada, ou o sr. Samy Kohn não estaria tão tranqüilamente em liberdade.

***

O Congresso entrará a partir de agora em grandes batalhas, decisivas para o aperfeiçoamento do regime e implantação definitiva da Democracia. Prorrogação dos mandatos municipais; devolução das prerrogativas do Congresso; eleições diretas para governadores dos Estados, **com a eleição também para Prefeitos das capitais, e extinção definitiva já para 1982 dos mandatos dos tão execrados senadores biônicos.**

***

Cada uma dessas batalhas terá uma particularidade, um efeito e uma conseqüência mais do que visível. **Se perder a batalha da prorrogação dos mandatos municipais (e o próprio Ministro da Justiça que é muito mais hábil e mais atilado do que o líder Nélson Marchezan, não** exclui a possibilidade de uma derrota, pois a maioria do PDS é muito pequena, além do partido não estar unido), haverá uma confusão muito grande no País. Pois o governo **terá que nomear** milhares de prefeitos interventores, e terá que arranjar empregos para outros milhares de vereadores **do governo que ficarão desempregados.** Como se vê, uma situação **desesperadora para o governo.**

Na questão das prerrogativas do Congresso o governo não abre mão de dois pontos. Reeleição indiscriminada para as Mesas da Câmara e do Senado, e o fim do amaldiçoado e antidemocrático sistema de aprovação de projetos por decurso de prazo. Não se pode dar como aprovado um projeto ou uma matéria que não chegou a ser examinada pelo Congresso. Isso é uma excrescência que não existe no mundo todo.

***

A terceira grande batalha a ser travada ainda este ano, será em torno das eleições diretas. Mas eleições diretas em todos os níveis e não apenas para governador. Os porta-vozes do Planalto já dizem que o governo não admite que se toque no projeto, e ele terá que ser aprovado assim como está. Ora, se não pode ser modificado, emendado, corrigido pelo voto da maioria, então não há Democracia, o que existe é uma esmagadora vantagem do Poder Executivo sobre o Poder Legislativo e o Poder Judiciário. E assim não há Democracia que resista.

***

O governo não pode abrir mão dos biônicos, pois assim perderá a maioria no Senado, maioria que lhe é importantíssima, já que a maioria na Câmara vai estreitando cada vez mais. Mas sem negociar as prerrogativas do Congresso e sem negociar essa última mensagem que foi enviada, implantando finalmente a eleição direta (e que eu estou convencido que foi que irritou e desesperou os radicais de direita que têm a obsessão da violência), o governo não obterá coisa alguma. Política é conversa, é negociação, é troca de pontos-de-vista ou não haverá Democracia e sim reafirmação de uma vontade ditatorial que se coloca acima de tudo.

***

Se forem devolvidas as prerrogativas ao Congresso, e as eleições para a Mesa da Câmara e do Senado puderem ser livres, vários candidatos já estão lançados. Se essas eleições continuarem como até agora, obedecendo ao comando do Planalto, os candidatos serão outros. Se puder haver reeleição, é certo que na Câmara **Flávio Marcílio será um candidato fortíssimo, e só poderá perder para Djalma Marinho ou para Magalhães Pinto, este no caso** de haver uma coligação das oposições com elementos insatisfeitos do governo. **E Magalhães que jamais perdeu eleição, fará essa aglutinação facilmente.**

***

Com prerrogativa ou sem prerrogativa, Luiz Vianna não tem chance de reeleição no Senado. José Sarney quer ser Presidente do Senado mas acumulando com a presidência do partido. Jarbas Passarinho quer continuar na liderança do Senado, mas acumulando com a presidência do partido. Mas o grande problema do partido do governo é que faltam cargos para todos que estão ávidos por abocanharem alguma coisa, e portanto como juntar dois cargos na mão de uma só pessoa? Assim, em vez dos cargos aumentarem eles diminuem.

***

É possível que dentro de **mais alguns meses sejam abertos espaços mais amplos para alguns com a** tão propalada reforma de Ministros (não confundir com reforma ministerial). **Mas à medida** que o Ministério vai demonstrando mais e mais a sua incompetência, o **general Figueiredo parece** que vai se afeiçoando aos Ministros e diz que só substituirá os **"Ministros na hora que eu determinar". A forma é** essa mesma. **Mas afinal,** quando o general **Figueiredo compreenderá o** que o seu irmão **Guilherme já viu muito antes?** Que ele está cercado de **incompetentes,** ambiciosos e **interesseiros?**

UR-GENTE

Uma porção de gente eleitoralmente excomungada nos seus Estados, vem para o Estado do Rio disputar eleição de deputado. Um deles será o sr. **Armando Falcão** que não pode nem pisar no Ceará. Será candidato pelo PDS do Estado do Rio. Dizem que **Armando Falcão** já separou 20 bilhões de cruzeiros antigos, e vai percorrer o Estado todo gastando esse dinheirão.

* * *

Márcio Moreira Alves, **que tem uma eleição praticamente garantida aqui no Estado do Rio, seduzido pela experiência comunitária de Lages, não está muito disposto a se candidatar a deputado federal. Ele está preferindo ser candidato a Prefeito do Rio de Janeiro (capital), pois tem como certo que não se pode fazer eleições diretas para governadores sem realizar também eleições diretas para Prefeitos. Dependendo dos acordos, dos apoios e da campanha que fizer,** Márcio Moreira Alves **poderá ser um candidato forte à Prefeitura do Rio de Janeiro.**

* * *

Pelo menos **Márcio Moreira Alves** é o primeiro Prefeito que conheço para eleições diretas no Rio de Janeiro. Para nomeação indireta conheço muitos, e para os mais variados gostos. Mas para eleição direta, até agora não conhecia ninguém. Finalmente surgiu **Márcio Moreira Alves**, o primeiro a querer o cargo pelo voto direto. Conheço até deputados federais de vários partidos que querem ser Prefeitos, mas pelo voto indireto.

* * *

O ex-governador Ozanam Coelho, de Minas, está só espiando os acontecimentos. Ainda não decidiu nada em matéria de candidaturas, não sabe se entrará na disputa por um cargo Executivo, se aceitará uma vice, ou se tentará um mandato parlamentar. Mas de qualquer maneira, parado ele não ficará, e está acompanhando os acontecimentos com muita atenção, disposto a influir na hora certa e exata. Ozanam é fortíssimo em muitos círculos, muito mais que alguns pessedistas que se julgam donos da enchente.

Na semana passada, quando eu depunha na **CPI da Petrobrás**, como é hábito, além dos deputados que compõem a CPI, outros parlamentares dos mais diversos partidos, chegavam, faziam perguntas e iam embora já que os compromissos de deputados e senadores são muito grandes. *** Só quem não conhece o funcionamento da **Câmara** e do **Senado** é que pensa que os parlamentares levam vida fácil. **Há** trabalho diário, em massa, nas Comissões permanentes, nas CPIs, nas Comissões Mistas, no plenário, atendendo eleitores, realmente uma vida duríssima. *** Em determinado momento, entrou na **CPI da Petrobrás** o deputado **Erasmo Dias**. Ficou 7 minutos de relógio, viu que não se tratava nem de comunismo nem de anticomunismo e foi embora. Assuntos econômicos, dívida externa, balanço de pagamentos, inflação, incompetência, nada disso interessa ao ex-Secretário de Segurança de São Paulo. Sua obsessão é comunismo e anticomunismo. **Fora** daí não se interessa nem por futebol. *** **Para dar** uma idéia da movimentação do Congresso, basta dizer que na mesma hora em que eu depunha **na** CPI da Petrobrás, o professor **Dalmo Dallari** depunha na CPI da violência. Deputados entravam e saíam também da sua Comissão, faziam perguntas, e iam cumprir outros compromissos. *** Depois, uma sessão no plenário do Senado que levou mais de 5 horas, com todos os senadores, sem exceção, se despedindo de **Henrique La Rocque**, uma das melhores figuras que têm passado pelo Congresso. *** Hoje, assume o mandato no Senado, **Luiz Fernando Freire**, suplente de **Henrique La Rocque**. **É parada** dificílima essa de substituir **Henrique La Rocque**. Mas confio e acredito em **Luiz Fernando Freire** e que ele se sairá bem da missão. **Tem 2 anos e meio** para plantar a sua reeleição num Estado cheio de lideranças e de gente importante como o Maranhão. *** Meu amigo o ex-governador (sem aspas, sem aspas) **Luiz Cavalcanti**, e senador de vários mandatos, conversando comigo afirmou que não admite de maneira alguma ser candidato a Presidente do Senado. É uma pena. Pois **Luiz Cavalcanti**, íntegro, correto, preocupado com os problemas e os destinos do País, tem tudo para ser um excelente Presidente do Senado. Mas quando ele diz não, é não mesmo.

Abertura polonesa

SEBASTIÃO LOBO NETO

O governo polonês resolveu, em 45 minutos, ceder às exigências dos grevistas com base num acordo provisório. Se a questão foi resolvida em 45 minutos, porque não resolveram antes? O motivo é óbvio é que não interessava a ninguém, nem à URSS nem ao Ocidente a continuação do movimento polonês, que empurrou a economia do país pra beira do abismo. Só a cidade de Gdanski perdeu 5 milhões de libras ao dia como resultado da paralisação, e a agricultura polonesa vai sofrer os reflexos inevitáveis das semanas durante as quais os agricultores não puderam receber as importações de grão sem a qual não vivem.

Mas o movimento grevista canta vitorioso, na medida em que segura na mão um pedaço de papel que diz que doravante terão sindicatos livres e que representarão os operários nas suas reivindicações. Muito estranho. Na sociedade capitalista os sindicatos têm os patrões para discutir e enfrentar. Na sociedade socialista vão enfrentar (com o recurso extremo da greve) a quem? Ao Estado? Mas como se o Estado socialista é, por definição, o redistribuidor dos bens de forma a torná-los comuns e, presumivelmente, gerais? Óbvio, portanto, que o que os poloneses conseguiram é inteiramente contrário a tudo que se propagou sobre o modelo socialista. Não digo com isso que o socialismo soviético, por exemplo, seja o modelo do socialismo original (a propriedade comum dos bens de produção), mas sim que a economia soviética e dos países socialistas do leste europeu sempre foi, em grande parte, afinada pelo diapasão de Moscou. Claro que no passado Stalin partiria para a violência em circunstâncias semelhantes, e Brejnev hoje é, pelo menos mais cauteloso. Pode também estar jogando com o tempo e, tendo percebido que a intervenção militar na Polônia não poderia ser feita de imediato, com a população mobilizada, na certa deu o sinal verde para que Giereck cedesse. Desmobilizando a massa para depois voltar ao que era antes, com a força armada garantindo os princípios do socialismo, melhor dogmas, que são hoje violentamente contestados pela classe que a proposição socialista se dispõe a defender: os proletários, hoje exigindo sindicatos não atrelados ao Estado.

É bê-a-bá de socialismo que partido e Estado se confundem, e no caso polonês as eleições livres para os sindicatos são um primeiro passo para futuras exigências de eleições livres no país. Porque só os sindicatos é que haveriam de ser livres? Tudo isso já passou pela cabeça da "intelligentsia" tanto em Varsóvia quanto em Moscou, para não falar dos vários PCs. Não usaram da força agora porque tinham a população toda contra qualquer intervenção, e na medida em que Giereck e o PC polonês resolveram ceder ante os trabalhadores, está implícito que, pelo menos na Polônia, o socialismo fracassou. Passível de modificação? É uma pergunta que deverá ser discutida ainda por muito tempo, ainda mais que a força que unia a massa operária polonesa foi a força religiosa. As fotos que chegam da Polônia mostram a moçada ajoelhada pedindo a Deus pela felicidade do país. O Estado fracassou, logo a Providência Divina deverá suceder, num mecanismo conhecido e desvendado por Freud e outros. O detalhe mais importante da movimentação da massa polonesa foi, a meu ver, exatamente o fator religioso que deu a coragem e a convicção aos poloneses. O Cardeal Primaz chegou até a fazer um pedido para que os grevistas voltassem ao trabalho, e os padres foram no movimento grevista o que, guardadas as verdadeiras proporções, os mulás foram na revolução de Koemeini. A crença religiosa saiu vitoriosa da questão, e a crença no Estado ficou, no mínimo, abalada.

Será que vão mudar tudo e a ponto de aceitarem o ópio do povo na convivência política? Por enquanto só se pode especular, mas as próximas semanas serão as mais sérias para a Polônia, posto que só então saberemos se o partido vai se reformular e, no caso, de que forma. Por enquanto o que existe é um pedaço de papel assinado, e "estudos que levarão à nova legislação". Só isso. Não sou muito dado a crer em papéis, que são facilmente rasgados. Talvez os poloneses sejam a exceção que confirma a regra, muito embora o que os trabalhadores ganharam seja apenas uma batalha.

O problema é saber se poderão ganhar a guerra.

Flashback

A nova estratégia de Carter prevê o rearmamento japonês, o que não chega a ser novidade porque (a) o Japão já vem se armando há muito tempo e (b) Jimmy quer drenar a economia japonesa fazendo com que o país gaste em armas mais do que desejam os próprios. Afinal, um Japão armado é uma tentação para a URSS. De mais a mais, o objetivo de Carter é tentar acabar com verdadeiro passeio industrial que os japoneses dão nos Estados Unidos, e ainda não partiram para "alternativa de Terceiro Mundo", isto é, instalar suas fábricas no Terceiro, pagando uma ninharia de salários e faturarem em cima disso. Digo que não partiram e faço uma ressalva, já estão iniciando os investimentos no Terceiro Mundo, mas ainda não chegaram ao maciço. Quando chegarem ao máximo, óbvio que vão se enriquecer mais ainda e poderão comprar o petróleo no spot ao preço que for. Nós, do Terceiro Mundo, continuamos a garantir a riqueza do primeiro, enquanto a comissão do diálogo norte/sul, discute sexo de anjos. Verdadeira palhaçada. O negócio seria entrar logo no ponto crucial da questão, qual seja, a ação do FMI e do Banco Mundial. O FMI, por sinal, já pensa em mudar de nome na África, e na certa vai fazer o mesmo na América do Sul. A sigla já está muito manjada e é preciso mudar a embalagem, embora os métodos continuem os mesmos. Intocáveis pelos países ricos, e inatingíveis pelos países pobres, FMI e organismos internacionais de crédito continuam a agir impunemente. A Turquia está aí como exemplo da burrice política monetarista. O caos econômico e a iminência da convulsão social.

Do outro lado do mundo a sra. Thatcher resolve suspender o embargo à venda de armas ao Chile, dando ao facinoroso Pinochet as armas que, dado os conhecidos laços de amizade entre ditadores (a espécie é muito unida) cuidará de distribuí-las entre seus colegas. O resultado óbvio que a América do Sul continuará a ter as suas ditaduras vem bem alimentadas, enquanto seus povos vão para a miséria. A virgem de ferro se justifica dizendo que o desemprego na Inglaterra é muito alto e a venda de armamentos ao Chile (e outros), produzirá mais empregos. Não diz que vai levar a uma maior radicalização por parte dos movimentos de libertação. Não diz e possivelmente nem se preocupa. Quando tudo explodir, bom, aí começará mais uma vez a conversa fiada de convivência e respeito pelos Direitos Humanos. Uma graça a atitude de Maggie.

Walesa anuncia fim da greve

O hino nacional polonês cantado por dois homens cara a cara, o vice-primeiro-ministro Mieczyslaw Jagielski e Lech Walesa, líder dos grevistas de Gdansk, simbolizou ontem o final das greves na Polônia, que toda a população acompanhou pela televisão. Antes de por-se em pé para entoar o hino, imitado pelo vice-primeiro-ministro, Lech Walesa anunciou com voz resoluta o final da greve, aparecendo assim pela primeira vez na tela de televisão de seu país.

"Não obtivemos tudo o que desejávamos, mas sim tudo o que era possível na atual situação. O resto o obteremos mais tarde, porque agora contamos com o essencial: o direito de greve e sindicatos independentes", disse Walesa.

Preso em múltiplas ocasiões, sem ter exercido nunca a menor função oficial, operário despedido dos Estaleiros Lenin em 1976, Lech Walesa obteve sua readmissão no mesmo dia em que se iniciou a greve.

Em sua intervenção de ontem, Walesa soube fazer vibrar os sentimentos patrióticos dos poloneses, fazendo coincidir o reinicio do trabalho em Gdansk hoje, com o aniversário do início da Segunda Guerra Mundial.

"Sabemos o que significou para nós o dia primeiro de setembro e não o esquecemos jamais ao longo de toda a greve", afirmou o líder indiscutível dos grevistas.

Sua autoridade natural saiu à luz mais uma vez quando afirmou que "os operários serão tão solidários no trabalho como o foram durante a greve".

O hino nacional fez brotar lágrimas de emoção a todos os poloneses que presenciaram a cena pela televisão, nos escritórios locais da agência France Presse em Varsóvia.

O vice-primeiro-ministro Jagielski pediu depois a palavra a Lech Walesa e exclamou que "não há vencedores nem vencidos", antes de evocar oito dias de "esgotantes conversações".

"Falamos como se deve falar entre poloneses", disse Jagielski referindo-se às discussões mantidas pela comissão governamental que preside e o comitê de greve de Gdansk.

Sua breve intervenção foi aplaudida pelas centrais de delegados operários, presentes na grande sala ocupada pelo comitê, que os telespectadores poloneses descobriram ontem por primeira vez.

Ilustração: Willy

A. Latina será tema da campanha de Reagan

A America Latina será um dos centros do ataque do candidato republicano à presidência dos EUA, Ronald Reagan, contra as "incoerências e as fraquezas" do presidente Jimmy Carter em matéria de política externa, durante a última fase da campanha eleitoral que começará esta semana.

Diferente de outras campanhas — disseram os analistas políticos — onde a questão latino-americana remetia-se às relações com Cuba, e sobre as quais democratas e republicanos no geral coincidiam, desta vez os dois grandes partidos diferem não apenas em relação a Cuba, mas sobretudo no tocante à política na América Central e no que se refere aos regimes militares como os da Argentina e do Chile.

Para Carter, a América Latina será também um bom campo, para apresentar o seu adversário como o apóstolo do Apocalipse e defender a sua política dos direitos humanos — cuja bandeira prometeu manter "bem alta" no encerramento da convenção democrata em Nova Iorque — e a linha de "abertura à esquerda" na América Central.

Mas para certos círculos, as diferenças entre Carter e Reagan nestes pontos não são tão profundas como parecem.

Roger Fontaine, um dos especialistas em questões latino-americanas no "staff" do candidato republicano, esforça-se em salientar que em termos de direitos humanos, por exemplo, Reagan manterá a atual política "mas de forma mais discreta".

"É melhor não dizer o que se faz do que proclamar bons propósitos que deterioram as relações dos Estados Unidos com países amigos, sem obter resultados concretos", comenta a equipe Reagan.

Mas um exame do capítulo latino-americano nas respectivas plataformas eleitorais demonstra que no aspecto programático pelo menos, as intenções de republicanos e de democratas são em muitos casos opostas.

Tomando por assuntos este exame indica o seguinte:

— Estratégia global: os republicanos afirmam que o governo Carter provocou "o declínio fragoroso" da influência dos Estados Unidos nas relações com quase todos os países da região ao impor sanções econômicas e diplomáticas em conseqüência das suas "acusações indiscriminadas" sobre violações dos direitos humanos.

Plataforma de Anderson

O candidato independente à presidência dos Estados Unidos, John Anderson, divulgou anteontem a sua plataforma eleitoral, um documento de 300 páginas onde, fundamentalmente, pronuncia-se pela aplicação de uma série de incentivos fiscais para combater a inflação.

Anderson propõe também novas negociações com a União Soviética, para que o Senado americano ratifique o tratado Salt-II e, ao contrário de Jimmy Carter e de Ronald Reagan, pronuncia-se contra a redução do imposto de renda, medida que considera inflacionária.

Em troca, Anderson propõe a concessão de diversos incentivos fiscais para a indústria, por exemplo, trégua fiscal às empresas que aceitem limitar voluntariamente preços e salários, bem como incentivos destinados a alentar a busca e a compra de novos bens de capital.

◆ Ronald Reagan vai fazer tudo para tentar apagar repercussão de um discurso recente quando afirmou que o "Vietnã foi uma causa nobre". Reagan cometeu o mesmo erro de Barry Goldwater, que sendo chamado de extremista por Lyndon Johnson se definiu como tal quando da sua indicação.

Ofensiva soviética no norte do Afeganistão

Uma importante ofensiva das forças regulares ocorre atualmente no norte do país, segundo a agência soviética Tass que anunciou ontem a morte de 500 rebeldes nas últimas 24 horas.

Em Moscou não se havia citado nunca uma cifra de tal magnitude desde a intervenção militar soviética no Afeganistão, há oito meses, assinalaram os observadores.

Citando a agência oficial afegã Bajtar, a Tass anunciou mais de 500 rebeldes mortos, 200 "terroristas e mercenários estrangeiros" detidos e grande quantidade de armas e munições recuperadas.

O anúncio de perdas tão importantes parece indicar de modo indireto que a resistência continua sendo ativa no Afeganistão, acrescentaram os observadores.

Os analistas militares ocidentais consideraram que os soviéticos se instalaram por muito tempo no Afeganistão, construindo ali verdadeiros quartéis e melhorando seu material militar.

A presença soviética no Afeganistão ainda vai durar muito tempo. A URSS está lá para ficar, e só sairá quando tiver certeza de que a socialização do país estiver não só consolidada como também o Exército afegão estiver recomposto e em condições de enfrentar a guerrilha. Num país montanhoso a resistência pode continuar indefinidamente, sem que as populações urbanas tomem conhecimento.

URSS vê acordo com ceticismo e reservas

A União Soviética acolheu com grande reserva o acordo feito na Polônia entre as autoridades e os grevistas, destacaram ontem em Moscou os observadores.

Segundo eles, esta reserva é determinada pelo propósito de não falar demasiado sobre este "mau exemplo" mas também pelo ceticismo com respeito à solução definitiva da crise.

O órgão oficial do Partido Comunista soviético *Pravda*, não anunnunciou em sua edição de anteontem o acordo de Varsóvia, um acordo que, após duas semanas de greves num país socialista, poderia ser acolhido com alívio pelo Kremlin.

O *Pravda* limitou-se a indicar que o Comitê Central do Partido Comunista polonês "levou em consideração o informe das negociações.

A imprensa soviética teria dificuldades em anunciar um acordo sem revelar seu conteúdo. Na União Soviética nunca se falou deste problema de "sindicatos livres" ou "independentes" colocado pelos grevistas de Gdansk.

As emissoras de rádio ocidentais que emitiam em direção à URSS sofreram interferência desde o início do conflito polonês, para que essa idéia não penetre à União Soviética.

Ali, somente uns poucos dissidentes reclamam atualmente "sindicatos livres" precisaram alguns observadores, mas o silêncio de Moscou supõe também uma atitude cética.

Os jornalistas soviéticos denunciaram quarta-feira passada "os elementos subversivos anti-socialistas" que desejavam abalar o regime polonês e começaram a evocar essas "intervenções externas" que tanto medo causam à URSS, como o demonstrou recentemente o conflito afegão.

Os observadores notaram que a União Soviética não contará vitória antes de um reinício efetivo e total das atividades trabalhistas na Polônia, principalmente em momentos em que apareciam algumas divergências em Gdansk.

O Kremlin acompanha atentamente a situação na Polônia, ainda quando finge a indiferença. A União Soviética "não intervirá em nenhum assunto internacional", declarou o presidente Leonid Brejnev sexta feira passada em Alma Ata, Ásia Central soviética.

Alguns observadores consideraram esta declaração como um compromisso soviético de não intervir na Polônia, ainda quando outros recordavam que em virtude desse mesmo princípio, o Exército Vermelho se encontra no Afeganistão.

O silêncio de Moscou, aps o acordo de sábado na Polônia, pode supor a mesma ambigüidade.

Como o dizia quarta-feira passada a agência *Tass*, "O socialismo responde aos interesses fundamentais do povo polonês." Esse é o problema para a União Soviética a necessidade de estar segura de que o socialismo sairá fortalecido do conflito antes de anunciar o desenlace da crise.

◆ A "reserva" da URSS quanto ao acordo é mais do que explicável. Os poloneses não vão ficar só nos "sindicatos livres", por si algo um tanto confuso num país socialista. Podem muito bem tentar mais tarde um sistema semelhante à Iugoslávia. A URSS permitiria tal divisão no seu bloco?

Bani Sadr rejeita o novo gabinete do Irã

O novo gabinete do primeiro-ministro Mohammad Ali Radjai, apresentado ontem no Parlamento iraniano, foi rejeitado horas depois pelo presidente Abolhassan Bani Sadr e mais uma vez explodiu uma crise governamental que pode concluir dramaticamente devido a amplitude e persistência das divergências, abre a perspectiva de uma nova crise, já que segundo o princípio 133 da Constituição "os ministros são nomeados pela proposta do primeiro-ministro e com a aprovação do presidente da República".

A maneira como foi apresentado o governo é um verdadeiro símbolo das divergências entre o chefe de Estado e o Partido da República Islamita (PRI), a formação majoritária no Parlamento.

Algumas horas depois da leitura da lista dos membros do gabinete diante dos deputados iranianos, o jornal Revolução Islamita, considerado próximo ao presidente, afirmou categoricamente que Bani Sadr não aprovou o governo formado pelo primeiro-ministro Radjai que segue as orientações dos fundamentalistas religiosos.

A afirmação do jornal, julgada digna de fé por meios próximos a presidência

Segundo o escritório do primeiro-ministro, Bani Sadr deveria anunciar pessoalmente aos deputados a composição do gabinete, mas nenhum dos homens apresentou-se ao Majlis (Parlamento iraniano), e seu presidente o aiatolá Hachemi Rafsanjani, teve que contentar-se em ler uma mensagem de Ali Radjai com a lista de ministros.

Outro retrato de Mao retirado de Pequim

Outro retrato de Mao Tsé-tung, o que estava no alto da fachada da estação central de Pequim, foi retirado ontem.

O imenso quadro tem assim o mesmo destino que a maioria das efígies do fundador da China comunista, que junto com as do atual presidente apareciam até pouco tempo, os logradouros públicos.

Em fins do mês passado todos os retratos de Mao colocads na Praça de Tien Anmen foram retirados, com exceção de um, na entrada da cidade proibida diante do mausoléu que guarda os seus restos.

Posteriormente, uma ordem do Comitê Central do Partido Comunista justificou a retirada dos quadros por considerar a sua presença como "falta de dignidade política".

Igual sorte teve os quatro imensos quadros de Marx, Engels, Lenine e Stalin, instalados na Praça Tien Anmen.

El Salvador: Igreja não quer intervenção

A Igreja Católica salvadorenha pronunciou-se ontem pela não intervenção dos Estados Unidos, da URSS ou de Cuba nos problemas políticos do país.

Na homilia de ontem, nunciada na catedral metropolitana, o padre Fabian Amaya, que substituiu nesta ocasião o arcebispo interino de El Salvador, criticou todos os grupos políticos que atuam no país e defendeu o fim do estado de sítio e de emergência que o país vive.

"Mais de três mil pessoas morreram nos últimos meses em El Salvador", declarou o sacerdote quando pediu ao governo para "abrir um diálogo para deter o banho de sangue em que está afogada a nação".

"Ainda é tempo", disse Amaya, enquanto condenou as ações da direita, da esquerda e do governo, "que reage com medidas militares diante de greves dos trabalhadores".

"Não só a esquerda tem a culpa. A direita também vem explorando por muitos anos este povo", disse, ao indicar que as causas dos protestos oficiais devem ser examinadas, como no caso da greve nos serviços de eletrecidade do país, realizada na semana anterior.

Dezessete líderes sindicais estão presos e são processados por causa desta greve e ontem soube-se que o juiz de instrução passará os réus à disposição do Ministério da Defesa, para que este determine, ou não, a abertura de uma corte marcial.

Em relação ao pedido de não intervenção, o sacerdote recordou uma carta que o assassinado arcebispo de El Salvador, Oscar Arnulfo Romero, enviou ao presidente Carter.

Nesta carta, Romero pediu que os Estados Unidos não enviassem ajuda militar ao governo salvadorenho.

Três sacerdotes norte-americanos presidiram os atos religiosos de ontem na catedral, enviados pelo Conselho Episcopal dos Estados Unidos em apoio a Igreja Católica salvadorenha.

O padre Amaya pronunciou sua homilia depois de uma semana de violência em El Salvador, onde o aparecimento de cadáveres com sinais de torturas ou crivados de balas, pessoas assassinadas opr algum dos grupos em disputa, converteramse em coisa comum.

◆ A guerra civil em El Salvador já chega ao insuportável, e os EUA continuam achar que os movimentos de libertação nacional não passam da exportação da "revolução cubana". É a usual miopia do Departamento de Estado, que não enxerga que a época dos Somoza está chegando ao fim.

Choque continua entre iranianos e curdos

Violentos choques ocorreram desde antontem entre tropas governamentais iranianos e guerrilheiros curdos que ainda ocupam parte de Mahabad, no Azerbaijão ocidental, segundo informações chegadas ontem a Tabriz.

De acordo com tais informações, alguns bairros de Mahabab foram bombardeados pela artilharia governamental e os combates aconteceram tanto na cidade como na sua periferia.

Há 15 dias, o Estado-Maior dos rebeldes deixou Mahabad último baluarte da sua presença no Curdistão, cujas comunicações com o exterior estão interrompidas.

★ Os jurados são considerados os "órfãos do universo". Mantêm uma guerrilha interminável pelos mesmos motivos da guerrilha afegã, isto é, a topografia montanhosa da região. O curioso é que Komeini consegue acordo com os rebeldes quando quer, uma vez que as exigências são quanto à autonomia a nível municipal, digamos assim, mas que muitas vezes é usado a mais para tentar desestabilizar o regime islâmico do que para atender as reivindicações curdas.

Ulysses: Um encontro com Figueiredo seria apenas um encontro físico de duas pessoas

Entre reuniões, articulações, declarações, encontros, almoços e conversas, o deputado Ulysses Guimarães falou à TRIBUNA, em Brasília. Bastante precupado com os últimos atos terroristas, o presidente do PMDB foi enérgico ao condená-los e ao pedir a "ação enérgica e exemplar do governo no sentido de apurar esses atentados, pois do contrário, mergulharão o País no caos e na anarquia". Para Ulysses, "não se pode afirmar que a oposição está atônita ou mesmo perplexa, pois, segundo ele, "seria o mesmo que dizer-se que o povo e a sociedade brasileira estão atônitos".

"Podemos dizer — afirma o deputado — que quem está atônito e perplexo é o governo, que não oferece solução para os problemas fundamentais do País." Ulysses Guimarães afirmou, ainda, não ser importante um encontro seu com o presidente Figueiredo, que seria apenas um encontro físico de pessoas. O fundamental, para ele, "é um diálogo perante a nação". Garantiu, também, o presidente do PMDB, que as oposições votarão unidas contra a emenda que adia as eleições municipais deste ano.

Entrevista: **RODOLFO FERNANDES**

Foto: **RICARDO COELHO**

Ulysses: "O que precisa é o governo ter compe tência, enfrentar os problemas e resolvê-los."

DEPUTADO, afirma-se com insistência que a oposição está atônita e perplexa com o atual momento de abertura e que isso resulta em imobilismo. O senhor concorda com esta afirmação?

— Eu entendo que a oposição não está atônita. A oposição tem atuado com muita precisão, clareza e nitidez. Fiscalizamos o governo, apontamos com firmeza e objetividade seus erros, como por exemplo, esses espantosos e inomináveis atentados: de 70 atentados até agora não punidos, servindo um caldo infernal de cultura para estimular novos e mais graves atos terroristas, como acaba de ocorrer com a Ordem dos Advogados do Brasil e com a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Criticamos esses escândalos das mordomias, apontando casos concretos, como o da Vale do Rio Doce e outros tipos de malversações administrativas. Dizemos claramente que o Brasil é recordista mundial de dívida externa, tem essa barbaridade de inflação.

E apontamos, também, remédios, fundamentalmente a Assembléia Nacional Constituinte. Dizer-se que a oposição está atônita é dizer-se, então, que o povo e a sociedade brasileira estão atônitos.

— E não estão?

— Podemos dizer, isto sim, que quem está atônito é o governo, que não oferece solução para esses problemas fundamentais. Temos que reconhecer que a oposição tem sido voz. Não somos somente nós que apontamos esse quadro que caracteriza um verdadeiro impasse para o Brasil. São os bispos, a imprensa livre brasileira, a OAB, os sindicatos, os estudantes. E depois, a votação majoritária que temos tido no MDB — digo MDB porque foi a sigla que concorreu à última eleição, mas com essas mesmas teses. Nós já ganhamos duas eleições, apesar de todos esses expedientes que o regime usa. De maneira que isso tudo vem demonstrar que a oposição não está atônita e sim o governo.

Hoje, o que a Nação pergunta, estarrecida, é o seguinte: já não há pão, não há teto, não há salário, não há respeito a jornais, não há garantia aos sindicatos, inclusive com intervenções. Agora já se trata da segurança, dever fundamental, número um, de qualquer Estado organizado. A primeira função do Estado é fornecer segurança, e o que verificamos, com relação a pessoas e instituições é que inexiste esta segurança.

— A oposição não pode ser acusada, absolutamente, de atônita. A oposição está atônita, isto sim, pela circunstância de estar apontando a dezesseis anos estes erros — estes profundos erros que estão encalhando o Brasil — e até agora apesar de promessas, o arbítrio continua e a redemocratização do País não se operou.

— Os parlamentares do governo dizem que a oposição não apresenta alternativas, que perdeu suas bandeiras e até o ministro da Justiça cobrou mais objetividade de ação aos partidos oposicionistas.

— Eu não vejo como o governo possa ter roubado bandeiras da oposição. Bandeira da oposição é Constituinte; ela não foi dada. Bandeira da oposição é respeitar a soberania popular, soberania do povo, pois numa democracia é o povo que elege presidente da República, governador de Estado e prefeitos das capitais; ainda agora querem suprimir as eleições municipais. Bandeira da oposição é divisão de renda e esta só tem se agravado; o Banco Mundial diz que o Brasil é um dos primeiros países do mundo em "discriminação a favor dos privilegiados, das elites com concentração de riqueza". Bandeira da oposição é melhoria salarial; e não me consta que tenha sido dada.

A responsabilidade de combater a inflação quem tem é o governo. Ele é que tem os meios e os instrumentos. No entanto, em vez de diminuir, ela já tem atingido a casa astronômica e inacreditável de 110%.

De forma que eu não vejo como o governo teria roubado bandeiras da oposição. É claro que se o governo realizasse o programa da oposição nós não estaríamos contra. Mas, lamentavelmente e desgraçadamente, não é o que ocorre.

— O que o senhor acha do governo falar em diálogo e votar contra as prerrogativas e a favor da prorrogação?

— Eles falam em diálogo, em abertura, dizem que nós é que somos intransigentes, radicais. Mas o grande diálogo que seria a realização de eleições em 4 mil Municípios, o governo não quer. Isto violentamente e truculentamente é o arbítrio, que querem que seja perpetrado através do próprio Congresso Nacional.

Na emenda Flávio Marcílio, que devolve parte dos poderes ao Congresso, querem manter o dispositivo da vadiagem, do ocioso; o expediente da preguiça. Isto é a maioria do governo, ao invés de assumir a responsabilidade para dizer **sim** ou **não**, fica fora, fica ausente, recebe, os projetos são aprovados — quando é do interesse do governo. Quando a emenda é da oposição, é rejeitada. É inacreditável!

Ainda agora, houve uma emenda para efetuar uma repartição de renda mais justa para os Municípios — que têm, na verdade, cerca de 4% das rendas e estão em situação de penúria. No entanto, por decurso de prazo, caiu. Já o Estatuto dos Estrangeiros, por decurso de prazo, é aprovado, porque interessa ao governo.

E na emenda Flávio Marcílio querem que se preserve este dispositivo, repito, da vadiagem e da indolência. É inacreditável que um operário, se não comparece à fábrica para trabalhar, perde o descanso semanal e é descontado em seu dia de trabalho. E o que dizer de um funcionário público que pode até perder seu emprego se faltar muito.

No entanto, o Congresso fica impedido de funcionar, é desprestigiado pelo decurso de prazo. Isto é um atentado e representa uma campanha que evidentemente tende a desmoralizar o Congresso perante a população, perante a sociedade e, no entanto, desejam que isso continue.

— O que o senhor pensa quando se fala em união nacional?

— Isso é uma especulação, união nacional... União nacional sobre o quê? A propósito de quê? União nacional... Em todas as democracias existe Governo e oposição. O Governo tem a responsabilidade de governar e a oposição tem a responsabilidade de fiscalizar. Só havendo uma guerra...

O que precisa é o Governo ter competência, enfrentar os problemas e resolvê-los. Porque o dever da oposição é, repito, existir sempre e estar aí atenta. A oposição não pode se comprometer com a ação do Governo — por isso chama-se oposição. De forma que eu entendo que isso é uma construção especulativa e tem havido, a propósito, um verdadeiro derrame de tinta, ocupando as manchetes dos jornais. Mas isso tudo, a meu ver, não tem qualquer fundamentação lógica ou plausível.

— O senhor pelo menos se encontraria com o presidente João Figueiredo?

— Meu caro, essa pergunta já me foi feita um milhão de vezes...

— Um milhão e uma, agora.

— O problema não é esse, se eu encontro com o Figueiredo ou não encontro com o Figueiredo. Nós dialogamos constantemente com as pessoas. Aqui no Congresso, o partido do presidente da República tem presidência, tem lideranças. Quando é necessário, nós conversamos. Diariamente, entram projeto aí, e as lideranças vêm a mim como presidente e vão aos presidentes dos demais partidos. Tudo isso a fim de combinar a tramitação e a votação de emendas. Esta é a maneira responsável de colocar o problema. É uma conversa perante a nação, mas não apenas um encontro físico de pessoas.

Nós temos uma proposta perante a Nação, esperamos a do Governo. Nossa proposta é de uma Assembléia Nacional Constituinte, porque só assim nós teremos a devolução da democracia ao Brasil.

— Quanto ao problema das eleições municipais deste ano, o senhor não acha que faltou um pouco de empenho da oposição — afinal de contas, a única grande interessada —, criando um fato consumado?

— Eu não sei que fato consumado podíamos criar.

—A mobilização do eleitorado, o lançamento de candidatos...

Mas, nós fizemos. Desde que surgiu a ameaça, com essa famigerada emenda, que nós temos nos movimentado. Já fizemos milhares de comícios, reuniões, entrevistas; temos ido à televisão. Não há reunião que nós não a transformemos, fundamentalmente, em um protesto e uma mobilização da sociedade. Temos dificuldades, como, por exemplo, a vinda de eleitores a Brasília no dia da votação da Emenda Anísio de Souza. Isto é difícil, pois nós não temos recursos; só as passagens custam aí por volta de 15/20 mil cruzeiros.

De maneira que os partidos — o PMDB, por exemplo — têm se mobilizado de uma maneira exaustiva. A começar por mim, que sou o presidente: já fiz milhares de reuniões e comícios a respeito deste assunto. De forma que foi uma mobilização total e integral. O que existe é a obstinação do Governo, que não se rende às evidências. A sociedade está se manifestando, a imprensa está se manifestando, as instituições, volto a dizer, se manifestam, os Municípios querem as eleições. Mas o Governo é insensível a isso tudo, não quer ser plebiscitado, tem medo de eleições e não quer votar.

— E a oposição estará unida no dia da votação?

— Estou certo que sim. Nós temos votado aqui sempre unidos. A todas as proposições em que existe compromisso de oposição, notadamente no plano nacional, felizmente temos comparecido unidos. Eu estou certo que numa votação desta gravidade todos os partidos da oposição honrarão seus compromissos junto à sociedade brasileira.

— O senhor acredita em parlamentares do PDS votando contra a emenda?

— Existem afirmações feitas através de entrevistas e até da tribuna da Câmara, de que integrantes do PDS não votarão. Eu, nossos companheiros e líderes dos outros partidos, temos vários depoimentos e várias afirmações de parlamentares do partido do Governo dizendo que não compareceriam, não votariam ou então que votariam contra.

De forma que, se isto ocorrer, sem dúvida nenhuma a emenda de prorrogação dos mandatos não será aprovada.

— Deputado, a quem serve a radicalização do terrorismo?

— O que eu quero dizer é que o terrorismo está se exercitando contra juristas, contra advogados, contra bispos, contra sedes de partidos *da oposição*, quer dizer, os setores que querem a democracia, que querem a transformação da sociedade, para que ela seja mais justa, que lutam pela defesa dos Direitos Humanos. Coincidentemente, esses é que estão sendo atingidos. De maneira que nós verificamos que este terrorismo, na verdade, quer criar, pelo temor, e por outras razões, dificuldades para que a sociedade avance na reivindicação de seus direitos. Isso não adianta, porque a sociedade já tomou essa iniciativa e está marchando. Estes atos atingem, fundamentalmente, a autoridade do presidente da República e dos governadores de Estados onde estes fatos ocorrem. O dever do Estado é, repito mais uma vez, dar garantias ao cidadão. Tem que haver paz, tem que haver tranqüilidade.

Portanto, quando há atentados desta ordem, a provocação é contra o presidente da República e contra os governadores de Estado. Se estes não agirem rapidamente e exemplarmente, no sentido de apurar e punir os responsáveis, mergulharão o País no caos e na anarquia.

Morrerão os heróis globais?

FLÁVIO PINTO VIEIRA

PARECE *que no próximo ano não teremos mais no vídeo os episódios vividos por Malu, Elisa e Pedro Henrique ("Malu Mulher"); nem os perigosamente partilhados por Pedro e Bino ("Carga Pesada"); e nem as aventuras de Valdomiro Pena e Bebel ("Plantão de Polícia"). Continuarão, entretanto, os problemas que atormentam a população de Sucupira e seu prefeito Odorico Paraguaçu ("O Bem-Amado").*

Segundo as últimas alegações que tenho lido, os seriados que vão terminar teriam esgotado suas propostas básicas. Assim, a Globo se vê na contingência de interromper a sua produção. A explicação é razoável. Contudo, é parcial. Por que apenas a permanência de "O Bem-Amado"? Especulemos.

"Malu Mulher", "Carga Pesada" e "Plantão de Polícia" nos remetem à nossa realidade cotidiana. Cada um deles, evidentemente, tem um conjunto de propostas singular. Mas um conjunto que tem por referência fundamental a realidade brasileira. Essa referência exige um tratamento artístico (literário, no caso) rigoroso. Do contrário, os episódios se tornam repetitivos, monótonos e abusam dos clichês.

O problema não é devido à ausência de talentos literários utilizáveis pelos programas. Nem da incapacidade desses — embora isso possa ter ocorrido inúmeras vezes — de concentrarem suas histórias nos limites da duração exigida. Roberto Freire, Armando Costa ("Malu Mulher"), Ferreira Gullar, Domingos de Oliveira, Gianfrancesco Guarnieri ("Carga Pesada") e Doc Comparato e Aguinaldo Silva ("Plantão de Polícia") são escritores de categoria indiscutível. O fato é que os heróis criados impõem sérios obstáculos às narrativas. As suas propostas implicam uma limitação inerente.

No caso de Malu, essa limitação é óbvia. Por mais louváveis que tenham sido as intenções de divulgar idéias feministas, no sentido da emancipação, da autonomia e da identidade das mulheres, elas (as intenções) criaram uma cerca para a existência artística de Malu. Ela não tinha mais condições de se expandir. Com as bandeiras todas levantadas, a repetição seria fatal. As propostas básicas inclusive cerceavam qualquer talento literário; este seria derrotado pelos obstáculos. A autenticidade artística das situações ficaria comprometida essencialmente. Na impossibilidade de se construir uma história convincente, caía-se no sermão, na verborragia feminista de Malu tão dogmática quanto a machista. O feminismo e seu significado humano e útil teria que transparecer através de situações reais. Isso raramente tem acontecido. O que mais pode acontecer com Malu? Não vamos esquecer aqui dos grilhões idiotas da censura. Aliás, não sei se é verdade ou mentira mas me falaram certa vez que nosso companheiro Roberto Marinho andava louco para ver Malu se casar novamente.

Quanto ao "Carga Pesada", me parece que em todos os episódios — é a minha experiência — os dois carreteiros, Pedro e Bino, eram passados para trás. Vejam só: depois de muita estrada, muitas estranhas aventuras, lá estão Pedro e Bino carregando cocaína em vez de leite-em-pó. É demais. Não há Ferreira Gullar que agüente. Seria o mesmo que pedir a James Baldwin que escrevesse O Incrível Hulk. *O programa, embora de natureza diversa, contém as mesmas limitações do "Malu". É bem verdade que em "Carga Pesada" não há nenhum tipo de sermão, de discurso edificante. O que já é uma ligeira vantagem.*

Curioso é o "Plantão de Polícia". Vi alguns episódios muito interessantes. Entretanto, sente-se, de uma maneira geral, uma ausência de ação. É o único seriado que descende de uma linha direta dos seriados americanos dedicados ao gênero policial. Procurou refazer, em termos brasileiros, uma série da qual os americanos têm uma formidável tradição, trocando apenas a figura do detetive ou do policial pelo repórter. Essa tradição (de onde um know-how *impecável) é a da literatura e a do cinema. Quanto à primeira, basta citar Raymond Chandler ou Dashiell Hammet entre outros incontáveis autores do gênero que abundam nos EUA; quanto ao cinema, a década de trinta foi fértil em obras-primas ("Scarface", "Beco Sem Saída", por elemplo). Quase todos os melhores cineastas americanos assinaram uma obra-prima do filme policial ou de gangster. William Wyler, Raoul Walsh, Billy Wilder, John Huston, Howard Hawks são nomes respeitáveis que formam uma tradição, na qual se banha a televisão americana.*

Diante dos três programas, com a morte decretada, "O Bem-Amado" parece ter uma carreira auspiciosa. Trata-se do seriado com menos limitações de ordem artística. A sua proposta, da fina sátira à chanchada, é bastante ampla. Sua origem é puramente nacional, e o know-how *de Dias Gomes no gênero é eficientíssimo. Não é obrigado a se prender a um discurso edificante, nem a se voltar para problemas sociais. Nele se destacam a gozação e o deboche — duas fortes tendências do espírito brasileiro.*

PRETO NO BRANCO

— Eu hoje vou te mostrar, o que é um clube de futebol.

— Nem de brincadeira. Eu sou tricolor, daquelas que sofrem. Não estou aqui pra ver você feliz com a minha derrota.

— Prometo não fazer muitas gracinhas.

Lá vamos nós, no meio de um domingo ensolarado. O primeiro sinal de perigo é quando ele tenta escolher, a roupa com que devo ir ao jogo.

— Nada de cor que dê azar. Afinal meu botafoguinho é muito sensível a azares. Nada de roupa que já tenha derrotas no passado. Tudo deve ter vindo da lavanderia, sem mácula.

Além do meu querido, tenho que aguentar as gracinhas do chofer de táxi.

— Moço é melhor o senhor comprar algumas aspirinas. A madame vai ficar com dor de cabeça. O Fluminense é freguês de caderno. Faz tempo que não ganha do nosso botafoguinho. E olha que com o Borer, não é muito difícil.

O clima entre os dois é de total fraternidade. São homens, são da mesma confraria. Fico esperando que o vaticínio não seja realizado. Faz tempo, não tomo conhecimento do meu lado tricolor.

O Maracanã é uma festa. As pessoas chegam apressadas. O ritmo de andar é o mesmo que usam pela manhã, todas as manhãs, ao saírem dos trens distantes. Precisam pegar o primeiro ônibus. Não podem se atrasar. Os rostos também trazem ansiedade. Diferente. Mais alegre. Bandeiras dos clubes vêm enroladas. Camisas mostram as preferências. Esperança de fazer um carnaval de vitória.

O guichê mostra uma realidade dura. Para torcer, sofrer, discutir, brigar, ele paga 150. Muito caro para a incerteza da vitória.

— É uma nota a entrada. Tomara que esse time de cabeça de bagre ganhe hoje.

— Se você acha caro, por que vem?

— Só pra olhar a estrela solitária. Porque jogo mesmo, eu duvido.

No centro do gramado, algum patrocinador resolveu homenagear os poucos campeões de Moscou. Uma banda que ninguém sabe de onde veio, toca tristemente. Sai sem tocar, mais triste ainda. Entram os que devem desarrumar. Desmontam o que sobrou e partem, como entraram, ignorados.

As primeiras vaias, como era de se esperar, são todas dedicadas ao juiz e digníssimos auxiliares. Fogos, times em campo. Eu no meio da torcida botafoguense. É demais para o meu "pedigree". Não posso torcer, não posso gritar. Tenho que ficar cmportadamente, vendo o Flu fazer uma festa na área do Botafogo.

— Pare de torcer. Nós estamos no meio da minha torcida. E apanhando. Você acha que três gols fazem alguém feliz?

— Mas eu não estou torcendo. Só não posso deixar de ficar com essa cara de felicidade. Afinal são três gols, e bem que poderiam ser mais.

— Daqui a pouco vão começar a atirar coisas em cima de você.

— Vamos fazer o seguinte. No segundo tempo trocamos de torcida.

— Você vai me levar para a torcida tricolor?

— Não é nada disso. Eu gosto de ver a bola entrar, e isso só será possível se nós ficarmos atrás do gol do Botafogo.

Depois dessa gracinha fui convidada, covardemente, a vir embora, com a alegação de que estava ficando tarde. Minha única frustração foi não ter vindo com o mesmo chofer. Comprei tanta aspirina. Só o meu amor botafoguense não vai dar conta de todas.

(GILDA HELENA)

Carlos Alberto Loffler

ZIRALDO:

"O Brasil é um país sem história cultural".

Ziraldo, lança hoje à noite, pela Edições Melhoramentos, seu mais novo livro infantil, **O Menino Maluquinho.** Autor de **Pererê** e **Flicts**, seus dois maiores sucessos em literatura infantil, ele acha que "uma das coisas que vai marcar a década de 80 na cultura brasileira é a literatura infantil". Entretanto, uma das coisas que ele garante que não pretende fazer é "salvar a criança brasileira" Cartunista, artista gráfico e designer, Ziraldo diz que não existem informações importantes a serem dadas às crianças. "O fundamental — explica — é conversar com elas e não informar nada", porque assim, "cairemos numa obra moral", o que é segundo ele, o caso do livro **O Pequeno Príncipe.**

Reportagem de TÂNIA MALHEIROS

"Não há informação no Brasil que esteja afinada com o mundo."

QUAL a importância do livro infantil dentro do seu trabalho de cartunista, artista gráfico e designer?

— Eu, assim como muitas pessoas, quero abraçar o mundo com as pernas, botar para fora toda a energia. Entretanto, acho que isso não é nenhum ecletismo. A vontade de falar as coisas, a necessidade de fazê-las e a aflição interior, é tudo uma coisa só. Para transmitir isso, nós utilizamos todos os veículos possíveis no contexto em que vivemos. Eu posso fazer peça de teatro, livro infantil, história em quadrinhos, cartazes, anúncios etc. Mas tudo isso se enquadra dentro do humor e do desenho, porque essa é a unidade do meu trabalho.

Se eu fosse um cidadão americano ou inglês, por exemplo, eu não poderia fazer tanta coisa, ou tudo isso, porque a própria organização social nestes países não permite. Se exige que a pessoa seja especialista e, que não entre na área da outra. Mas, eu não quero entrar na área de ninguém. Acho inclusive, que todos os lugares no Brasil estão para ser ocupados ainda, porque este é um País muito novo.

— No Flicts você explorou basicamente o visual...

— Eu não explorei o visual, e sim as cores. Neste livro eu inventei uma coisa que antes não tinha sido tentada ou descoberta, que é transformar a cor num personagem, transformar o abstrato numa coisa viva. Na verdade, a felicidade, a busca, a procura, são coisas muito antigas, muito velhas na vida da gente. Mas a forma de dizê-las é que eu procuro fazer nova, porque para mim o importante, quando vou fazer alguma coisa é conseguir o novo, uma expressão nova, uma maneira nova de dizer uma coisa antiga, já que tudo foi dito.

— Você acha que as crianças preferem mais o Pererê ou o Flicts?

— Eu descobri um segredo quando comecei a escrever, que é não escrever para criança e nem para adulto. Um livro infantil, uma obra de arte, não é novela de televisão que se escreve em cima da pesquisa de mercado. O marketing não deve nunca orientar o autor, que pretenda ser um autor de uma coisa que ele considere depois de pronta uma obra de arte. O público para quem você escreve é você mesmo. Isso se a pessoa for inteira. Se a transa dela com o mundo for válida e fizer sentido o trabalho fica direito, passa para o próximo.

Eu acho então que, não existe uma preferência. São dois trabalhos diferentes, curtidos muito pelos adultos também. E a única coisa que diferencia adulto de criança, enquanto leitor, é que o adulto é todo cheio de referências e a criança, ou não tem referência, ou tem menos que o adulto. Mas a boa obra de arte, o bom livro infantil, adulto gosta. Isso aliás, é um bom sintoma para aferir a qualidade da obra. Se adulto gosta é boa e criança vai gostar também.

— Alguns afirmam que não há literatura infantil ou adulta e sim boa e má literatura. O que você acha disso?

— Não é tão genérico assim. Mas na verdade essa coisa pode ser aplicada ao que eu acabei de dizer. Logicamente há boa e má literatura, mas quem leva o livro para casa é o adulto e se ele não se sensibilizar com o livro, conseqüentemente não o leva para o filho ler. É verdade que os padrões de julgamento foram bastante alterados e isso se constata quando a criança manda comprar o livro. Aí entra imediatamente o poder de referência, ou seja, ela viu na televisão. É natural então que a criança goste de transar o herói que conhece, mas quando entra em contato com coisa nova, que a estimula, fica maravilhada, porque a descoberta é uma coisa emocionante.

— Por que se produz pouca literatura infantil no Brasil?

— Em primeiro lugar, o que está faltando é história ao País. O Brasil é um País sem história cultural. É muito novo, muito recente. Não tem uma tradição de literatura infantil. Aliás, nós só tivemos um grande autor, o Monteiro Lobato Depois, a televisão está imbecilizando a criança brasileira e não é culpa de sua programação e sim do meio. A maneira com que ela emite a mensagem, age sobre a criança lhe tira o hábito de reflexão, de meditar e tentar entender um texto. A criança está perdendo esse tipo de exercício. Por isso, que de repente, o grupo social percebeu que estava sendo minado, desestruturado. E o cuidado com a literatura infantil, sobretudo porque há um pequeno grupo de gente muito boa mexendo com isso.

— Você tem uma visão de mundo conhecida. É um homem politizado e um artista engajado. Sua literatura procura transmitir essa visão às crianças?

— De jeito nenhum. Eu não faço nunca o meu trabalho com uma mensagem apriorística, onde eu pretenda dizer: "agora vou dar uma mensagem". Se eu fizer isso estou deformando a criação. No entanto, é claro que, como eu tenho uma visão de mundo cheia de dúvidas, essas dúvidas passam também para a criança. Mas para mim o mais importante é não fazer uma obra aberta ou fechada de propósito. É não querer criar uma valoração moral e dar conselhos.

— Como se dá o seu processo de criação artística?

— Eu fico ligado o dia inteiro, por temperamento. Não sei como é que esse estímulo acontece. Mesmo que seja inspiração, eu já sei qual é a técnica brasileira da criatividade, ou seja, alguém fala uma frase e de repente se percebe que ela "dá samba". Este é o aviso. Eu nunca digo que vou escrever um livro para criança. De repente a idéia vem e essa idéia pode ser uma frase no ar.

— Sua literatura tem um cunho didático?

— Mesmo que eu não queira, tem. É impossível fazer no Brasil um trabalho que não seja didático. E eu acho que essa postura didática se deve, porque as pessoas aqui, ainda não sabem de nada. Não há informação no Brasil que esteja afinada com o mundo, por isso repito que toda literatura brasileira tem um fundo didático. Tudo que se escreve e se cria, se faz ensinando.

Quando alguém passa a ser a elite cultural no Brasil, percebe a diferença cultural que o separa de seu povo. Quando a pessoa tem o privilégio de ser bem informado, quando está em contato com o mundo, fica europerizada e isso acontece com toda pessoa culta no Brasil. Para mim, isso acontece porque, como já disse, não temos uma informação afinada com o mundo.

— Quais as informações que você considera mais importantes para as crianças?

— A criança é um ser finito e tem que ser feliz. Por iso eu acho fundamental conversar com ela e não informar nada. Porque assim, caímos numa obra moral, onde conseqüentemente, só passamos valoração moral.

"Você é responsável por quem cativa", esta frase está no livro O Pequeno Príncipe. Destroçou é verdade, a cabeça de toda uma geração e botou mais culpa ainda na nossa

— Mas você não tem uma "mensagem" para a criança brasileira?

— Sou mineiro e como a cigarra, "sem ver eu já amealho pro inverno sem nenhum esforço". Morrer ou ficar velho são minhas duas opções e como não quero morrer, vou ficar velho. Mas não quero ser um velho chato.

Todo cartunista quando envelhece vira pintor, porque a pintura é uma coisa mais solitária. Eu pensei que isso fosse acontecer comigo também. Entretanto, de repente descobri que vou envelhecer fazendo livro infantil. Quero fazer isso porque me dá prazer e se isso der prazer as crianças será sensacional O que eu não quero é salvar a criança brasileira.

GENTE — *BARÃO DE SIQUEIRA JR*

Bebéte e Rui Freitas recebem em jantar

★ **NUMA** noite das mais bonitas que assistimos, até o frio ajudou, na elegância das mulheres, o belo casal baiano Bebete e Ruy Freitas, recebeu em seu apartamento da General Osório, em Ipanema, para coqueteis-SOUper, num vai-e-vem dos diabos, pois entrava e saia gente a todo momento, das 20 até às 4 da matina, em estado formal, para cumprimentar Bebête que estreava nova idade. Tá.

★ **ERA** uma noite tipicamente baiana, pois o ambiente, a comida, alguns convidados e o tempero, davam aquele sabor bem baiano. Bebéte linda num vermelho, que encantou todo o mundo, como autocreatividade figurinista. Bravos e parabéns.

★ **VAMOS** ver se a minha memória não falha, nas presenças importantes — Marta Rocha, Cláudia Xavier de Lima, Adalgisa Colombo e Flávio Teruskin, Gilka e Aroldo Kastrupp, Margarida Marques dos Reis, Maria Raquel Andrade e Carlos Carvalho, Ruth Magalhães e Julio Schlanger, Edith e Adaulto Magalhães Castro, Muqui Banhos (colunista de Vitória—ES), Lygia e John Lomwdes, Leda e Alfredo Castro Neves, Nelly Ribeiro, Aparecida e Moraes Rego, Nair e Téo Aterino, Marlene e Antônio Rodrigues, Ligia e Rogério Carvalho, Paulo Belfort, Heloisa Machado Sobrinho, Almir de Azevedo, Zenita e José Lopes de Oliveira, Djane e Gustavo Faria, Coriolano e Beatriz Beraldo, Ligia e Sérgio Alevato, Vera Vaz e Barros e Eurico, Beth e Rafael Kacvelnik, jornalista Robert Milost, Teresinha Cavalcanti, Lélia Gonçalves Maia, Susete Dourado, Eliana e José Prior, Laura, e Ramiro de Souza, Vera e Oscar Rudge e Raquel Arnaldo Sukerman e muitos outros. Maria Cristina Freitas enfeitava a bonita reunião.

★ **AS** três mulheres que causavam reboliço, entre os homens, cada um queria fazer uma comparação e dar a sua opinião, eram as três ex-misses Brasil, Maria Raquel de Andrade, Marta Rocha e Adalgisa Colombo. Em assunto de beleza era o comentário principal. O colunista só ouvia, o que diziam de suas grandes amigas de longa data. Quando os fotógrafos solicitavam muito Adalgisa Colombo, o colunista disse para Flávio Teruskin: "São os espinhos de um homem que tem uma mulher bonita." Flávio sorridente concordava com a coluna.

Maria Clara uma das morenas mais lindas das tardes do Clube Monte Líbano. Gosta de volei, de tênis e de natação. Além de praticar esportes lê muito Jorge Amado.

★ **BEBÉTE** de Freitas, a figura número um da festa, como anfitriã e aniversariante, comentava que não tinha vindo nem metade dos que foram convidados. Estava radiante, pois suas grandes amigas vieram lhe abraçar. Realmente, foi uma bela festa, muito bem organizada e cheia de pessoas conhecidas. Gratos.

Piquet vence duas no fim de semana

Nélson Piquet para sair da sexta posição até a primeira, isso nas treze voltas iniciais, deu uma demonstração de pilotagem de primeira categoria. E encurtou para dois pontos a distância que o separa do líder do mundial, o australiano Alan Jones. Explica-se a atuação com a correção de um erro que tinha o carro do brasileiro: as rodas dianteiras estavam com diâmetro inadequado.

CARLOS JUSTO
GUILHERME
CORRÊA

O brasileiro Nélson Piquet obteve ontem espetacular vitória no GP Holanda, disputado no autódromo de Zandvoort. com esta vitória, Nelsinho está agora com 45 pontos e a apenas 2 pontos do líder do Campeonato Mundial, o australiano Alan Jones, da Williams, que ontem não marcou ponto. Em segundo lugar chegou o "pole-position" René Arnoux que, após andar em 4º lugar durante quase todo o transcorrer da prova, e sendo seriamente ameaçado po Andretti e Reutmann, conseguiu empreender uma recuperação sensacional nas últimas voltas e ultrapassou Laffite a 3 voltas do final, assumindo a vice-liderança da corrida.

Laffite, que dera excelente largada, passando da 6a. para a 3a. posição, ultrapassou a Arnoux ainda na 1a. volta, e assumiu a liderança da prova a partir da 2a. volta, quando Jones parou nos boxes, só vindo a perdê-la quando foi ultrapassado por Piquet na 12a. volta. Manteve-se na 2a. posição até a 69a. volta quando foi suplantado por Arnoux.

Em 4.º lugar chegou Reutmann, com discretíssima atuação, em nenhum momento lutando pelas primeiras colocações, embora não lhe falte carro. Parece ser um piloto em fim de carreira.

Fechando a tábua de colocações apareceram Jarier e Post em 5.º e 6.º lugares.

A LARGADA

Foi uma largada sensacional, talvez a mais empolgante de todas as corridas da atual temporada. Piquet tentou forçar por dentro, mas encontrou em seu caminho os turbos, que têm uma resposta lenta, sendo obrigado a tirar o pé. Quem tentou por fora, como foi o caso de Jones e Laffite, se deram bem. De qualquer forma, o bolo formado era muito compacto e o que se via eram até 6 carros entrando quase emparelhados nas curvas, mais parecendo aviões de esquadrilha da fumaça em exibição, tão próximos estavam uns dos outros.

Jones, que havia assumido a liderança já ao término da 1a. curva, foi obrigado a uma parada nos boxes ao completar a 1a. volta e lá permaneceu por longo tempo, com problemas na suspensão dianteira. Quando voltou, disposto a recuperar o tempo perdido, já estava 2 voltas atrás dos líderes, que eram: Laffite, Arnoux, Jabouille, Villeneuve, Reutmann, Piquet e Giacomelli.

PIQUET SENSACIONAL

Poucas voltas depois Jabouille foi para os boxes dando o 5.º lugar para Piquet. Começou então a reação do brasileiro que, em menos de 10 voltas conseguiu ultrapassar de forma segura e brilhante aos 4 pilotos que iam à sua frente. Na 12a. volta Piquet assumiu a liderança, para não mais perdê-la, chegando a colocar mais de 20 segundos de vantagem sobre o 2.º colocado.

Também Giacomelli fazia excelente corrida, chegando a estar no vácuo de Laffite, e com ele disputando a 2a. colocação. Na ansiedade de ultrapassá-lo, cometeu um descuido e rodou, danificando a suspensão de seu carro.

Com o abandono de Giacomelli, Arnoux assumiu a 3a. colocação. Após ser pressionado durante quase toda a prova por Andretti e Reutmann, conseguiu folgar nas últimas voltas, chegando inclusive a ultrapassar Laffite, assumindo a 2a. posição.

Com relação a Andretti e Reutmann, travaram um duelo à parte. Inicialmente foi Andretti que ultrapassou a Reutmann, por fora, na curva Tarzan. Quando este tentou recuperar a posição na volta seguinte, ambos chegaram a tocar roda com roda e o argentino tirou o pé quando já havia virtualmente ultrapassado a Andretti, cedendo-lhe novamente a posição. Reutmann só conseguiu finalmente recuperar a 4a. posição com a ajuda de seu companheiro Jones, que entrou no meio do bloco Arnoux-Andretti-Reutmann, estando porém com uma volta de atraso. A poucas voltas do final Andretti abandonou, cedendo o 5.º lugar para Jarier e deixando a 6a. posição para Prost, com McLaren. Ambos se valeram do grande número de abandonos para alcançarem estas colocações.

ATUAÇÕES DOS PILOTOS

Nélson Piquet — Podemos definir sua corrida com uma só palavra: excelente. Piquet conseguiu este primeiro lugar por merecimento de seu esforço em superar os que estavam à sua frente, com exceção de um que foi Alan Jones — seu maior adversário no campeonato e atual líder. Esta vitória foi visivelmente emocionante para Piquet, que na volta da vitória, por várias vezes soltou as duas mãos do volante, agradecendo e vibrando por ter praticamente, anulado a diferença para Jones no campeonato. E no pódium, sua alegria era tanta que nem percebeu que já estavam tocando o Hino Nacional. Subitamente, tirou o boné, colocou a garrafa de champagne de encontro ao corpo e se compenetrou, quando alguém lhe entregou a Bandeira Nacional.

NOTA: 10.0.

René Arnoux — No começo da corrida quase pega a liderança, mas após Piquet ultrapassá-lo, seu carro perdeu muito fazendo-o perder algumas posições. Mais tarde, quando ninguém mais esperava reação, chegou em Laffite e o ultrapassou.

NOTA: 9.0.

Jacques Laffite — Fez a sua corrida tranqüila de sempre. Quando tinha oportunidade, brigava pela posição. Mas no caso da diferença para o líder, preferiu, o que é lógico, manter a posição, sendo superado apenas no final por Arnoux.

NOTA: 9.0.

Carlos Rautemann — Como sempre se mostra muito receoso nas corridas. Ao que nos parece, Reutemann se preocupa tanto com uma ultrapassagem, como se estivesse dirigindo numa serra íngreme, estreita, de mão dupla, atrás de um caminhão com vinte metros de comprimento e com um carro que possui a direção do lado direito.

NOTA: 6,00.

Jean Pirre Jarier — Foi bastante beneficiado pelas quebras.

NOTA: 5,0.

Alain Prost — Outro beneficiado ainda mais pela quebra de Andretti, no final, o que lhe deu 1 ponto no campeonato.

NOTA: 4,0.

Mário Andretti — Fez sua melhor corrida nesta temporada, só não marcando pontos por culpa de seu carro que está horrível. Mas enquanto correu, fez vibrar o público, principalmente os que estavam na curva Tarzan, local de suas demonstrações de perícia. Sua quebra foi injusta.

NOTA: 8,0.

Derek Daly — Sofreu o acidente mais grave da prova. Seu carro bateu nos pneus fora da pista, voou, e pousou em cima deles. Saiu carregado do carro, mas nada lhe aconteceu além do choque. Como todos sabem, um corpo ao ser freado, tende a continuar o movimento. O carro ao bater de frente tanto o motor e rodas são jogados para frente, como o próprio piloto é jogado de encontro ao cinto, o que posso garantir não ser muito agradável...

NOTA: 3,0.

Bruno Giacomelli — Seguramente foi sua melhor corrida. Lutou muito, e mostrou que seu Alfa está no ponto. Infelizmente, ao tentar a ultrapassagem sobre Laffite, foi um pouco inexperiente. Das duas uma: ou ele tentou retardar ao máximo o ponto de frenagem da entrada de uma curva, retardou demais e quase bate no carro de Laffite fazendo-o rodar; ou Laffite antecipou bruscamente o ponto de frenagem "por distração".

NOTA: 7,0.

Emerson Fittipaldi — Mais uma vez não obteve um sucesso com seu F8. Contudo, não podemos desanimar; se a Alfa se tornou um carro rápido até nas partes lentas de circuitos, por que será que ele não conseguirá fazer um carro competitivo?

SEM NOTA.

CLASSIFICAÇAO

A colocação dos pilotos que marcaram pontos, no Grande Prêmio da Holanda, foi a seguinte:

1.º lugar — Nelson Piquet, Brasil, Brabham;
2.º lugar — René Arnoux, França, Renault;
3.º lugar — Jacques Laffite, França, Ligier;
4.º — Carlos Reutemann, Argentina, William;
5.º lugar — Jean Pierre Jarier, França, Tyrrel;
6.º lugar — Alain Prost, França, McLaren.

COLOCAÇÃO NO MUNDIAL

Com os resultados da prova realizada ontem, na Holanda, o brasileiro Nelson Piquet conseguiu aproximar-se de Alan Jones e vai disputar com ele nas provas que restam — Itália, Canadá (certas) e Estados Unidos (praticamente suspensa) — o título mundial de pilotos de Fórmula 1. A posição dos concorrentes é a seguinte:

1.º — Alan Jones, Austrália, 47 pontos;
2.º — Nelson Piquet, Brasil, 45 pontos;
3.º — Carlos Rautemann, Argentina, 33 pontos;
4.º — Jacques Laffite, França, 32 pontos;
5.º — René Arnoux, França, 29 pontos;
6.º — Didier Pironi, França, 23 pontos;
7.º — Jean Pierre Jabouille, França, 9 pontos;
8.º — Ricardo Patrese, Itália, e Élio de Angelis, Itália, 7 pontos;
10.º — Derek Daly, Irlanda, 6 pontos;
11.º — Emerson Fittipaldi, Brasil, e Jean Pierre Jarier, França, 5 pontos;
13.º — Alain Prost, França; Joechen Mass, Alemanha; Keke Rosberg, Finlândia; Bruno Giacomelli, Itália, e Gilles Villeneuve, Canadá, 4 pontos;
18.º — John Watson, Irlanda, 3 pontos;
19.º — Jody Scheckter, Africa do Sul, e Mário Andretti, Estados Unidos, 2 pontos.

MUNDIAL DE CONSTRUTORES

O Campeonato Mundial de Construtores tem a William na liderança absoluta e, praticamente, campeã mundial de 1980. Ela soma 80 pontos, contra 55 da equipe francesa da Ligier. A Brabham está em terceiro com 45 pontos — só Piquet tem marcado pontos para a equipe, enquanto para as demais equipes os pilotos são dois. A seguir vêm a Renault, com 38 pontos; a Tyrrel, com 12 pontos; a Arrows, com; 11 a Fittipaldi, com 9; McLaren, com 8; Lotus, com 7; Ferrari, com 6, e Alfa Romeo, com 4 pontos.

Se se confirmar a suspensão da prova dos Estados Unidos, a William já é campeã mundial de construtores.

PIQUET E A SEGUNDA VITÓRIA

O brasileiro Nelson Piquet está com tudo. Na véspera, sábado, venceu a prova do PROCAR — todos os pilotos competem com o mesmo carro, um BMW de passeio — a sua segunda vitória consecutiva e agora é, tal como na Fórmula 1, o segundo colocado nessa competição, um ponto atrás do líder, o alemão Hans Stuck, que está com 71 pontos. Piquet está com 70 pontos. Os demais colocados: Jan Lammers, da Holanda, com 69 pontos; Alan Jones, da Austrália, e líder do mundial de F-1, com 62 pontos, e Carlos Reutemann, da Argentina, com 60 pontos. Na prova de sábado, Marc Surer foi segundo, Jacques Laffite o terceiro, Alan Jones o quarto, Carlos Reutemann o quinto e Jan Lammers o sexto colocado.

O brasileiro cumpriu a prova em 32'44"10/100 com média horária de 155,870 km/h; Marc Surer chegou 5"85/100 depois; Laffite 8"45/100; Alan Jones 10"70/100; Carlos Leutemann 13'07/100 e Jan Lammers, ... 21"79/100 depois de Piquet.

EM BRASÍLIA OS MIL QUILÔMETROS

BRASÍLIA (De Carlos Lacombe, especial para a TRIBUNA) — A dupla Paulo Gomes-João Palhares venceu a primeira prova de longa distância disputada a álcool no mundo, pilotando um Opala Stock Car. As duas posições seguintes foram também conquistadas por Opalas, ambos da Equipe Smirnoff-Bandeirantes, pilotados por Reinaldo Campello-Luiz Lara Campos e A. Castro Prado-Affonso Giaffone.

A prova foi caracterizada por uma intensa disputa entre as marcas participantes, Ford, Fiat, Volkswagen e General Motors. Mais de vinte mil pessoas assistiram a corrida durante toda a noite, e somente na madrugada as posições começaram a se definir.

LUIZ AUGUSTO

A abertura do jogo

Podemos informar em absoluta *primeira mão* que se encontra pronto repousando em um dos gabinetes mais influentes *Palácio do Planalto* um anteprojeto que visa reabrir os cassinos no país. Obstáculos que haveriam nesse sentido, partindo dos altos escalões da Igreja, já teriam sido contornados em uma reunião que teria acontecido por ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil. Esta reabertura, segundo consta, teria duas fases: A primeira de caráter experimental que abrangeria algumas estâncias turísticas como *Guarujá* e *Campos do Jordão* (em São Paulo), *Petrópolis* e uma área que compreenderia *São Conrado* e a *Barra da Tijuca* no Rio, *Araxá*, em Minas Gerais, Manaus (no Amazonas) e *Torres*, no Rio Grande do Sul. Em uma segunda fase seriam liberados mais sete locais. Dois obstáculos estão impedindo este projeto de ser trazido à tona e aberto à visitação política: A derrota que o Governo vem sofrendo ante a inflação e os recentes atentados terroristas. Mas, se a primeira for contornada e a segunda tiver os seus responsáveis enquadrados, podemos esperar para antes do raiar de 81, o anúncio da volta do jogo ao país.

Twenty Generation

1 — Quem circulou neste *week-end* muito na base do escondidinho no Rio foi *Patrício Philips* (ele é o importante presidente da Indústria Açucareira do Chile) que veio ver o seu *love Fernanda Pedrosa*.

2 — O gatão *Fredy Fleck Jr.* em altos agitos na área do desenho industrial completamente desaparecido da noite.

3 — *Isabela Lage Amorim* voltando de Nova Iorque.

4 — A classe de *Maria Ignês Piano* estará na passarela na tarde se sete de outubro no Othon Pálace em benefício do Retiro dos Artistas.

5 — *Denise Dumont* e Antônio Guerreiro: O romance acabou.

6 — *Tomorrow again.*

Maria Eugênia Lee Pereira, uma das *stars* do *beautiful people* carioca.

A coqueluche de Danusa

Os amigos da charmosa *Danusa Leão* estão ficando cada dia (e noites principalmente) que passa preocupadissimos... A continuar em sua empolgada *regressão* no tempo (patins, skates, mini-saias, bambolê etc...) aguarda-se a qualquer momento a infausta notícia de que a conhecida hostesse das madrugadas cariocas, acabou sendo vítima de uma *coqueluche*...

Moda Verão para o young-set

Logo mais, às dezesseis horas, *Milton Sousa Carvalho* estará recebendo os nomes mais importantes da *press* e alguns convidados especiais para mostrar sua moda verão *from Ipanema* com a etiqueta *Dimpus*, uma das *griffes* preferidas pelo *young-set*. Amanhã à noite, ele estará recebendo na discoteca de *Mme. Choukroutte* para um grande *party* continuando seu festival de verão.

Tom Jobim no Especial de Natal

Está praticamente acertado que o *Especial* de Natal que vai ao ar ar pela televisão Globo este ano, terá como *star Tom Jobim*. Estão faltando apenas acomodar alguns detalhes referentes ao *cachet* do grande astro da internacional da música. Aliás, *Roberto Carlos*, cujo programa foi desbancado este ano, recebeu pelo seu último *especial*, dois milhões e meio de cruzeiros.

Gota D'Água

◆ Foi um dos almoços mais elegantes da temporada o que teve **Cristina Gouvêa Vieira** (ela recebia com um conjunto Celini) como a n f i t r i ã trezentas convidadas, uma folclórica mesa com todas as espécies de doces brasileiros, o decor de **Pedro Espírito Santo** e a presença de cinco mulheres chiquérrimas: **G i l d a Meira Lima** (azul) **E s t e r Sousa Leão** (conjunto de malha cor de ferrugem), **Lúcia Clarck** (beije) **Maria Inês Piano** (tailleur inglês) e **Mariazinha Guinle** (Tailleur de lã). Todos os olhares entretanto eram para **Bianca Spínola** decididamente a mulher mais bonita da tarde.

◆ **O níver de Dirceu Fontoura** aconteceu em grande estilo **al mare e a bordo de** seu iate **Atrevida**.

◆ **Yonita Guinle de** malas afiveladas para passar dez dias em Nova York. Ela e Luiz Eduardo naturalmente.

◆ **Giovana Vassalo** voltando esta semana da Itália.

◆ **Carmem Bufara**, mais magra e cada vez mais bonita no shopping em Ipanema.

◆ **Lúcia Câmara** assaltada na Toneleros teve roubada sua corrente de ouro com medalhão.

◆ **Marília Castilhos** inaugurando seu novo flat na Delfim Moreira.

◆ **Bruno Barreto e Lídia Brondi** juntos nos States.

◆ **Fábio Jr.** de volta ao Rio somente em outubro.

◆ **Maria Pia Moreira da Fonseca** subiu ao altar do Outeiro da Glória sábado pelo braço de seu pai, o conhecido artista José Paulo para tornar-se senhora **Jorge Lafalete Carvalho e Silva**.

◆ **Sônia Ramalho** desbancou aquela filial, mais velha, loira e relíça de silicone, daquele conhecido milionario com conexões no mundo dos pretrodólares.

◆ O Rio é uma festa.

Zico dá outro bi ao Flamengo: Torneio de Cádiz

CÁDIZ, Espanha (TI) — Com dois gols de Zico, outra vez o grande destaque do time, o Flamengo venceu o Bétis de Sevilha por 2 a 1, ontem à noite, no Estádio Ramon de Carranza. Esse título de bicampeão foi comemorado com muita alegria pelos jogadores rubro-negros, que deram a volta olímpica no campo, após o jogo, e no hotel, mais tarde, com muito samba. A comemoração foi também pelo encerramento da excursão, pois a delegação volta ao Rio com chegada para depois de amanhã, às 5 horas da manhã.

Os primeiros 20 minutos foram difíceis para o Flamengo, que, por recomendação do técnico Cláudio Coutinho, resolveu estudar o comportamento tático do adversário. Dessa forma, diante da passividade do Flamengo, o Bétis dominou a maior parte das ações e esteve por marcar o primeiro gol, como por exemplo aos seis minutos, quando Cardenosa chutou forte e Cantarele espalmou a escanteio. Outra boa oportunidade desperdiçada aconteceu aos 15 minutos, quando Moran recebeu a bola nas costas de Júnior, passou por Rondineli e chutou rente à trave esquerda de Cantarele.

Zico estava muito bem marcado por Ramon, mas, mesmo assim, conseguia se deslocar para vários pontos do campo para armar as jogadas do ataque. Depois do 20º minuto, o Flamengo passou a pressionar o gol de Esnaola. Aos 25 minutos, Zico chutou da entrada da área e quase marcou. Aos 31m, Andrade bateu de fora da área e o goleiro defendeu. Já no final do primeiro tempo, aos 41m, o Bétis perdeu a sua principal oportunidade. Gordilho chutou e Cantarele fez a defesa mais bonita do jogo.

O Flamengo voltou com outra disposição para o segundo tempo e Zico passou a recuar um pouco mais para evitar a marcação rígida de Ramon e partir com a bola dominada. Lá na frente, Nunes se adiantou e passou a jogar em cima de Peruena, o líbero espanhol. Zico marcou 1 a 0 aos 4 minutos, um golaço que arrancou aplausos da torcida espanhola. Ele recebeu a bola de fora da área, sentiu que o goleiro estava mal colocado e bateu forte. A bola entrou no ângulo superior esquerdo.

Com a vantagem de 1 a 0, o Flamengo passou a tocar com maior tranqüilidade, ao passo que o Real Bétis se enervou e buscou o gol do empate na base do desespero. Aos 9 minutos, depois de uma excelente jogada de Tita, Carpegiani bateu forte da entrada da área e a bola passou rente. O Bétis conseguiu o gol de empate aos 35 minutos, quando Marinho cometeu um pênalti desnecessário em Moran, que cobrou e converteu. Zico, porém, dois minutos depois, passou por três adversários e marcou o gol da vitória e que garantiu o título. Nos minutos finais, o Flamengo tocou a bola para garantir o resultado, diante dos aplausos da torcida.

O juiz foi o espanhol Urizar Azpitarte, que aplicou cartão amarelo em Andrade, Carpegiani e Nunes, além de Ramon. Os times: *Flamengo* — Cantarele; Carlos Alberto, Rondineli, Marinho e Júnior; Andrade, Carpegiani e Zico; Tita, Nunes e Adílio; *Bétis* — Esnaola; Riscocho, Peruena, Alex e Gordillo; Ortega, Lopez e Cardenosa; Moran, Diarte e Ramon (Benitez).

América venceu na virada: 2x1

Depois de perder no 1.º tempo, o América virou o jogo e mesmo com um jogador a menos, (Nédo foi expulso de campo) derrotou ao Bangu, por 2 a 1. Luizão fez o gol do Bangu, Rodrigues (contra) e Porto Real marcaram para o América que ainda teve um gol legítimo de Luizinho anulado pela arbitragem.

Quando o jogo acabou, o chefe da torcida do Bangu, conhecido por "Negão", invadiu o campo para agredir os árbitros e acabou levando uma paulada do bandeirinha José Gabriel, exatamente o auxiliar que prejudicou o América, acenando impedimento de Luizinho no lance do gol anulado. Negão foi preso, mas depois liberado por interferência do dirigente Castor de Andrade.

O Bangu fez um ótimo 1.º tempo com Pedro Rocha (estreou) jogando solto, tocando bola e armando todas as jogadas ofensivas. Antes de Luizão marcar o gol do Bangu, o mesmo atacante já tinha criado duas boas situações, aproveitando-se de falha de marcação da defesa do América, onde Uchoa, Marinho Peres, Eraldo e Alvaro cobriam erradamente.

Aos 12 minutos, num córner da direita cobrado por Marcelo com o pé esquerdo, falhou novamente a zaga americana e Luizão dominou e atirou para abrir a contagem. Após esse gol, quase que o Bangu volta a marcar com o próprio Luizão que recebendo do goleiro Tobias, num contra-ataque, correu solto, entro livre na área e chutou para Jurandir desviar para córner.

O América tinha seu ataque completamente neutralizado pela marcação da defesa do Bangu.

No 2.º tempo, logo aos 4 minutos, num lance infeliz, Rodrigues fez gol contra, empatando o jogo. O zagueiro banguense estava só com a bola dominada e quis atrasá-la para seu goleiro, mas Tobias estava um pouco adiantado e foi encoberto por Rodrigues. Após este lance, caiu o Bangu de produção, com Pedro Rocha mais bem marcado e o América começou a melhorar com as substituições efetuadas pelo treinador Quintanilha, tirando Rogério para entrar Walmir na ponta direita e tirando Neilson para pôr João Luís, adiantando mais a Nédo.

O América teve então um gol mal anulado, aos 38 minutos, quando Porto Real da linha de fundo cruzou e Luizinho completou. Nédo reclamou da arbitragem e foi expulso de campo.

DETALHES

JOGO — Bangu x América; LOCAL — Estádio Proletário; RENDA — Cr$ 493.600,00 (3.530 pagantes); JUIZ — Elson Pessoa (fraco); BANDEIRINHAS — Reinaldo Faria (regular) e José Gabriel da Silva (fraco); AMÉRICA — Jurandir; Uchoa, Marinho Peres, Eraldo e Alvaro; Nédo, Neilson (João Luís) e Cléber, Rogério (Walmir), Luizinho e Porto Real; BANGU — Tobias; Ademir, Moisés, Rodrigues e Roberto; Carlos Roberto, Pedro Rocha e Marcelo; Silvinho (Jorge Nunes), Luizão e Luiz Carlos (Paulo Roberto); 1.º TEMPO — Bangu 1 a 0 — gol de Luizão aos 12 minutos; FINAL — América 2 a 1 — gols de Rodrigues (contra), aos 4 minutos e Porto Real, aos 45 minutos; ANORMALIDADES — Nédo foi expulso de campo, aos 38 minutos do 2.º tempo, por reclamar da arbitragem.

TRIBUNA perde e tem culpado: o árbitro

Aconteceu na sexta-feira de madrugada, no ginásio do Pró-Cubango em Niterói, aquele que estava sendo esperado como o jogo do século: TRIBUNA DA IMPRENSA x Moreira César, sendo que cada equipe compareceu com dois quadros. O quadro principal da TRIBUNA jogou com Paulinho; Miltinho, Rodolfo, Bruno, Zezinho, C. Henrique e Pedro. A partida foi amplamente disputada e faltando pouco mais de um minuto para seu término o placar assinalava 4x2 para o time aqui da casa. Algumas pequenas "coincidências" (o juiz — Serjão — era do time do Moreira César), fizeram com que o escore virasse rapidamente, terminando a partida com o resultado de 5x4 para a equipe do Moreira César. Os gols da TRIBUNA foram marcados por Miltinho, C. Henrique e Rodolfo (2). A revanche nos foi prometida — desta vez com a arbitragem neutra...

Na preliminar a equipe da TRIBUNA empatou brilhantemente, graças a incrível atuação do nosso diagramador (que no momento ocupava a posição de centroavante), o popular Messias, que marcou os quatro gols. O resultado final (4x4 foi aplaudido pelo público presente, que vibrou ainda com a destacada presença do Napoleão, outro grande nome da peleja nos minutos que jogou. Pedro, Paulinho, Ismael, Reinaldo, Messias, Napoleão, C. Henrique e Zezinho II compuseram a vitoriosa (apesar do empate) equipe da TRIBUNA DA IMPRENSA.

Flu: vitória mais fácil que o esperado

A vitória do Fluminense veio mais fácil do que ele poderia imaginar. Derrotou o Botafogo por 4x0, na tarde de ontem no Maracanã e poderia marcar mais dois ou três gols, tal a facilidade com que chegava ao gol de Paulo Sérgio, para chutar na cara do goleiro. Há muito que o Fluminense não encontra uma moleza como essa, contudo, diga-se que a vitória veio pelos seus méritos e o desacerto do Botafogo apenas colaborou. Até marcar os dois primeiros gols, era o time tricolor dono da partida e depois jogou sozinho.

Para o Botafogo, foi uma tarde negra. Nada deu certo. Foi o Botafogo quem facilitou tudo para o Fluminense. Desde o começo, foi envolvido pela maior disposição dos tricolores e seu meio-campo não conseguiu passar da linha média tricolor. Basta dizer que o goleiro Paulo Goulart fez a primeira defesa aos 12 minutos, em bola atrasada pelo zagueiro Tadeu. **No minuto seguinte o Botafogo sofreu o primeiro gol, o seguir o meio-campo Wescley fez uma falta desclassificante e foi justamente expulso pelo juiz. Wescley sofreu falta de Mário e deu-lhe uma cotovelada. O juiz estava perto e mostrou-lhe o cartão vermelho.**

Fotos: JORGE REIS

Depois disso, o Botafogo, mesmo com dez jogadores, tentou uma reação, que parou no segundo gol do Fluminense e aí a vaca foi pro brejo. O time descontrolou-se completamente. Assim se explica a goleada de ontem no Maracanã.

FLUMINENSE

O Fluminense entrou em campo com uma determinação e lançou-se ao ata- Botafogo no seu proprio campo. Isso deu certo. O time tricolor não saía da defesa alvinegra, mas sentia dificuldade para penetrar, de vez que a defesa do Botafogo defendia-se de qualquer maneira e impedia o avanço dos jogadores tricolores.

Aos 12 minutos, surgiu o gol do Fluminense, numa jogada rápida da esquerda, pegando a defesa alvinegra de surpresa. Esse gol deu mais ânimo ao Fluminense, que passou a tocar a bola com mais insistência, trocando passes para envolver o time adversário.

Tinha o Fluminense o comando da partida. O seu goleiro não era importunado, pois o Botafogo não ia à frente. O seu ataque estava inoperante. O Fluminense retraiu-se um pouco e sofreu ligeira pressão alvinegra, mas desordenada. Com o segundo gol tricolor, tudo acabou-se. O time tomou conta da partida e não permitiu mais nada aos alvinegros.

Ainda no primeiro tempo surgiu o terceiro gol e mais não fez porque os seus jogadores não forçaram. Depois disso ninguém esperava por qualquer reviravolta no placar. Com um homem a mais e dominando todos os setores, o Fluminense nem precisava da fase final para mais nada.

O tempo final foi uma repetição do primeiro tempo. O quarto gol aos 3 minutos previa até uma goleada ainda maior, o que só não aconteceu pelo bom trabalho do goleiro Paulo Sérgio, que fez mais quatro grandes defesas.

Todo o time tricolor esteve bem. Soube explorar as falhas do adversário e marcou os gols necessários para chegar à goleada. Apesar da facilidade do jogo, o goleiro Paulo Goulart mostrou insegurança em algumas defesas; a linha de zagueiro esteve bem, mas os destaques foram os laterais Edevaldo e Rubens; no meio-campo, Delei, Gilberto e Mário parou o Botafogo na metade do campo e o ataque foi bastante objetivo. Zezé na esquerda passava fácil por Perivaldo e Cláudio Adão levou vantagem sobre René.

BOTAFOGO

Começou mal, levou 13 minutos sem chegar ao gol de Paulo Goulart e sofreu o primeiro gol. Partiu para a reação, que se complicou com a expulsão de Wesclei. Com um a menos e perdendo, o time tentou alguma coisa na base da correria e teve bons momentos. Contudo, o segundo gol tricolor aos 26 minutos acabou com o pouco futebol que ainda restava ao Botafogo. Veio o terceiro gol, veio o quarto e outros surgiriam não fosse a atuação do goleiro Paulo Sérgio.

Todo o time alvinegro falhou. A linha de zagueiros descontrolou-se como todo o time. O meio campo nunca se armou e o ataque não existiu. Uma tarde ruim, para um time em formação.

GOLS

Fluminense 1x0 — Gilberto aos 13 minutos — Mário chutou de fora da área, pela esquerda, mas o chute não foi forte. Entrou Gilberto e tocou para o gol enganando o goleiro Paulo Sérgio.

Fluminense 2x0 — Zezé aos 26 minutos — outro bom ataque tricolor e Delei abriu na esquerda para Zezé, livre na altura do bico da área. O ponteiro penetrou na área e chutou forte, sem defesa.

Fluminense 3x0 — Cláudio Adão aos 32m — a jogada começou com ele mesmo que abriu para Edevaldo. O lateral foi à linha de fundo, levantou a bola para Mário, que ajeitou para Cláudio Adão finalizar com forte chute.

Fluminense 4x0 — Cláudio Adão aos 3m da fase final — René, afobado, mandou a bola para escanteio, que batido da esquerda, a bola caiu na direita para Robertinho. Este levantou para a área. Cláudio Adão ajeitou e chutou na cara do goleiro.

Valquir Pimentel foi o juiz, auxiliado por José Carlos Moura e Mário Leite Santos; a renda somou Cr$ 4 488 290,00 (34 953 pagantes) e eis os times: FLUMINENSE — Paulo Goulart; Edevaldo (Marinho), Tadeu, Edinho e Rubens; Delei, Gilberto (Cristóvão) e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé; BOTAFOGO — Paulo Sérgio; Perivaldo, Zé Eduardo, René e Serginho; Luisinho, Wesclei e Mendonça; Edson, Marcelo (Rocha) e Tiquinho.

OLARIA É LÍDER

O Olaria voltou a vencer e agora é o líder isolado do Torneio da Morte, tendo derrotado ao São Cristóvão, por 1 a 0, no Estádio Ítalo Del Cima. Os outros jogos terminaram empatados sem abertura de contagem.

Faltando duas rodadas para terminar o Torneio de Classificação, o Olaria está quase classificado, mas está sendo perseguido pelo Friburguense, um ponto atrás e pelo Volta Redonda, dois pontos atrás. Seguem-se Niterói e Portuguesa, que ainda têm esperanças, Madureira que está quase fora e São Cristóvão que já está eliminado.

Os resultados das partidas efetuadas ontem, pela 5.ª rodada, foram estas:

No Ítalo Del Cima, Olaria 1 x São Cristóvão 0 — gol de Henri.

Em Marechal Hermes, Madureira 0 x Niterói 0.

Na Gávea, Volta Redonda 0 x Friburguense 0.

A colocação, por pontos ganhos, ficou sendo a seguinte: Olaria, 7; Friburguense, 6; Volta Redonda, 5; Niterói e Portuguesa, 4; Madureira, 3 e São Cristóvão, 1.

FLUMINENSE ESTÁ FORA

O Fluminense está fora do quarto turno do Campeonato Estadual de Júniors. Foi derrotado sábado pelo Friburguense, em Friburgo, por 4 a 1, enquanto o América derrotou o Americano, em Campos, por 4 a 1 e os dois estão classificados.

Após a última rodada do 3.º turno, em que o Vasco perdeu a invencibilidade, embora seja o campeão, ficaram definidos os dez clube que disputarão o último turno: Vasco, Flamengo, Bangu, Goitacás, Botafogo, Volta Redonda, Americano América, Campo Grande e Olaria. Foram desclassificados e agora só jogarão em 1981: Fluminense, Friburguense, Madureira, Bonsucesso, São Cristóvão, Portuguesa, Serrano e Niterói.

Os resultados de sábado foram estes: em Volta Redonda, Volta Redonda 1 x Vasco 0; no Estádio Proletário, Bangu 0 x Botafogo 0; em Nova Friburgo, Friburguense 4 x Fluminense 1; em Campos, Goitacás, 1 x Flamengo 0; em Campos América 4 x Americano 1; e na Rua Bariri, Olaria 4 x Serrano 1.

A colocação do 3º turno por pontos ganhos, ficou sendo esta: Vasco (campeão), 14; Bangu e Volta Redonda 11; Flamengo, 10 Botafogo e Goitacás, 9; Americano e América, 7; Fluminense e Friburguense, 6.

VASCO ESTÁ NA TERRA

A delegação do Vasco chegou sábado, da Europa, mas sua maior conquista, o Troféu Colombino (uma caravela no valor de Cr$ 500 mil) só chegou ontem, porque não havia lugar no compartimento de bagagem do avião que estava superlotado. Embora o avião tivesse chegado ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro às 5.40 horas, os componentes da delegação vascaína só conseguiram ser liberados da Alfândega às 7 horas, porque a maioria teve que pagar excesso de bagagem e taxas por serem trazido mercadorias acima do limite previsto pela lei.

A torcida organizada festejou a equipe que, em dez jogos, venceu seis, perdeu três e empatou um, conquistando o 1º lugar no Torneio Colombino e o segundo lugar no Torneio de Belgrado e no de Barcelona. Os amistosos, o Vasco ganhou todos.

O técnico Zagalo, que liberou os jogadores até hoje, pela manhã, confirmou o pedido de dois reforços ao vice de futebol Antônio Soares Calçada e fez elogios ao time que suplantou as péssimas arbitragens na Espanha. Zagalo elogiou Orlando, agora zagueiro central, também gostou muito da dedicação de Paulo César, mas recriminou as atitudes de Guina e Wilsinho agredindo o juiz e bandeirinha num jogo em que foram expulsos de campo.

A partir de hoje, Zagalo já terá uma noção de quais os jogadores que estão aos cuidados do Departamento Médico que poderá escalar para o primeiro jogo de campeonato no próximo domingo. Guina, Dudu, Zandonaide, Serginho e Marco Antônio apresentam sensíveis melhoras e representam esperanças para que possam jogar. Apenas o zagueiro Ivan, com fratura num braço, está fora de cogitações.

PROVÁVEIS JOGOS DA RODADA

Vasco x América, domingo, no Maracanã, deverá ser o clássico da próxima rodada do Campeonato Estadual de Profissionais, marcando a volta do Vasco após uma excursão de um mês à Europa e o Flamengo deve estrear sábado, contra o Bonsucesso, no Maracanã se este esboço for aprovado amanhã, na reunião do Conselho Arbitral da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

A reunião foi marcada para aprovar apenas mais uma rodada, de vez que as seguintes dependerão da classificação dos três pequenos que subirão do Torneio da Morte faltando duas rodadas.

O Fla-Flu deve ser também confirmado para a rodada do dia 14 de setembro.